



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E BIOCÊNCIAS –
DOUTORADO
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA DO CUIDADO E IMAGEM EM ENFERMAGEM
(LACUIDEN)

**ENTRE DES(ENCANTOS) MIL DA CIDADE MARAVILHOSA: INSTALAÇÃO DOS
BANHEIROS PÚBLICOS (1902-1906)**

SIMONE DE AGUIAR DA SILVA
Orientador: Prof. Dr. FERNANDO PORTO

Rio de Janeiro
Março/2018

SIMONE DE AGUIAR DA SILVA

**ENTRE DES(ENCANTOS) MIL DA CIDADE MARAVILHOSA: INSTALAÇÃO DOS
BANHEIROS PÚBLICOS (1902-1906)**

Relatório final de defesa de tese de Doutorado, apresentado ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Biociências da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito à obtenção do título de Doutor em Ciências.

**Rio de Janeiro
Março/2018**

S586 Silva, Simone de Aguiar da
Entre (des)encantos mil da Cidade Maravilhosa:
instalação dos banheiros públicos (1902-1906) /
Simone de Aguiar da Silva. -- Rio de Janeiro, 2018.
122 f

Orientador: Fernando Rocha Porto.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação
em Enfermagem e Biociências, 2018.

1. Pereira Passos. 2. Habitus. 3. Civilização. 4.
Banheiros Públicos. 5. Cidade Maravilhosa. I.
Porto, Fernando Rocha , orient. II. Título.

**ENTRE DES(ENCANTOS) MIL DA CIDADE MARAVILHOSA: INSTALAÇÃO DOS
BANHEIROS PÚBLICOS (1902-1906)**

SIMONE DE AGUIAR DA SILVA

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora como exigência do Curso de Doutorado em Enfermagem e Biociências, da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, em março de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fernando Rocha Porto
Presidente

Prof.^a Dr.^a Mercedes de Oliveira Neto
1.^a Examinadora

Prof. Dr. Alexandre Oliveira
2.^o Examinador

Prof.^a Dr.^a Teresa Cristina de Carvalho Piva
3.^a Examinadora

Prof. Dr. Wellington Mendonça de Amorim
4.^o Examinador

Prof. Dr. Carlos Magno Carvalho da Silva
5.^a Examinador

Prof.^a Dr.^a Tânia Maria de Almeida Silva
Suplente

Prof.^a Dr.^a Andréia Neves Sant'Anna
Suplente

Prof.^a Dr.^a Mary Ann M. Freire
Suplente

**Rio de Janeiro
Março/2018**

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra à minha família, pelo amparo, compreensão e carinho enquanto realizava
esta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço ao Autor da minha existência, Aquele que permite que todas as coisas se concretizem no tempo certo, nosso espírito superior, único e verdadeiro Deus.

À minha querida mãe, Zilda de Aguiar, pelo grande amor que tem por mim. Obrigada por todos os esforços para me tornar enfermeira, mestre e agora doutora, e por ter me criado com dignidade e muito carinho.

Ao meu pai, Severino Gomes, que hoje reconhece a importância do meu estudo, e sei que torce pela minha vida e ascensão profissional.

Ao meu filho de quatro patas, *Snoopy*, por alegrar meus momentos de solidão acadêmica, pulando em mim e brincando com seu jeitinho peculiar.

À minha linda irmã Sandra Carvalho, sempre pronta a me ajudar em todos os momentos. Obrigada por toda ajuda. Se cheguei onde estou, você foi fundamental para eu alcançar todas as minhas conquistas.

Ao meu sobrinho Matheus Carvalho. Desculpe a *Kiki* por todas as ausências, pelos filmes não assistidos e passeios não realizados, mas que foram necessárias para o término deste processo. Obrigada por seu carinho sempre.

Ao meu amor Alex Ferreira, que “sofreu” comigo o caminhar deste doutoramento. Obrigada pela grande ajuda, e perdoe-me pelo que deixei de fazer para me dedicar ao processo de doutorado.

À Coordenação da Fiscalização do COREN-RJ, pela compreensão e flexibilização da minha escala de trabalho, para que eu pudesse cumprir os requisitos do Curso de doutorado.

Às amigas formadas no COREN-RJ e para a vida: Greice Molim, Danielli Ciuffo e Érika Machado, pelo apoio, amizade e compreensão.

Aos amigos do Hospital Pedro Ernesto: José Nicodemos, Luiz Gustavo, Ana Paula, Flávia, Lidiane e Viviane Kipper, obrigada pela força, incentivos e entendimentos.

Ao meu grupo de pesquisa LACUIDEN. Sem vocês eu não teria conseguido. Agradecer talvez seja pouco, pela importante contribuição de cada um em prol da realização desta pesquisa. Obrigada por todas as vibrações positivas. Todos nós somos “banheiros públicos”. Todos nós somos LACUIDEN. Um abraço forte em vocês.

Agradecimento especial à amiga Tatiana Gomes. Obrigada pelo ombro amigo em tantos momentos, além dos limites da EEAP. Você sempre esteve pronta ajudar, soube me confortar e alegrar. Amiga que o doutorado me deu e que levarei sempre no meu coração.

Outro agradecimento carinhoso é para Andréa Sant'Ana. Obrigada pela bela voz e ajustes necessários para a paródia.

Aos professores que fizeram parte da Banca Examinadora, pela atenção e contribuições imprescindíveis na construção deste estudo.

Ao meu querido mestre, amigo e orientador Fernando Porto. Obrigada pelo seu carinho, incentivo, paciência e ideias fundamentais para a construção deste trabalho. Desculpe-me por algo que não tenha saído como você desejou, mas foi onde consegui chegar. Na defesa da dissertação eu disse, e agora, novamente repito, que, quando crescer, desejo ser igual a você.

E àqueles que torceram e torcem por mim.

Muito obrigada a todos!

SUMÁRIO DE FAC-SÍMILES

<i>Fac-símile n.º 01</i>	Charge lixos na Rua.....	17
<i>Fac-símile n.º 02</i>	Charge Febre amarela.....	18
<i>Fac-símile n.º 03</i>	Cortiço carioca.....	19
<i>Fac-símile n.º 04</i>	Construção da Avenida Central, 1904.....	23
<i>Fac-símile n.º 05</i>	Avenida Central, 1906.....	25
<i>Fac-símile n.º 06</i>	Avenida Central, 1905.....	26
<i>Fac-símile n.º 07</i>	Modas da Revista.....	26
<i>Fac-símile n.º 08</i>	<i>Avenue des Champs Èlysées</i> , 1900.....	42
<i>Fac-símile n.º 09</i>	Avenida Central, 1906.....	42
<i>Fac-símile n.º 10</i>	Lagoa do Boqueirão.....	45
<i>Fac-símile n.º 11</i>	Passeio Público do início do século XX.....	46
<i>Fac-símile n.º 12</i>	Aquário de água salgada.....	47
<i>Fac-símile n.º 13</i>	Matriculados e não matriculados (Cidade Maravilhosa).....	56
<i>Fac-símile n.º 14</i>	Carnaval (Cidade Maravilhosa).....	56
<i>Fac-símile n.º 15</i>	Uma obra política Rio de Janeiro (Cidade Maravilhosa).....	56
<i>Fac-símile n.º 16</i>	Na inauguração da Avenida Beira Mar (Cidade Maravilhosa).....	57
<i>Fac-símile n.º 17</i>	Projeto n.º 15 (autorização para instalar banheiros públicos).....	62
<i>Fac-símile n.º 18</i>	Instalação de mictórios do tipo moderno no Beco dos Barbeiros e Travessa do Rosário.....	62
<i>Fac-símile n.º 19</i>	Instalação de mictórios do tipo moderno na Rua Senador Dantas.....	63
<i>Fac-símile n.º 20</i>	Instalação de mictórios higiênicos.....	64
<i>Fac-símile n.º 21</i>	Instalação de mictório no mercado da Candelária.....	64
<i>Fac-símile n.º 22</i>	Instalação de dejectório e mictório na Rua Gonçalves Dias.....	65
<i>Fac-símile n.º 23</i>	Construção de mictórios modernos e higiênicos na Rua Senador Dantas.....	65
<i>Fac-símile n.º 24</i>	Mictório no Jardim da Praça da República, Centro - RJ.....	66
<i>Fac-símile n.º 25</i>	Instalação Sanitária Praça da República - RJ.....	66
<i>Fac-símile n.º 26</i>	<i>Urinoir des champs Elysées</i>	66
<i>Fac-símile n.º 27</i>	<i>Chalet de nécessité des Champs Èlysées</i>	66
<i>Fac-símile n.º 28</i>	Casa Inglesa para fornecimento e colocação de mictórios de porcelana.....	68

<i>Fac-símile n.º 29</i>	Construção, no jardim de Botafogo, de um <i>chalet</i> de dejectórios e mictórios para homens e senhoras.....	68
<i>Fac-símile n.º 30</i>	Construção de <i>chalet</i> de latrinas na Praça Quinze de Novembro para senhoras e homens.....	69
<i>Fac-símile n.º 31</i>	Instalação Sanitária na Praça 15 de Novembro.....	70
<i>Fac-símile n.º 32</i>	Pavilhão Sanitário para mulheres na Praça Tiradentes.....	71
<i>Fac-símile n.º 33</i>	Construção no Caes da Glória de mictório e dejectórios.....	72
<i>Fac-símile n.º 34</i>	Ausência da pressão de pena d'água no mictório do Beco dos Barbeiros.....	72
<i>Fac-símile n.º 35</i>	Trecho da Planta da Cidade do Rio de Janeiro ao final da gestão de Pereira Passos (1902-1906).....	74
<i>Fac-símile n.º 36</i>	Reclamações dos mictórios por sua insalubridade instalados na parte posterior da Escola Polytechnica.....	80
<i>Fac-símile n.º 37</i>	Mictórios focos de centenas de micróbios.....	81
<i>Fac-símile n.º 38</i>	Retirada do mictório para sanear o local.....	81
<i>Fac-símile n.º 39</i>	Remoção dos imundos mictórios ainda existentes em alguns pontos frequentados.....	82
<i>Fac-símile n.º 40</i>	Falta de limpeza dos mictórios instalados no Largo do Machado.....	83
<i>Fac-símile n.º 41</i>	Reclamação dos imundos mictórios no Largo de S. Francisco de Paula e na travessa do Theatro.....	83
<i>Fac-símile n.º 42</i>	Reclamação da imundice dos mictórios.....	84
<i>Fac-símile n.º 43</i>	Falta de higiene dos mictórios.....	84
<i>Fac-símile n.º 44</i>	Ação contra um mictório.....	85
<i>Fac-símile n.º 45</i>	Ação impropriedade contra o mictório.....	85
<i>Fac-símile n.º 46</i>	Falta de higiene dos mictórios e dejectórios.....	86
<i>Fac-símile n.º 47</i>	Uma piada da Gazeta.....	87
<i>Fac-símile n.º 48</i>	Mictórios fétidos e sem água.....	87
<i>Fac-símile n.º 49</i>	Falta de água nos mictórios.....	88
<i>Fac-símile n.º 50</i>	Falta de água nos mictórios.....	88
<i>Fac-símile n.º 51</i>	Os gatunos.....	89
<i>Fac-símile n.º 52</i>	Limpeza dos mictórios.....	91
<i>Fac-símile n.º 53</i>	Limpeza dos mictórios.....	91
<i>Fac-símile n.º 54</i>	Limpeza dos mictórios.....	91

<i>Fac-símile</i> n.º 55	Propaganda do produto de limpeza “Sanitas”.....	92
<i>Fac-símile</i> n.º 56	Mictórios sujos e quebrados (1907).....	93
<i>Fac-símile</i> n.º 57	Mictórios imundos (1908).....	94
<i>Fac-símile</i> n.º 58	Jardins da Praça da República – Banheiro público (2017).....	108

SUMÁRIO DE QUADROS DEMONSTRATIVOS

Quadro n.º 1 – Exemplo da descrição e classificação das imagens (<i>fac-símiles</i>).....	34
Quadro n.º 2 – Notícias veiculadas pela imprensa relacionadas à instalação de mictórios na Capital Federal durante a gestão do Prefeito Pereira Passos (1902-1906).....	35

SUMÁRIO

Seção I	Considerações Iniciais	15
	1.1 – Objeto do estudo.....	15
	1.2 – Problematização do estudo.....	16
	1.2.1 – Hipótese.....	28
	1.2.2 – Objetivo.....	28
	1.3 – Justificativa.....	29
Seção II	Metodologia	30
	2.1 – Tipo de estudo e técnica de triangulação de dados.....	30
	2.2 – Redução do objeto de estudo: variação de escala.....	30
	2.2.1 – A busca e a seleção das fontes.....	32
	2.3 – Conceitos de base.....	37
Seção III	Cultura Carioca e Cidade Maravilhosa	42
	3.1 – A nova cultura da cidade do Rio de Janeiro.....	44
	3.1.1 – Passeio Público: o aquário de águas salgadas.....	45
	3.1.2 – A música e o carnaval carioca.	47
	3.1.3 – A arte e o embelezamento do teatro.....	53
	3.2 – A Cidade Maravilhosa.....	54
	3.3 – Síntese da Seção.....	58
Seção IV	Os banheiros públicos instalados na gestão de Pereira Passos	60
	4.1 – Locais de instalação dos banheiros públicos.....	62
	4.2 – Características e tipos de banheiros públicos.....	65
	4.3 – <i>The City Improvements</i> e a Inspetoria de Obras Públicas.....	71
	4.4 – Efeito de lugar e <i>status</i> de mudança da cidade do Rio de Janeiro.....	73
	4.5 – Síntese da Seção.....	77
Seção V	Banheiros públicos: o disfarce da Cidade Maravilhosa	79
	5.1 – Ausência de higiene, de escoamento e de água nos banheiros públicos.	79

5.2 – “Preocupação” de limpeza nos banheiros públicos.....	90
5.3 – Os banheiros públicos na gestão da Cidade Maravilhosa.....	93
5.4 – Síntese da Seção.....	94
Seção VI Revelação dos aspectos teóricos aplicados	96
6.1 – Iluminação teórica ou à luz dos conceitos de base.....	96
Seção VII Considerações Finais	103
Referências	112

RESUMO

SILVA, Simone de Aguiar da. Entre (des)encantos mil da cidade maravilhosa: instalação dos banheiros públicos (1902-1906) – Tese (Doutorado em Enfermagem e Biociências). Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Rio de Janeiro. 2018. 122 p.

O objeto deste estudo é a instalação dos banheiros públicos na gestão do prefeito Pereira Passos (1902-1906) em prol da civilização da cidade do Rio de Janeiro. A hipótese se norteou para as contribuições dos banheiros públicos instalados, na gestão de Pereira Passos, no processo civilizatório, quando ocorreu a reconfiguração do *habitus*, e na civilização da capital federal, pela atuação no saneamento da cidade, que colaborou para o título de Cidade Maravilhosa ao Rio de Janeiro. Para ratificar ou não a hipótese, o objetivo foi discutir a instalação dos banheiros públicos na civilização do Rio de Janeiro durante a gestão de Pereira Passos, tendo por efeito a titulação da cidade como maravilhosa. Literaturas, imprensa da época, imagens, referenciais teóricos de Norbert Elias e Pierre Bourdieu foram utilizados para o desenvolvimento da técnica de triangulação de dados. Os resultados demonstraram que os banheiros instalados, na área central, valorizaram o espaço social e, devido as suas arquiteturas modernas, embelezaram ainda mais o ambiente civilizado. Além disso, inculcaram novo *habitus* para eliminação dos dejetos humanos. No entanto, a mudança de comportamento, que os banheiros deveriam provocar, foi prejudicada pela falta de asseio deles, pois se apresentavam sujos e imundos impedindo seu uso. Em outras palavras, os banheiros públicos funcionavam como depósitos de fezes e urinas, por isso a hipótese desta pesquisa se confirmou parcialmente. Dessa maneira, conclui-se que, para esconder o saneamento incompleto de Pereira Passos, intitularam a cidade como maravilhosa, mesmo com o saneamento discutível. Uma mestria que reuniu em um único adjetivo o que se tentava mostrar da cidade, de maneira a legitimar o poder dos interessados pela civilização e consagrar que o Rio de Janeiro estava maravilhoso.

Palavras-chave: Pereira Passos; *Habitus*, Civilização; Banheiros Públicos; Cidade Maravilhosa.

ABSTRACT

SILVA, Simone de Aguiar da. Among the thousand disenchantments of the wonderful city: installation of public toilets (1902-1906) - Thesis (Doctorate in Nursing and Biosciences). Center for Biological and Health Sciences, Federal University of the State of Rio de Janeiro - UNIRIO. Rio de Janeiro. 2018. 122 p.

The object of this study is the installation of the public toilets in the administration of the mayor Pereira Passos (1902-1906) in favor of the civilization of the city of Rio de Janeiro. The hypothesis was based on the contributions of the public toilets installed in the management of Pereira Passos, in the civilization process, when the habitus reconfiguration occurred, and in the civilization of the federal capital, for the city sanitation work, which collaborated for the title of City Marvelous to Rio de Janeiro. To ratify or not the hypothesis, the objective was to discuss the installation of public toilets in the civilization of Rio de Janeiro during the management of Pereira Passos, having the effect of titling the city as marvelous. Literatures, periodic press, images, theoretical references of Norbert Elias and Pierre Bourdieu were used for the development of the technique of data triangulation. The results showed that the installed bathrooms in the central area valued the social space and, due to their modern architectures, further embellished the civilized environment. In addition, they inculcated new habitus for the disposal of human waste. However, the change of behavior, which the toilets should provoke, was hampered by the lack of cleanliness of them, because they were dirty and unclean preventing their use. In other words, public toilets functioned as deposits of feces and urine, so the hypothesis of this research was partially confirmed. In this way, it is concluded that, in order to conceal the incomplete sanitation of Pereira Passos, they called the city as marvelous, even with debatable sanitation. A mastery that brought together in a single adjective what was tried to show the city, in order to legitimize the power of those interested in civilization and to establish that Rio de Janeiro was wonderful.

Keywords: Pereira Passos; Habitus, Civilization; Public toilets; Wonderful city.

RESUMEM

SILVA, Simone de Aguiar da. Entre (des)encantos mil de la ciudad maravillosa: instalación de los baños públicos (1902-1906) - Tesis (Doctorado en Enfermería y Biociencias). Centro de Ciencias Biológicas y de la Salud, Universidad Federal del Estado de Río de Janeiro - UNIRIO. Rio de Janeiro. 2018. 122 p.

El objeto de este estudio es la instalación de los baños públicos en la gestión del alcalde Pereira Passos (1902-1906) en pro de la civilización de la ciudad de Río de Janeiro. La hipótesis se orientó para las contribuciones de los baños públicos instalados, en la gestión de Pereira Passos, en el proceso civilizatorio, cuando ocurrió la reconfiguración del habitus, y en la civilización de la capital federal, por la actuación en el saneamiento de la ciudad, que colaboró para el título de Ciudad Maravillosa a Río de Janeiro. Para ratificar o no la hipótesis, el objetivo fue discutir la instalación de los baños públicos en la civilización de Río de Janeiro durante la gestión de Pereira Passos, teniendo como efecto la titulación de la ciudad como maravillosa. Literaturas, prensa de la época, imágenes, referencias teóricas de Norbert Elias y Pierre Bourdieu se utilizaron para el desarrollo de la técnica de triangulación de datos. Los resultados demostraron que los baños instalados, en el área central, valoraron el espacio social y, debido a sus arquitecturas modernas, embellecer aún más el ambiente civilizado. Además, inculcaron nuevos habitus para la eliminación de los desechos humanos. Sin embargo, el cambio de comportamiento, que los baños debían provocar, fue perjudicado por la falta de aseo de ellos, pues se presentaban sucios e inmundos impidiendo su uso. En otras palabras, los baños públicos funcionaban como depósitos de heces y orinas, por lo que la hipótesis de esta investigación se confirmó parcialmente. De esta manera, se concluye que, para ocultar el saneamiento incompleto de Pereira Passos, intitularon la ciudad como maravillosa, incluso con el saneamiento discutible. Una maestría que reunió en un único adjetivo lo que se intentaba mostrar de la ciudad, de manera a legitimar el poder de los interesados por la civilización y consagrar que Río de Janeiro era maravilloso.

Palabras clave: Pereira Passos; Habitus, Civilización; Baños públicos; Maravillosa ciudad.

Seção I

Considerações Iniciais

1.1 Objeto de estudo

O objeto de estudo desta pesquisa refere-se à instalação dos banheiros públicos na gestão do prefeito Pereira Passos¹ (1902-1906), na cidade do Rio de Janeiro².

No início do século XX, Pereira Passos delineou eixos visando a civilização da capital federal. Embelezar, abrir ruas, avenidas e sanear foram algumas estratégias planejadas ao alcance civilizatório. Tais medidas foram adotadas porque o estilo colonial e insalubre da cidade prejudicava a economia do país. Ela exibia ruas estreitas, que dificultavam a circulação de pessoas e mercadorias. As epidemias assustavam e adoeciam a população. Os dejetos humanos, dispostos no espaço público, era um dos responsáveis pela ausência de higiene na cidade. Sem dúvida, existiam inúmeros problemas que precisavam mudar, pelo reflexo negativo que causavam ao país, e por isso a civilização foi almejada.

No entanto, além dos eixos planejados para civilizar a cidade, Pereira Passos instituiu diferentes comportamentos e costumes à população, sendo que o real objetivo foi o de criar meios para a classe dominante ser vista e reconhecida como civilizada. E, para isso, refinar suas maneiras e instituir nova cultura na cidade do Rio de Janeiro era necessário. Ou seja, a visão do Prefeito de realizar somente atos administrativos visando a beleza e a estrutura física não civilizaria a cidade. Seus componentes precisavam demonstrar requinte. Assim, além de embelezar e limpar a capital da república, o prefeito preocupou-se em estabelecer novos *habitus* civilizatórios.

Para sanear o Rio de Janeiro, uma das suas estratégias foi instalar banheiros públicos na área central da cidade. Pela leitura das notícias na imprensa à época, observamos que eles acomodavam as fezes e urina, embelezavam a capital, permitiam a prática do novo *habitus* – destinação dos dejetos humanos em local próprio –, e, por conseguinte, protagonizavam o

¹ Engenheiro que viu emergir a civilização Parisiense em 1860. A permanência de Pereira Passos na Europa, neste período, foi decisiva em dois aspectos fundamentais na sua formação profissional: a engenharia ferroviária e o urbanismo. Com sua expertise de empreendedor, aliado ao conhecimento urbano adquiridos em Paris, somado a sua participação na elaboração do futuro relatório do plano de diretor da cidade do Rio de Janeiro e o florescimento da construção de uma grande avenida na cidade, o presidente da República Rodrigues Alves elegeu a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, num período que clamava por mudanças na capital federal (PINHEIRO & FIALHO JR, 2006). Desta maneira, Francisco Pereira Passos assumiu a prefeitura da capital do Brasil em 30 de dezembro de 1902 a 15 de novembro de 1906. Durante sua gestão conduziu a mais importante ação de reforma implementada no tecido urbano do Rio de Janeiro (SANTOS & MOTTA, 2003).

² A cidade do Rio de Janeiro, à época estudada, será denominada na pesquisa como Distrito Federal, capital federal, capital do Brasil ou da República e cidade maravilhosa, sendo o mesmo espaço geopolítico.

refinamento nas atitudes da população. Portanto, os banheiros refletiam um dos planos de civilização de Pereira Passos para a capital federal.

Assim, devido ao destaque dos banheiros públicos instalados pelo prefeito no desenvolvimento do Rio de Janeiro, realizaram-se buscas nas literaturas para entender a importância deles na civilização da cidade. A carência de resultados sobre o tema despertou o interesse de trazê-los como parte integrante do objeto de estudo de investigação, visto o poder que Pereira Passos, durante sua gestão, exerceu na cidade do Rio de Janeiro.

1.2 Problematização do estudo

Nos primeiros anos de 1900, o Rio de Janeiro apresentava vários problemas de saneamento motivados pela ausência de infraestrutura sanitária, doenças e aumento populacional. Por esses motivos, a cidade passou a ser conhecida no exterior como local fedorento e cemitério de europeus (KOK, 2005; JORNAL DO SÉCULO, 1903), revelando ser um lugar malcheiroso, insalubre e sinônimo de morte.

Os historiadores Eduardo Bueno³ e Laurentino Gomes⁴ relatam que o mau cheiro da cidade atribuíam-se aos comportamentos anti-higiênicos, além da disposição de lixo e excrementos humanos, realizada pela população nos espaços públicos.

Para se ter ideia dos comportamentos, podem ser citados: a venda de miúdos em tabuleiros, à mostra nas ruas do Rio de Janeiro; ordenha de vacas em via pública; escarramento em bondes e realização de necessidades fisiológicas próximas aos quiosques da cidade (KOK, 2005; JORNAL DO SÉCULO, 1903) – esses são exemplos de algumas atitudes sem asseio realizadas pela população carioca. Essas ações colaboravam para uma cidade malcheirosa e contribuía para a criação de um ambiente sujo e insalubre.

O espaço público, além de conter fezes, urina e escarro, tornou-se um ambiente acolhedor de toda espécie de lixo. De maneira visual, a Revista *Illustrada*⁵ foi testemunha ocular em ratificar os indivíduos despejando seus entulhos nas ruas da cidade. No *Fac-símile*⁶ n.º 01, podemos verificar a rua repleta de sujeiras, resultante da ação dos homens.

³ Para saber mais, leia: *À sua Saúde – A vigilância sanitária na história do Brasil* (2005) e *Passado a limpo – História da higiene pessoal no Brasil* (2007).

⁴ Para saber mais, leia: *1808 – Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil* (2014).

⁵ A *Revista Illustrada* (1876 a 1898), conforme cita Ferrez (2015), “foi à revista onde se encontrava toda a vida social, política e artística da cidade vista pelo lápis do artista e caricaturista Ângelo Agostini” (FERREZ, 2015).

⁶ *Fac-símile*: cópia ou reprodução obtida por meios fotomecânicos de um texto ou imagem (FONSECA e PORTO, 2010).

Observamos que, das cinco pessoas, três depositavam seus lixos no caminho. A impressão transmitida ao analisar suas expressões faciais nos sugere que faziam algo às escondidas.



Fac-símile n.º 01. Charge. Revista Illustrada, Rio de Janeiro, p. 04, 1892

Legenda: O triste e repugnante espectáculo que offerecem, actualmente, ao estrangeiro, as ruas da nossa primeira cidade: lixo por toda a parte durante o dia.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Na imagem, uma pessoa observa, enquanto que a outra, com chapéu na cabeça, tapa as suas narinas, devido ao mau cheiro exalado dos entulhos. Usando trajes diferentes dos demais, caminha sobre o lixo, possivelmente um estrangeiro ou de outra classe social. Por fim, a sujeira era tratada pelo periódico, de maneira crítica e como espetáculo sensacionalista, mas ao final a abordagem era em tom de tristeza devido ao ambiente insalubre em que viviam as pessoas na cidade do Rio de Janeiro.

Dessa forma, o destino inadequado do lixo, a ausência de local sanitário apropriado para o escarramento e esgotos humanos, e a manipulação de alimentos em local coletivo revelavam, além da carência de infraestrutura sanitária na capital federal, a existência de um local insalubre e fétido.

Além de suportar o terrível mau cheiro e a ausência de higiene, a população da cidade sofria com as epidemias de peste bubônica, varíola e febre amarela (BUENO, 2005; KOK, 2005). A última era a única moléstia que a medicina brasileira desconhecia seu ciclo epidemiológico à época. A associação da doença era feita aos miasmas, ao contágio e aos microrganismos (BENCHIMOL, 1992; FRANCO, 1969). As orientações sanitárias referentes ao mosquito transmissor surgiram após os estudos do médico cubano Carlos J. Finlay, em

1885 (FRANCO, 1969), que passaram a guiar as ações brasileiras contra a doença com o médico Oswaldo Cruz.

No entanto, até a adoção de medidas visando o controle do agente causador e aos acometidos pela febre amarela, a moléstia assustava e matava a população do Rio de Janeiro nos primeiros anos de 1900. O temor e a morte ocasionada pela doença eram representados, pela Revista Illustrada (*Fac-símile* n.º 02), em forma de caveira humana segurando uma foice e sobrevoando a cidade. Em outras palavras, a imagem da caveira estava associada à morte, e por essa razão ao Rio de Janeiro atribuiu-se as designações de cemitério ou cidade da morte.



Fac-símile n.º 02. Charge. Revista Illustrada, Rio de Janeiro, p. 05, 1889

Legenda: A febre amarella visita-nos e aproveitando-se do calor, começa a dizimar as classes pobres

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

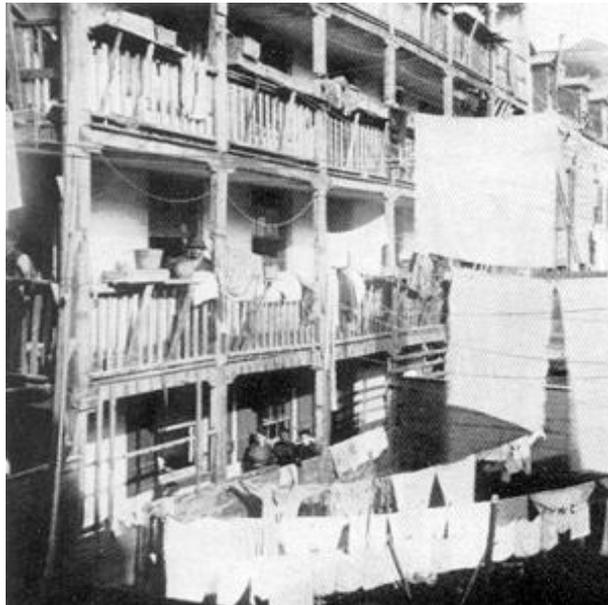
Além de a cidade ter sido considerada cemitério, a principal população atingida pelas doenças era de europeus – classe pobre –, por isso a designação de cemitério dirigida aos imigrantes. Eles chegavam à cidade na esperança de trabalho e melhores condições de vida, o que conseqüentemente levou ao aumento populacional. Para se ter ideia, de 1872 a 1890, ocorreu aumento considerável – mais que o dobro – na população do Rio de Janeiro. Senão vejamos: de 266 mil passou a 522 mil habitantes, e em 1904 totalizava 730 mil (KOK, 2005). Assim, a demografia da cidade apresentava-se em expansão.

Outra adjetivação atribuída à capital federal foi de ser um lugar tumultuado e ocupado por estrangeiros, em decorrência do aumento populacional que ocorria ao longo dos tempos na cidade. A aglomeração de imigrantes era resultado da carência de moradias na capital federal, pois o setor habitacional não acompanhou a crescente demografia. Devido ao número

insuficiente de moradias as famílias se concentravam nas habitações coletivas no centro da cidade (VAZ, 2002).

Dentre os exemplos de moradia coletiva, podemos citar os cortiços. Eles eram constituídos de pequenos quartos de madeira ou construção ligeira. Algumas vezes, eram instalados nos fundos de prédios, uns sobre os outros, com vários andares, varandas e escadas de difícil acesso, sem cozinha, existindo ou não pequeno pátio, com área ou corredor; eram assim construídos para acomodar a população (CARVALHO, 1995).

No *Fac-símile* n.º 03, apresentamos a visualidade do cortiço do início do século XX. Constatamos quatro andares e, a cada um deles, existiam diversos cômodos, sem privacidade, pois para o acesso até eles era necessário passar na frente dos cômodos vizinhos. A confecção das grades lembram madeiras e sobre elas há vários objetos sobrepostos, além de servirem como local para prender diversos varais. As roupas estendidas se misturavam e ficavam expostas aos olhos de todos.



Fac-símile n.º 03. Cortiço carioca antes da remodelagem e aberturas de ruas por Pereira Passos
Fonte: Arte, cultura e literatura, 2012.

Nessas habitações havia banheiros, pias e latrinas, mas em número insuficiente para atender ao quantitativo de moradores dos cortiços, o que favorecia a eliminação dos detritos humanos em outros ambientes. Era assim, de forma tumultuada, sem privacidade e com precárias condições de higiene que viviam os moradores da cidade (VAZ, 1994).

Em síntese, o Rio de Janeiro representava a desordem sanitária, tanto no espaço público, como no ambiente privado. Por um lado, a ausência de esgoto sanitário, por outro, a presença de sujeira e fezes em toda parte, maus odores, doenças, população europeia, africana

e negra alforriada e aglomerada em habitações coletivas com precárias condições de higiene. Além disso, a organização geográfica favorecia inundações de ruas e pântanos. Esse é o resumo que o cenário da cidade apresentava no início do século XX. Ela estava distante dos princípios republicanos de ordem e progresso, escritos e destacados na Bandeira Nacional.

Oportuno destacar que esse cenário da capital federal, além de acometer seus habitantes com diversos problemas e adoecimentos, também prejudicava o aspecto econômico do país. Os imigrantes europeus ficavam completamente receosos de desembarcar nas terras cariocas devido à mortalidade causada pelas epidemias. As transações comerciais não eram dinâmicas por causa das quarentenas a que as embarcações do Rio de Janeiro eram submetidas nos portos do exterior (KOK, 2005). Portanto, a carência de mão de obra e os problemas para escoar o café nos portos estrangeiros, além do receio da Europa em relação à insalubridade no porto brasileiro, afetavam diretamente a economia do café no país.

O Rio de Janeiro se apresentava em concorrência direta com as principais metrópoles sul-americanas como Montevideu e Buenos Aires e a capital da república queria ocupar lugar de destaque no mercado mundial (De PAOLI, 2013). Mas os problemas sanitários a deixavam em desvantagem frente aos outros países. Por isso, a capital federal suja e insalubre precisava desaparecer e uma nova cidade surgir, oposta ao cenário que se apresentava.

Por esse motivo, as classes dominantes passaram a desejar mudanças no intuito de atrair créditos e estimular o comércio com a Europa e Estados Unidos, coadunando o interesse político e ideológico em reafirmar o poder das elites republicanas⁷. Por conseguinte, o verbo civilizar passou a ser conjugado pelas elites cariocas e burguesia emergente pelo anseio de a capital federal chegar à altura de Londres e Paris (KOK, 2005). Paris especificamente, pois a Cidade Luz, nessa época, servia de referência para a modificação de várias capitais europeias e americanas (SANTOS e MOTTA, 2003).

A civilização para a cidade representava deixar para trás seu aspecto de colônia e toda adjetivação negativa que o mundo atribuiu ao Rio de Janeiro – ou seja, deixar de ser uma cidade malcheirosa, insalubre e temida pelas epidemias. O país civilizado proporcionaria entrada de capitais e de europeus na cidade, além de favorecer a exportação do café brasileiro, doravante, por meio de um porto moderno e salubre⁸ (KOK, 2005). Dessa forma, a civilização era resultante da reforma física da cidade, transformando-a em um ambiente salubre e bonito.

⁷ A delimitação temporal dessa pesquisa (1902-1906) encontra-se no período que ficou conhecido na história do Brasil como Primeira República ou República Oligárquica (1889 – 1930). Esse momento da história do país foi aquele que evidenciou a continuidade da defesa das elites latifundiárias (republicanas) especialmente as ligadas à cafeicultura (ZOTTI, 2005).

⁸ Para saber mais, leia: *Rio de Janeiro na época da Avenida Central (2005)*.

Gilberto Ferrez⁹ sinalizou que para civilizar o Rio de Janeiro seria necessária uma gestão capaz de transformar os aspectos negativos da capital federal. Isso implicava mudanças na arquitetura colonial, rotina da cidade, em prol do ambiente salubre e saudável. No entanto, além disso, era imprescindível modificar os hábitos e costumes da cidade (FERREZ, 2015). Assim, a civilização representava mudanças, não somente no aspecto físico da capital federal, mas também no que se refere ao comportamento da população.

A autora francesa Armelle Enders¹⁰ ratificou o entendimento de Gilberto Ferrez quando citou que a civilização almejada pelas classes dominantes deveria se desenvolver baseando-se em dois domínios: grandes obras por meio de ampla reforma urbana e mudanças de comportamento de seus habitantes (ENDERS, 2015).

Por isso, reformar o espaço urbano e mudar os comportamentos direcionaram a temática de civilização. Nesse sentido, elegeu-se, neste estudo, o autor Norbert Elias (1994)¹¹ como uma das referências teóricas. Ele entende que civilizar trata-se de mudanças que perpassam tanto no âmbito de oposição à barbárie, bem como na esfera comportamental, por meio de um processo que ele designou como civilizador (ELIAS, 1994).

Sua perspectiva teórica sinaliza que a civilização é um termo francês que surgiu em meados do século XVIII, com evidente intenção de estabelecer um novo ambiente para a nobreza – portadora de comportamentos e estilos modernos –, diante do despojamento e hábitos considerados rudes e relacionados às camadas pobres e rurais. Dessa forma, civilizar o Rio de Janeiro significava eliminar o que era bárbaro nas condições vigentes – a velha cidade –, e, nesse ambiente, segregar as classes pobres e ricas, e, ainda mais para essas últimas, instituir comportamentos civilizados.

Considerando o entendimento de Elias sobre civilização, Bourdieu (1983) avança nas suas concepções teóricas quando relata que ela pode ser entendida como formadora de um campo de disputa. Portanto, nossa compreensão foi de que a área do Rio de Janeiro se tornou um espaço de luta quando foi planejada a civilização da cidade. Isso porque a elite e a burguesia emergente passaram a pleitear a área central com a classe pobre da sociedade, que tinha suas moradias populares naquele lugar cobiçado. Logo, a transformação do Rio de Janeiro implicava mudar a velha cidade e, para que isso ocorresse, uma disputa pelo espaço físico se estabeleceria entre as classes sociais.

⁹ Para saber mais leia: *A muito leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro* (2015).

¹⁰ Para saber mais, leia: *A história do Rio de Janeiro* (2015).

¹¹ Para saber mais, leia: *O Processo Civilizador: uma história dos costumes* (1994).

O “prêmio” para o vencedor do conflito seria o exercício do poder na localidade. Tal vitória configuraria, para Elias (1994), a segregação de classes, e, para Bourdieu (1983), o surgimento de classes dominantes e dominadas. Por isso, na cidade do Rio de Janeiro, o processo civilizador revelaria o refinamento de maneiras, enquanto que o capital cultural a manutenção do poder como capital simbólico instituído.

Destarte, a civilização da capital federal se guiou na eliminação da obsoleta cidade, na distinção social, no processo civilizador e na reconfiguração cultural. Conjecturava-se que a barbárie seria abolida na construção de nova cidade, planejada para ser bonita e salubre. A distinção social ocorreria a partir da formação de classes superiores, que, para conservar as condições mais altas dentro da sociedade, precisavam acumular capital cultural. O processo civilizador aconteceria em decorrência de novos *habitus* instituídos e apreendidos pelas classes dominantes, e como resultado surgiria a nova cultura idealizada para a capital federal. Considerando esses eixos, foi planejada a civilização para a cidade do Rio de Janeiro.

Visando o alcance da eliminação da barbárie, um plano foi articulado e culminou em três pontos fundamentais que transformariam o Rio de Janeiro, sendo eles: 1) reurbanização, 2) modernização do porto e 3) saneamento da capital federal (BUENO, 2005; KOK, 2005). A proposta para realizar tais mudanças foi apresentada pelo presidente da República na época, Rodrigues Alves¹², cafeicultor que ganhou a cadeira da presidência do país com o objetivo de dinamizar a economia cafeeira. Para isso, tornava-se fundamental mudar o cenário carioca insalubre. Logo, a feiura teria que se tornar bela; a colônia e a barbárie se transformariam em modernidade e civilização (KOK, 2005).

Empenhado nesse eixo tríplice de civilização, o presidente da República escolheu o grupo técnico que executaria o plano, sendo assim composto: o engenheiro Lauro Miller, ocupando o Ministério da Aviação e Obras Públicas; Francisco Pereira Passos, também engenheiro, como prefeito da cidade do Rio de Janeiro; e o médico sanitário Oswaldo Cruz (BUENO, 2005; KOK, 2005).

Foi delegada a Pereira Passos a responsabilidade de ordenar e civilizar a cidade do Rio de Janeiro. Para isso, de maneira análoga, o prefeito elaborou um plano para reurbanização da capital federal durante sua gestão (1902-1906), tendo como eixos principais o embelezar, abrir ruas e sanear a cidade (SOUZA, 2006). Esses eixos estiveram presentes na civilização de Paris, ocorrida em 1860, e que foi assistida por ele. Por conseguinte, as influências francesas

¹² Fazendeiro paulista eleito presidente da república em 1902. Seu governo foi marcado pela política de valorização do café e por isso suas ações foram orientadas nos ideais de reurbanização, modernização e saneamento na cidade do Rio de Janeiro (TODA MATÉRIA, 2018).

estiveram presentes nas mudanças promovidas no Rio de Janeiro, tanto no aspecto físico da cidade, quanto nos comportamentos e na reconfiguração da cultura que seriam adotados pela população carioca.

Idealizava-se que o embelezamento e a abertura de ruas e avenidas transformariam o Rio de Janeiro numa capital federal bonita e moderna. Dentre as ações realizadas pelo prefeito para o embelezamento, algumas foram exigências feitas aos proprietários de imóveis. Conforme retratou Brenna (1985), tornaram-se responsáveis por cuidar da pintura, da caiação, do conserto e da limpeza de seus estabelecimentos, principalmente das fachadas. Além disso, foi proibida a exposição, nas ruas, de artigos vendidos nos estabelecimentos comerciais. Por outro lado, houve a construção de um matadouro-modelo – entendido higiênico –, e um coreto para apresentações musicais na Praça Quinze (BRENNNA, 1985).

Na abertura de avenidas, Pereira Passos construiu a Mem de Sá, Beira Mar e Central¹³. No entanto, suas construções provocaram a destruição de muitos imóveis, sendo, em sua grande maioria, habitações coletivas localizadas na área central da cidade e, por isso no caminho para a construção das avenidas.

Parte da reforma física estrutural pode ser visualizada no *Fac-símile* n.º 04. A imagem trata-se da construção da Avenida Central, nas intermediações da atual Praça Mauá. Observamos como era a colônia do Rio de Janeiro: ausência de arquitetura padrão, sem ruas laterais definidas e moradias tumultuadas. O desabrigo fez com que seus moradores se estabelecessem nos morros cariocas, onde não havia infraestrutura sanitária. As elites e a burguesia emergente – vitoriosas na disputa do espaço físico – afastaram a população pobre, resultando na distinção social e na formação das diferentes classes na sociedade.



Fac-símile n.º 04. A construção da Avenida Central, 1904
Fonte: KOK, 2005.

¹³ Atual Avenida Rio Branco (KOK, 2005).

O respaldo para essas intervenções, tais como alargamentos e abertura de avenidas, realizadas pelo prefeito, ocorreu por meio da alocação científica existente no período. À época, havia certa relação entre duas teorias: a microbiana¹⁴ e a miasmática.¹⁵ Os saberes médicos da ocasião ratificavam o ar infectado de micro-organismos, responsável pelas doenças da cidade (MARTINS & MARTINS, 2017).

Dessa forma, tornou-se imperioso restabelecer o equilíbrio da cidade, que estava doente. Para isso, as ruas deveriam ser mais largas, a fim de promover condições adequadas de ventilação, arejamento e iluminação (SOUZA, 2006) e também de beleza para o ambiente, sendo essas as justificativas para a remodelação urbana.

Em síntese, a destruição das habitações coletivas resultou em dois desdobramentos. O primeiro foi sua relação com a distinção social: as classes pobres foram estabelecidas nos morros cariocas, enquanto que as classes ricas no centro da cidade, que se civilizava. O segundo, como as habitações coletivas eram sinônimo de um ambiente sujo e insalubre, a demolição delas auxiliava na salubridade desejada à capital federal. Portanto, no contexto da civilização, as moradias populares contribuíram, de um lado, para a segregação de classes, e, do outro, para solucionar o terceiro eixo de gestão de Pereira Passos, o saneamento.

Além dessas medidas, outra ação realizada pelo governo para sanear a cidade do Rio de Janeiro foi a instalação de banheiros públicos. Esta ocorreu para que os excrementos humanos recebessem o destino adequado, pois, conforme notícias do *Jornal do Século* (1903), o comportamento típico da população era realizar suas necessidades fisiológicas nos diversos espaços públicos e, para civilizar os habitantes da cidade, foi tomada a medida sanitária em prol da saúde pública.

¹⁴ Teoria que surgiu desde a antiguidade, na qual se especulava esporadicamente que certas doenças poderiam ser produzidas por seres “invisíveis”. Assim, seguindo vestígios dessa hipótese formulada por pesquisadores anteriormente à década de 1860, *Louis Pasteur* (cientista Francês) fez surgir os primeiros estudos sobre a relação de micro-organismos com doenças. Porém, foi apenas na década seguinte que estudos rigorosos de *Robert Koch* firmaram as regras de investigação desse tipo de hipótese. Dessa maneira, no decorrer da segunda metade do século XIX, a teoria microbiana das doenças foi gradativamente aceita pela maioria dos médicos e públicos, unindo-se muitas vezes à teoria miasmática (MARTINS e MARTINS, 2017).

¹⁵ A palavra *miasma* vem do grego e significa impureza ou mancha proveniente do ar. Desse modo, as doenças foram atribuídas ao ar impuro e malcheiroso, pela cientificidade médica, desde a antiguidade até final do século XIX (MARTINS e MARTINS, 2017).



Fac-símile n.º 05. Avenida Central, 1906. Foto de Augusto Malta
Fonte: KOK, 2005.

Como podemos observar no *Fac-símile* n.º 05, os objetivos visando o embelezamento e a abertura de ruas e avenida foram alcançados, quando comparamos as imagens do antes e depois da Avenida Central, atual Avenida Rio Branco (*Fac-símile* n.ºs 04 e 05). Ou seja, a antiga colônia, considerada feia devido às suas vielas apertadas, arquiteturas antigas, suja, repleta de cortiços e doenças, deu lugar à beleza propiciada pela longa avenida, ajardinamentos e edificações modernas. Os banheiros públicos instalados retiraram, dos olhos de todos, os excrementos humanos, e auxiliaram na salubridade da cidade. Por fim, a barbárie representada pela colônia e ao ambiente insalubre deu lugar à beleza e à higiene que contribuíram parcialmente para a civilização na capital federal.

A parcialidade referida concentra, no entendimento de Elias (1994), sobre a relação entre a civilização e a mudança de comportamento, e, de Bourdieu (1983), quanto ao acúmulo de capital cultural, ambos referenciais voltados para a categoria de análise do poder. A bela cidade não poderia permanecer com a cultura e comportamentos existentes no Rio de Janeiro, pois a civilização estaria incompleta. Assim, para não haver ameaças à civilização, novos padrões morais e de costumes eram necessários para a nova cidade que surgia.

Nesse sentido, à luz de Elias (1994), o processo civilizador sendo um importante requisito para a civilização do Rio de Janeiro, *habitus* foram instituídos e outros proibidos por Pereira Passos. Dentre os instituídos, estavam os costumes franceses, aos quais a elite e a burguesia passaram a se moldar, tais como: passear nas ruas do centro da cidade, ir às lojas de artigos importados, modernos restaurantes, cafés, confeitarias – como a famosa Confeitaria

Colombo, situada na Rua Gonçalves Dias –, livrarias, bem como exibir seus vestuários à moda francesa (KOK, 2005).

Referente às novas vestimentas, os homens passaram a usar paletós de casimira clara, roupas de linho, gravatas, camisas de tecido inglês, luvas, polainas, chapéus e guarda-chuvas (*Fac-símile* n.º 06), devido à aprovação de uma lei que tornava esse traje obrigatório. As mulheres utilizavam roupas que destacavam as formas femininas, como os longos vestidos utilizados pelas francesas, além de chapéus refinados, conforme demonstrado no *Fac-símile* n.º 07. Para demonstrar a adoção da moda francesa, na Avenida Central desfilavam com toaletes elegantes, importadas ou inspiradas em Paris (SEVCENKO, 2003).



Fac-símile n.º 06. Avenida Central em 1905. Trajes masculinos: ternos, chapéus e uso de guarda-chuvas
Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro



Fac-símile n.º 07. Modas da Revista. Revista da Semana, Rio de Janeiro, p. 12, 18 set. 1904
Legenda: Quatro lindos chapéus para teatro – 1. Chapéu de palha de Itália, forma Diavolo – 2. Chapéu de palha fantasia e plumas arlequim – 3. Chapéu de clina azul pastel e plumas brancas – 4. Chapéu de veludo groseille com rosas chá. Elegante vestido de passeio com panno azul marinho guarnecido de cadarços pretos, corpinho com pequena gola de bordado muito fino, recortada de veludo vermelho.

Quanto aos costumes coibidos, passíveis de multa ou prisão, destacam-se as brincadeiras, o carnaval do entrudo, o uso de carrinhos de mão sobre os trilhos; vendedores ambulantes de miúdos, venda de bilhete de loteria e a ordenha de vacas nas vias públicas (KOK, 2005). Tais ações, realizadas pela classe pobre, eram inconcebíveis por irem de encontro ao momento de *Belle époque*¹⁶ que o Rio de Janeiro trilhava.

A imagem da miséria era inconciliável com as aspirações de modernidade, por isso Pereira Passos “limpou” as ruas ao retirar os chamados atiradores de esmolas e mendigos, encaminhando-os aos asilos, bem como os cães que vagavam pela cidade (KOK, 2005). Outras medidas impostas pelo governo foram: não cuspir dentro dos bondes e a não realizar as necessidades fisiológicas próximo aos quiosques (JORNAL DO SÉCULO, 1903).

No entanto, a proibição para não sujar os espaços públicos acompanhou a instalação de banheiros nas ruas da cidade. Em outras palavras, ficou proibida a eliminação dos detritos humanos no ambiente coletivo, e, ao mesmo tempo, instituía-se local próprio para a sua realização. Tal ação de Pereira Passos foi vista como uma das medidas para atender ao seu eixo de governo referente ao saneamento, e uma das maneiras de instituir novo comportamento social, considerado civilizado. Assim, os banheiros públicos se destacavam para o sanear da cidade e na mudança do comportamento para o alcance do homem civilizado.

Ademais, a instalação de banheiros públicos, na área central da cidade, anunciou o “efeito de lugar” (BOURDIEU, 1997) pela demarcação do espaço social. Isso porque, eles se revelavam mais um atrativo de luxo que favorecia as classes dominantes, para que estas pudessem ser vistas e reconhecidas como civilizadas. Por isso, além de instituir novo *habitus* e sanear o ambiente, os banheiros delimitavam o espaço do exercício do poder na capital da república.

Sob essa ótica, seguiu a civilização do Rio de Janeiro, realizada pelo prefeito Pereira Passos no início do século XX. Sua reforma urbana, cujo pano de fundo estava associado aos aspectos econômicos, fez a cidade colonial, velha e insalubre, se transformar em local bonito, moderno e dito civilizado em virtude das mudanças de natureza física e comportamental.

Os comportamentos instituídos como civilizados – tal como defecar e urinar em local próprio – resultaram na reconfiguração dos costumes e também na cultura. O prefeito

¹⁶ *Belle Époque*, segundo Ortiz (1991), é o momento em que a França se torna uma sociedade moderna. Seria esta o reflexo de uma época, a qual, ao mesmo tempo em que trazia o fim de uma civilização, portava os germes para a nova sociedade francesa, uma nova civilização.

articulou ações voltadas para a arte teatral e sons musicais enquanto estratégias para manutenção do processo civilizatório no espaço sociocultural.

Contudo, entendemos que todos os projetos urbanísticos (embelezamento, abertura de ruas e saneamento), bem como de natureza comportamental e cultural, realizados por Pereira Passos na capital federal, tiveram o seu máximo resultado quando, dois anos após o término do seu governo, a cidade ganhou o título de Maravilhosa, destacado pelo escritor maranhense Coelho Neto em seu artigo, devido à beleza do ambiente (PIMENTEL, 2014).

Pelo revelado, tudo leva a crer que a história do Rio de Janeiro, referente ao começo do século XX, iniciou-se de maneira deletéria, passou por grandes mudanças e findou a década de 1900 tendo a cultura estabelecida, o embelezamento edificado e a salubridade almejada, dadas as consequências que o ambiente insalubre refletia na economia cafeeira, cujo resultado foi a coroação da cidade com o título de Maravilhosa.

Como visto, uma ação adotada pelo governo de Pereira Passos, que auxiliou no alcance do saneamento da cidade, foi a instalação de banheiros nos espaços públicos da capital federal. Com eles, o Rio de Janeiro mudou, deixando de ter fezes e urina espalhadas pela cidade, problema de saúde pública ocorrido desde o Brasil Império. Além disso, os banheiros contribuíram para a formação do padrão de costumes adotados pela nova cultura carioca.

Dessa maneira, os banheiros públicos instalados demonstram ter sido uma estratégia acertada do prefeito que auxiliou na construção da Cidade Maravilhosa. Por esse motivo, nos causou estranheza a ausência de pesquisas desenvolvidas para investigação dessa medida sanitária de saúde pública, adotada por Pereira Passos no início do século XX. Assim, num período de intensas mudanças na cidade do Rio de Janeiro, apresentamos como hipótese desta pesquisa:

Os banheiros públicos instalados, na gestão de Pereira Passos, contribuíram no processo civilizatório, quando ocorreu a reconfiguração do *habitus* e na civilização da capital federal, pela atuação no saneamento da cidade, que colaborou para o título de Cidade Maravilhosa ao Rio de Janeiro.

Para examinar a hipótese traçada, temos por objetivo:

- Discutir a instalação dos banheiros públicos na civilização do Rio de Janeiro durante a gestão de Pereira Passos tendo por efeito a titulação da cidade como Maravilhosa.

1.3 Justificativa

A proposta deste estudo foi delineada no objetivo de asseverar a linha de pesquisa intitulada “História do Cuidado, nos aspectos micro e macromoleculares: práticas, saberes e instituições”, juntamente com o Laboratório de Cuidado e Imagem em Enfermagem (LACUIDEN), da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP/UNIRIO), contribuindo para realizar a investigação científica integrando diversas áreas do conhecimento.

Ao mergulhar na história da cidade do Rio de Janeiro, por mais que se tenham disponíveis, atualmente, inúmeros estudos ou diferentes olhares, o assunto torna-se limitado quando a lente da pesquisa se direciona para as reformas urbanísticas e as ações realizadas para sanear a cidade. Um exemplo foi a ausência de estudos sobre a instalação dos banheiros públicos da cidade do Rio de Janeiro, na gestão de Pereira Passos, em prol da saúde pública.

Por isso, a presente pesquisa, ao corroborar com o fato exposto, contribuirá para a investigação sobre os banheiros públicos, do início do século XX, possibilitando o preenchimento de lacunas sobre a historicidade da cidade do Rio de Janeiro. Além disso, pela proposta metodológica em discutir sobre seus efeitos na civilização da capital federal por meio de notícias veiculadas pela imprensa da época, o estudo permitirá desvelar uma nova versão e interpretação sobre o saneamento realizado pelo prefeito Pereira Passos.

Devido a esse resultado esperado, a investigação tem a proposta de fortalecer as pesquisas que se utilizam de imagens e periódicos, instaurando essas fontes como documentação promissora de modo a incentivar pesquisadores afins a este tipo de pesquisa, que será mais bem apresentado na metodologia.

Como ensino, o estudo propõe-se demonstrar como a história e análise de fontes históricas nos permite pensar diferente sobre aquilo que é exposto como verdade absoluta na sociedade. Uma veracidade, ao ser contestada por meio da pesquisa acadêmica, pode atestá-la, conforme determinado ponto de vista; mas, por outro lado, pode revelar articulações e efeitos jamais imagináveis. Logo, esperamos construir uma aprendizagem crítica e reflexiva sobre o assunto com o objeto de estudo.

Ademais, o conhecimento produzido por esta investigação permite base para a transformação da realidade social, no que se refere à saúde pública da cidade do Rio de Janeiro, haja vista a aproximação dos fatos passados e os do presente, quando o olhar se direciona aos problemas de saneamento da cidade pelo viés dos banheiros públicos instalados.

Seção II

Metodologia

2.1. Tipo de estudo e técnica de triangulação de dados

Estudo na perspectiva histórica que se utilizou da técnica de triangulação de dados, como forma de olhar o mesmo fenômeno a partir de mais de uma fonte, pautado no entendimento de que as informações advindas de diferentes ângulos podem ser usadas para corroborar, elaborar ou iluminar o problema de pesquisa proposto (AZEVEDO *et al.*, 2013).

Sobre triangulação, definimos de forma vasta, considerando-a ser um ajuste de metodologias diversas para analisar o mesmo acontecimento, de modo a materializar a construção de teorias sociais (DENZIN e LINCOLN, 2005). Por outro lado, para outros autores, trata-se de uma escolha qualitativa para validação de uma pesquisa que, ao utilizar múltiplos métodos, assegura a compreensão mais profunda do fenômeno investigado (ZAPPELLINI e FEUERSCHÜTTE, 2015), contribuindo para a licitude e sua confiabilidade (PATTON, 2002).

Nesta pesquisa foi utilizada a triangulação de dados tipificada por Denzin (1978), em razão das fontes da investigação serem distintas e constituídas em diferentes anos, delimitadas pela gestão de Pereira Passos, que ocorreu de 1902 a 1906, chegando a 1908 devido aos efeitos produzidos. Tais fontes, sem dúvida, são importantes para explicar o fenômeno trazido na problematização desta análise, referente às várias funções dos banheiros públicos instalados, inclusive a de sanear a cidade do Rio de Janeiro.

Dessa maneira, a triangulação dos dados a ser aplicada permitiu a articulação entre as diferentes literaturas utilizadas – sobre a história da cidade do Rio de Janeiro e o saneamento promovido por Pereira Passos –, bem como associadas à descrição e análise de fontes da imprensa da época – no que dizem respeito aos banheiros públicos instalados. Complementarmente, a triangulação ocorreu sob o olhar do referencial teórico pautado na Civilização e no Processo Civilizador do sociólogo alemão Norbert Elias, delineado pelos conceitos de campo, capital cultural, social, simbólico e consagração de Pierre Bourdieu.

2.2. Redução do objeto de estudo: variação de escala

As literaturas referentes à história da cidade do Rio de Janeiro na gestão de Pereira Passos, utilizadas nesta pesquisa, abordaram as ações realizadas pelo prefeito para transformar

a capital federal em uma sociedade civilizada, sendo elas realizadas na área central da cidade, compreendida entre os morros do Castelo e Santo Antônio e Largos de São Francisco e Paço.

O saneamento – um dos eixos de gestão do executivo municipal – foi entendido como uma série de medidas de saúde pública que tornam uma área sadia, limpa e habitável, oferecendo condições adequadas de vida à população (HOLANDA, 2001).

Dentre as medidas executadas pelo prefeito para sanear a cidade, citam-se a demolição das habitações coletivas – moradias insalubres –, e a instalação de banheiros nos espaços públicos, devido à eliminação de detritos humanos que ocorria, sem controle, em diversos lugares. A atitude sanitária visando a eliminação das doenças epidêmicas, apesar de não ter sido realizada diretamente por Pereira Passos, mas sim indiretamente pelas ações interventivas do médico Oswaldo Cruz, foi ajudada pelo prefeito quando instituiu legislações a favor do sanitarista.

Observamos que as ações para o saneamento da cidade, no início século XX, propostas por Pereira Passos nas formas já mencionadas, apresentam-se como um assunto temático maior. Em outras palavras, elas aparecem de modo macro na história da cidade do Rio de Janeiro, o que nos fez delimitar o objeto de estudo para a medida sanitária de instalação dos banheiros públicos.

Esse entendimento ocorreu pelas descrições trazidas por Jacques Revel (2010) em seu artigo intitulado *Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado*. O autor retrata a importância da macro-história na época de seu domínio, mas também a incapacidade de ela apreender tudo; ou seja, explicar de forma detalhada o fenômeno. Além disso, expõem as inquietações e debates, quando a micro-história começou a surgir na década de 1980.

Vale ressaltar que o termo micro não significa uma pequena história, como os pesquisadores da macro a definem (REVEL, 2010). Dito de outra maneira, visto que o objeto desta pesquisa refere-se à medida sanitária de instalação dos banheiros públicos – entendido como micro-história –, não denota contar, rapidamente, sobre o saneamento da cidade por eles, pelo contrário. A abordagem micro reduz o objeto de estudo e, por isso, tem o pressuposto de variar escala – ou jogo de escala –, significando dizer que o pesquisador escolheu um ponto peculiar de observação – associado aos efeitos de conhecimentos específicos –, visando a compreensão da história maior (REVEL, 2010). Dessa forma, o micro compõe o macro e vice-versa, sendo este o significado da medida sanitária relacionada ao saneamento da cidade.

A micro-história do saneamento do Rio de Janeiro, do início do século XX, encontrada nas literaturas, revelou idêntica abordagem quando tratou da demolição das habitações coletivas e eliminação das epidemias cariocas, incapazes de revelar novos olhares sobre as nuances que envolveram o sanear proposto pelo prefeito Pereira Passos.

E por esse motivo, esta investigação aplicou o jogo de escala proposto por Revel (2010), reduzindo o campo de análise das medidas sanitárias ocorridas na cidade, centrando-se na instalação dos banheiros públicos, devido à possibilidade de, a partir deles, compreender o sanear e possíveis nuances sobre a civilização realizada por Pereira Passos e seus efeitos.

Assim, variar a focalização de um objeto não é unicamente aumentar ou diminuir seu tamanho no visor, e sim modificar sua forma e trama (REVEL, 2010). No contexto desta pesquisa, adotamos a seguinte estratégia: modificar a forma e trama trazendo um olhar mais minucioso para os banheiros públicos, por meio da imprensa da época, porquanto carecia de uma pesquisa nesta linha, abordando-os da maneira proposta.

2.2.1. A busca e a seleção das fontes

As fontes históricas utilizadas foram os periódicos veiculados à época correspondente à gestão do prefeito Pereira Passos (1902-1906), além do ano de 1908, pelos efeitos ao título de Cidade Maravilhosa.

A investigação, na imprensa do início do século XX, ocorreu na Biblioteca Nacional Digital do Brasil, especificamente no portal da Hemeroteca Digital Brasileira.¹⁷ O portal disponibilizou acesso rápido aos periódicos nacionais digitalizados, como jornais, revistas, anuários, boletins e publicações seriadas. Desse modo, considerando os materiais digitalizados disponíveis para a consulta do período proposto pelo estudo – 1902 a 1906 e seus desdobramentos até 1908 –, e neles se encontrarem notícias sobre a temática do saneamento pelos banheiros públicos, esse meio eletrônico foi o escolhido.

Na página da Hemeroteca Digital foi selecionada, dentre as opções, a frase de busca “pesquisar por período”. As variáveis que se apresentaram solicitavam o preenchimento dos seguintes campos: “período”, “local”, “periódico” e “digite para pesquisar”. Assim, respectivamente, foram digitados: “1900 – 1909”, “Rio de Janeiro”, “todos”, “banheiros públicos”; e o resultado foi a ausência de periódico com as características pesquisadas. Por isso, “mictórios” foi a palavra utilizada no campo “pesquisa” – como sinônimo de banheiros públicos –, daí, diversos periódicos e ocorrências foram apresentados.

¹⁷ Site: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Cabe destacar que essa busca ocorreu no ano de 2014, na elaboração do projeto de pesquisa, requisito do processo de seleção para ingresso no curso de Doutorado em Enfermagem e Biociências da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Ao utilizar a tecla *Print Screen*, recurso oferecido pelo computador, cada tela relacionada à notícia sobre mictórios, referente ao período de 1902 a 1908, foi salva em arquivo do editor de textos – *Word*. À vista disso, como a análise dessas notícias não foi realizada nos periódicos originais, a tais cópias se empregou a titulação de *fac-símiles*, ao corroborar com a definição da palavra sendo toda cópia ou reprodução obtida por meios fotomecânicos de um texto ou imagem (FONSECA e PORTO, 2010).

Mediante a leitura e sendo identificada a notícia de banheiros para o público em geral, dispostos nas ruas da cidade e instalados para manter o espaço salubre, cada *fac-símile* foi identificado com o nome do periódico, data de publicação e edição, passando a ser documento da pesquisa. Além disso, foi transcrito, de cada *Fac-símile*, seu texto para análise.

Importante ressaltar que nas leituras das notícias percebemos outros sinônimos para mictórios, como latrinas, dejectórios e *chalés*, ratificando mais uma vez a inexistência da designação de banheiros públicos nesse período. Entretanto, optou-se por se utilizar, nesta pesquisa, a designação de banheiros públicos, quando for necessário abranger tais denominações, para facilitar o entendimento do leitor.

Em continuidade, os *Fac-símiles* foram separados conforme a temática que apresentavam em seus textos, como: instalação e/ou construção; sujeira; higiene e proteção dos banheiros públicos instalados por Pereira Passos.

Ao compreender que os *Fac-símiles* analisados sobre os banheiros são, na verdade, imagens digitalizadas, tornou-se pertinente se entender a imagem como fonte documental. Destarte, o historiador inglês Peter Burke, em sua obra *Testemunha ocular – história e imagem*, diz que ela é testemunha do passado ao apoiar as evidências das fontes escritas e orais, justamente porque elas têm algo a acrescentar na história, pois oferecem o acesso que outras fontes não alcançam, por serem às vezes superficiais; ao contrário das imagens, que dão vivacidade, principalmente quando se destinam aos ritos e às ritualidades (BURKE, 2004).

Apesar de este estudo não tratar de ritos e ritualidades, a análise das imagens dos periódicos acrescentou dados à história do saneamento da cidade do Rio de Janeiro, justamente por retratar a temática sob um olhar e objeto diferenciados dos estudos existentes,

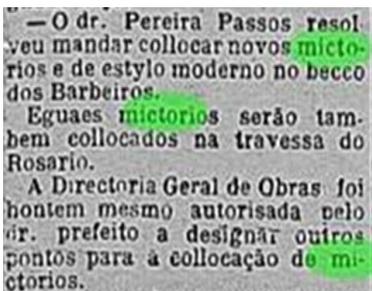
que se apresentam muito próximos aos seus resultados; sendo esse acréscimo o manifesto da vivacidade demonstrada nas imagens que Burke retratou.

Para ratificar a capacidade imagética, Santos e Sauthier (1999) enfatizam que a imagem propicia um alcance de achados, os quais não seriam tão claros, apenas com a utilização dos documentos escritos ou orais. Isso porque elas, em seu aspecto estético e ideológico, permitem a apreensão de significados diferentes daqueles geralmente encontrados em outras fontes documentais.

Constatamos que não foi diferente ao analisarmos as fontes escritas, que traziam como temática o saneamento do Rio de Janeiro, principalmente quando foram visualizadas em relação à instalação dos banheiros públicos da cidade. As literaturas somente retrataram que ocorreu a referida instalação, o que leva a crer na positividade dessa medida sanitária. Porém, com os *Fac-símiles* tornou-se possível conhecer seus desdobramentos, ou seja, o alcance de achados sinalizados por Santos e Sauthier (1999), cujos significados são diferentes do que se apresenta escrito até o momento.

Vale observar que as imagens (*Fac-símiles*) utilizadas nesta pesquisa foram tanto textuais como não textuais. A maioria delas, referente aos banheiros públicos, trazia textos em sua constituição e foi descrita com o nome do periódico/fonte, data de publicação, edição, *Fac-símile*, transcrição da notícia e categorização, para análise, conforme o exemplo representado no Quadro n.º 1.

Quadro n.º 1 – Exemplo da descrição e classificação das imagens (*Fac-símiles*)

Periódico/ Fonte	Data da publicação	Edição	<i>Fac-símile</i>	Transcrição da notícia / descrição da imagem	Categorização
Jornal do Brasil	27 de maio de 1903	0147	 <p>— O dr. Pereira Passos resolveu mandar collocar novos mictorios e de estylo moderno no becco dos Barbeiros. Eguaes mictorios serão tam- hem collocados na travessa do Rosario. A Directoria Geral de Obras foi hontem mesmo autorizada pelo dr. prefeito a designar outros pontos para a collocação de mictorios.</p>	<p>— O dr. Pereira Passos resolveu mandar colocar novos mictorios e de estylo moderno no becco dos Barbeiros. Eguaes mictorios serão também colocados na travessa do Rosario. A Directoria Geral de Obras foi hontem mesmo autorizada pelo dr. prefeito a designar outros pontos para a collocação de mictorios (JORNAL DO BRASIL, 1903).</p>	Instalação dos banheiros. Localização.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira e autores desta pesquisa.

Também foram descritas e analisadas as imagens (*Fac-símiles*) sem texto, que revelaram a estrutura física dos banheiros, tanto brasileiros como franceses. Para os *fac-símiles* textuais ou não que retrataram por meio de *charges* o contexto histórico insalubre da cidade, sem a temática dos banheiros públicos, utilizamos da mesma estrutura do Quadro n.º 01.

Cabe destacar que os *Fac-símiles* da estrutura dos banheiros brasileiros utilizados tratam-se das fotografias de Augusto Malta – fotógrafo de Pereira Passos. Para tanto, utilizamos quatro imagens dos banheiros disponíveis no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Após a confecção do quadro anterior, foi possível quantificar o total de 57 notícias veiculadas sobre mictórios, conforme descrição no Quadro n.º 2.

Quadro n.º 2. Periódicos veiculados na gestão de Pereira Passos e o quantitativo de notícias sobre os banheiros públicos

Periódicos (1902-1906)	Quantitativo de notícias veiculadas sobre os banheiros públicos
Jornal do Brasil	19
Correio da Manhã	14
O Paiz	04
A Notícia	05
Tagarela	03
Gazeta de Notícias	10
O Malho	02
TOTAL	57

Fonte: Resultado da coleta de informações na Hemeroteca Digital Brasileira.

Das 57 notícias sobre a temática, 29 estão relacionadas com a instalação ou construção nos espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro, 23 com a manutenção, funcionamento e ausência de higiene, 03 referem-se à limpeza e 02 de proteção dos banheiros públicos. Ressaltamos que algumas notícias foram veiculadas em periódicos diferentes e com o mesmo conteúdo, por isso, no momento da análise somente uma foi considerada.

Com a descrição apresentada dos *Fac-símiles*, como mostrado no Quadro n.º 01, verificamos que a iconografia deles foi realizada. O sufixo “grafia” vem do verbo grego *graphéin* (“escrever”) e, por isso, implica um método para se proceder de modo puramente descritivo, ou até mesmo estatístico. Portanto, por iconografia se entende a descrição e classificação das imagens, assim como a etnografia é a descrição e classificação das raças humanas. É um estudo limitado que informa quando e onde por temas específicos. Porém, ela

é de auxílio no estabelecimento de datas, origens e, às vezes, autenticidade. Além disso, ela fornece as bases necessárias para as interpretações subsequentes, sem a pretensão de realizar alguma interpretação sozinha (PANOFSKY, 1986).

Com efeito, o instrumento foi aplicado para coleta e classificação da imagem. Não, houve, nesse momento, a obrigatoriedade ou a capacidade de investigar a gênese e significados dos banheiros públicos instalados por Pereira Passos; isto é, não existiu a intenção de demonstrar as interações entre as influências de ideias sociológicas, filosóficas, ou mesmo políticas, ou os propósitos e inclinações para o saneamento tendencioso ao embelezamento da cidade.

Na verdade, a descrição dos banheiros públicos e das notícias sobre o assunto deve ser entendida como uma parte do todo. Esses elementos constituem o conteúdo intrínseco da ação de instalação realizada pelo prefeito, que precisava se tornar explícita para que a percepção do conteúdo pudesse ser articulada ao comunicável.

O conteúdo fornecido pela iconografia, referente a este estudo, precisou ser analisado de maneira crítica para que, a partir da análise, as interpretações pudessem surgir. A interpretação da análise iconográfica (PANOFSKY, 1986) trata-se de iconologia. Pelo entendimento do sufixo “logia” – derivado de *logos*, que quer dizer “pensamento” –, denota a “razão” –; logo, interpretativo.

A iconologia é uma iconografia que se torna interpretativa e, desse modo, converte-se em parte integral do estudo da arte, ao invés de ficar limitada ao papel de exame estatístico preliminar. E assim, a adequada identificação e classificação das imagens levam à análise iconográfica, bem como à análise das imagens, estórias e alegorias, que conduzem à interpretação iconológica (PANOFSKY, 1986).

A análise iconográfica dos *Fac-símiles* ocorreu, inicialmente, pela classificação das notícias e apreciação do conteúdo descrito. Procurou-se compreender os tipos de mictórios instalados, os porquês da instalação de banheiros em determinada rua – ou próximas de determinado estabelecimento –, a importância dos logradouros no contexto da cidade, suas arquiteturas e inspirações, o público-alvo beneficiado, as funções da empresa *City* e da Inspeção de Obras Públicas, dentre outros.

Para se chegar a uma plausível interpretação iconológica – e, quiçá, mais próxima do real sobre o sanear da cidade do Rio de Janeiro, proporcionado pelos banheiros públicos instalados –, foram utilizados os entendimentos sociológicos de civilização e processo

civilizador do sociólogo alemão Norbert Elias, sendo esses delineados pelos conceitos de campo e dos diferentes capitais de Pierre Bourdieu.

2.3. Conceitos de base

A escolha para utilizar os conceitos teóricos de Norbert Elias nesta pesquisa ocorreu devido a alguns fatos importantes. Primeiramente, porque suas obras de maior expressão tratam de civilização. Ou seja, os preceitos guardam relação com tal assunto que, conforme já sinalizado anteriormente, foi a palavra de ordem ao Rio de Janeiro, no período de estudo desta análise, sendo uma estratégia usada para afirmar a economia brasileira.

Além disso, os conceitos de Elias foram utilizados porque ele descreveu acerca da civilização adotada pelos franceses, e estes guiaram o processo civilizatório da França, em 1860; também pelo fato de Pereira Passos ter participado desse momento de mudança da Cidade Luz, atribuído pelo Imperador Napoleão III ao Barão Georges Haussmann. Assim, buscamos em suas obras as bases teóricas de civilização francesa para compreender como se desenhou a mudança do Rio de Janeiro, aplicando-as no contexto histórico da cidade do início do século XX.

Vale ressaltar que, além dessa compreensão francesa, em Elias encontramos o entendimento dos alemães acerca da civilização, demonstrando uma antítese na visão dos dois países (França e Alemanha) sobre o assunto. E dessa convergência de conceitos foram extraídas as bases civilizatórias francesas, utilizadas nesta pesquisa.

Visando melhor discernimento sobre as diferenças civilizatórias entre os países, a Alemanha, conforme Elias (1994), apresentou no processo de sua constituição, ser uma unidade mais cultural (*Kultur*) que política, ao passo que a França preferiu a história das civilizações (*civilizacion*) em seus momentos de mudanças (BURKE, 2008).

Assim, a expressão alemã *kultur* – seguimento da *intelligentsia* alemã de classe média, formada por servidores dos príncipes, burgueses, funcionários públicos e nobreza proprietária de terras – aludia basicamente aos fatos intelectuais, artísticos e religiosos. Apresentou, ainda, a tendência de traçar nítida linha divisória entre os fatos desse tipo para um lado, e os fatos políticos, econômicos e sociais noutro extremo, sendo esses últimos considerados em segundo plano para os alemães (ELIAS, 1994).

Por sua vez, os fatos, tratados de maneira secundária pela *intelligentsia* alemã, eram o alicerce principal dos franceses, que foram denominados de *civilizacion* nos seus processos de mudanças. A ênfase estava nas realizações, nas atitudes e comportamentos. Dizia a respeito

de algo que estava em movimento constante, movendo-se incessantemente “para frente” (ELIAS, 1994).

O exposto demonstra que o fundamento utilizado em prol da constituição do processo de mudança na Alemanha, durante o século XVIII, esteve mais direcionado para o viés cultural – com a formação de produtos em âmbito intelectual, artístico e religioso – do que para o político e/ou econômico, situação oposta, quando se refere ao processo francês de mudança, uma vez que a Revolução Francesa ocorria no mesmo período.

A síntese acima é para destacar que esta pesquisa não teve a intenção de realizar comparações, no contexto do Rio de Janeiro, entre aquilo que os franceses e alemães pensavam de civilização, como fez o sociólogo Norbert Elias em seu livro. Tampouco em emitir julgamento sobre qual dos dois modelos de civilização teria sido, ou foi o melhor, para a cidade do Rio de Janeiro. O propósito foi o de entender como ocorreu o processo de mudança no Rio de Janeiro – que deixou para trás seu aspecto colonial e sujo, transformando-se em moderno e civilizado –, ao se considerar que a história da cidade apontou para a influência francesa e, por isso, os conceitos de Elias sobre esse país foram utilizados.

Outro fator importante a esclarecer foi a razão em aplicar os conceitos civilizatórios de Elias, o que permitiu perceber que a civilização do Rio de Janeiro foi influenciada pela França, tendendo ao embelezamento da cidade; percebendo ainda que a intencionalidade desse processo de mudança foi norteadada pelos aspectos políticos, econômicos e ideológicos, o que pode ser observado na Seção I desta pesquisa. No entanto, a consequência dessa aplicação resultou na criação de nova cultura na cidade do Rio de Janeiro. O termo “resultou” foi utilizado, justamente, por Elias entender a cultura como secundária na civilização francesa, e assim foi percebido na do Rio de Janeiro. Então, enveredar-se por dentro de um tema cultural, à luz de Elias, para a civilização francesa seria, possivelmente, uma ocorrência desastrosa, pela compreensão exposta do sociólogo. Por isso, lançamos mão dos entendimentos bourdieusianos para o viés cultural.

E aqui cabe novo esclarecimento. O eixo teórico principal desta pesquisa está voltado aos entendimentos sociológicos de Norbert Elias de civilização e Processo civilizador, considerando o contexto do Rio de Janeiro e a influência da França para o alcance. Pierre Bourdieu foi empregado para delinear sua concepção para o aspecto cultural. No entanto, também utilizamos seus conceitos de campo, capital social, simbólico e de consagração. A aplicação dessa estratégia ocorreu pela observação que alguns termos usados por eles se aproximam, se distanciam, mas não se excluem. Portanto, por acreditarmos que Bourdieu

“bebeu” das fontes eliasianas para explicar os fenômenos sociais, os entendimentos de Bourdieu foram utilizados nesta investigação.

A influência de Elias nos descritos de Bourdieu ocorreu pela comparação entre seus conceitos. Elias (1994), ao analisar a corte francesa do século XVIII, utilizou-se da expressão figuração quando relacionou o homem subalterno ao controle da monarquia. O termo refere-se ao coletivo humano dinâmico por suas inter-relações e estático no aceite do poder. Em outras palavras, o contato com o outro interconecta os indivíduos dentro de uma rede de relações, independente de sua posição na figuração. No entanto, a figuração separa indivíduos interdependentes pela luta em manter seu prestígio nas relações de poder.

E nesse contexto, para o sociólogo alemão, alteram-se as ideias e os *habitus* daqueles que pretendem o poder. A incorporação de *habitus* muda as relações, a forma de se comportar e de percepção, criando nova personalidade no indivíduo ou grupo. Essas mudanças aconteceram ao longo das gerações monárquicas francesas. Na concepção do poder, o requinte, o refinamento das maneiras e a imagem eram elementos primordiais dos ciclos mais altos da sociedade cortesã (ELIAS, 1994).

O surgimento desse *habitus*, Elias demonstra em sua obra “O processo civilizador”. Nela aponta que, para a incorporação dos novos comportamentos, o desenvolvimento das cadeias de relações formadas pelo indivíduo e da *psique* na figuração entrelaçam-se. Em outras palavras, o *habitus* precisa ser incorporado mentalmente pelo indivíduo para a formação de grupos e o desenho de poder na sociedade. Com isso, as distinções na sociedade começam a ocorrer (ELIAS, 1994).

Porém, Elias explica que, para a percepção dessas mudanças dentro das figurações ou configurações sociais, um longo prazo é necessário, sendo essa a justificativa do termo processo civilizador. Adquirir, incorporar e aplicar novos *habitus* ocorre de maneira constante, sendo possível a percepção, visualização e valorização do resultado ao se observar a perspectiva do tempo. Logo, as mudanças na figuração são observadas pela longa duração (ELIAS, 1994).

Alguns desses conceitos descritos são similares às contribuições de Bourdieu. A concepção do sociólogo francês sobre o campo está relacionada ao conceito de figuração de Norbert Elias. Para Bourdieu (1983), campo é um espaço de disputa; ou seja, fazendo uma relação ao campo de futebol, são dois times opostos, no qual seus jogadores se espalham em suas posições para disputar o elemento em jogo – a bola –, e com ela ganhar a partida. Em outras palavras, os times de futebol simbolizam os diferentes grupos sociais que, da mesma

forma que seus componentes, se distribuem no espaço físico, para disputar o poder e ganhar o prestígio devido. Nesse sentido, o campo do sociólogo francês é um conjunto de agentes na disputa do poder.

Podemos observar que o poder é resultado tanto para a figuração de Elias quanto ao campo de Bourdieu. O que difere é a valorização do elemento histórico para o primeiro, e a atenção centrada nos elementos, do presente, pelo segundo. Silva e Cerri (2013) explicam essa relação passado e presente dos sociólogos:

“Para Elias, o desenrolar dos fatos do passado tem um papel crucial na rede de relações e na formação da personalidade dos agentes envolvidos. Uma perspectiva de análise com base nas longas durações não poderia se privar desse princípio. O campo bourdieusiano, por seu turno, é descrito como um conjunto de agentes disputando posições do poder, também uma espécie de rede de inter-relações que se conforma e se estrutura de determinada maneira, importando menos a contingência histórica e mais as razões de não mudar facilmente” (SILVA e CERRI, 2013, p. 186).

Outra aproximação e distanciamento dos conceitos bourdieusianos e eliasianos ocorre com os *habitus*. Tanto na figuração, quanto no campo, os *habitus* perpassam. Vimos, em linhas anteriores, que *habitus* está para o refinamento de maneiras. Estes mudam com o tempo e por isso está em processo contínuo de mutação para Elias. Isso porque os grupos que estão no poder criam outros padrões de comportamento para continuar se distinguindo dos demais. E quando esses são adotados pelas classes inferiores – momento em que todos passam a seguir o mesmo comportamento e por isso ocorre a mudança na personalidade dos agentes –, novos refinamentos de maneiras são instituídos. Tal percurso é entendido como o ciclo do poder. Logo, observamos a preocupação de Elias em explicar a formação do *habitus* e as razões de sua evolução.

Diferentemente de Bourdieu. Para o sociólogo, *habitus* “(...) constituem estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e representações” (BOURDIEU, 1983b, p. 61), e que têm como artifício o capital cultural. Por esse conceito, observamos que o *habitus* está à margem da historicidade, apresenta-se mais centrado no presente, pois não há preocupação dele em explicar como ocorre a sua gênese, e sim os porquês de as estruturas sociais serem inalteradas.

Em síntese, observamos que os dois autores utilizam termos semelhantes (*habitus*) com perspectivas diferentes. Além disso, termos diferentes (figuração – campo; processo civilizador – capital cultural), mas com perspectivas próximas. Essas aproximações e distanciamentos ocorrem no período e na forma de análise de cada um. Elias analisa a gênese da civilização e, por isso, o tempo é importante, enquanto que Bourdieu, o fato no tempo

presente, deixando a história à margem. Porém, apesar de olhares diferentes, o resultado de ambos é para a formação do poder na sociedade.

Por meio desses conceitos e entendimentos, podemos verificar que a utilização em conjunto dos conceitos referentes aos dois sociólogos ajudou na compreensão mais ampliada sobre a civilização da capital federal, junto à explicação histórica.

Assim, após os esclarecimentos, retomam-se aos conceitos do sociólogo alemão. Elias conceitua civilização para os parisienses como:

O termo *civilization* (civilização), no momento em que foi cunhado, era um claro reflexo dessas idéias reformistas. Mesmo que neste termo a idéia de *homme civilize* (homem civilizado) conduza a um conceito indicativo de costumes e condições da sociedade vigente como um todo, ele, em primeiro lugar e acima de tudo, é uma expressão de oposição, de crítica social (ELIAS, 1994).

Dessa forma, por meio desse pensamento, relacionando a civilização ao contexto de mudanças, o primeiro capítulo – Da sociogênese dos conceitos de “Civilização” e “Cultura”, da obra *O Processo Civilizador – uma história dos costumes* –, apresentou as bases conceituais francesas que guiaram a civilização, sendo elas: homem civilizado, contraconceito geral a outro estágio da sociedade, oposição à barbárie, *status* de mudança, distinção social, superioridade, mudanças de comportamento, processo civilizador (*habitus*), autoimagem nacional e processo civilizador. Assim sendo, esses conceitos de base foram aplicados no contexto estudado, dando origem a síntese interpretativa apresentada na Seção VI.

Seção III

Cultura carioca e Cidade Maravilhosa

O Rio de Janeiro transformou-se na primeira década do século XX. A civilização, entendida como reforma física e comportamental, foi a forma instituída para asseverar a economia brasileira. Para tanto, o prefeito Pereira Passos fez desaparecer aquilo que era contrário ao progresso, ao avanço e ao desenvolvimento da capital federal. Logo, sobre os escombros da velha, suja e insalubre capital da colônia, surgiu a bela e contemporânea cidade do Rio de Janeiro.

A melhoria física ocorreu por meio da reforma urbana. Imóveis foram destruídos e conseqüentemente seus moradores expulsos, dando lugar a novas ruas e avenidas. Outros foram erguidos em alusão às edificações europeias, de maneira a proporcionar uniformidade das arquiteturas no centro da cidade. Arborização e ajardinamentos foram utilizados como estratégias para suavizar o aspecto do ambiente com a natureza. A inspiração ocorreu nos ares franceses, com o intuito de equiparação da cidade do Rio de Janeiro a Paris. Portanto, o ambiente físico estava edificado para o desfrute da sociedade carioca.

A imagem (*Fac-símile* n.º 08) sinaliza o espaço físico construído para as classes dominantes da cidade. A comparação entre os *Fac-símiles* n.ºs 08 e 09 demonstra a inspiração parisiense de Pereira Passos na *Avenue des Champs Élysées* para a construção da Avenida Central. Percebemos as ações urbanísticas realizadas pelo prefeito em sua grande extensão. Diversos prédios e árvores destacam a formosura da Avenida Central, da mesma maneira que na Avenida francesa. Visualmente, observamos a modernidade e beleza do Rio de Janeiro em alusão à França e o cumprimento de dois eixos do plano de gestão do prefeito: embelezamento e abertura de avenida.



Fac-símile n.º 08. *Avenue Des Champs Élysées*, 1900 Fonte: Espaço morgenlicht, 2013.



Fac-símile n.º 09. *Avenida Central*, 1906
Fonte: Sala Geo, 2017.

A imagem da Avenida Central também nos possibilitou, à luz de Elias (1994), verificarmos que as ações de Pereira Passos se guiaram em oposição à barbárie, na distinção das classes sociais e na criação de um novo *status* para a sociedade carioca. A barbárie foi combatida pela destruição da velha colônia. As classes sociais se dividiram: as elites estavam para a área central, assim como os pobres para os morros cariocas. A cidade estava bonita e aparentemente limpa. Essa nova realidade possibilitava o afastamento do adjetivo de fedorenta e sinônimo da morte, esses atribuídos à cidade antes das reformas. Assim, o *Fac-símile* n.º 09 permitiu verificarmos, no contexto do Rio de Janeiro, algumas bases formadoras do conceito de civilização francês atribuído por Norbert Elias.

Por outro lado, a mudança de comportamento apresentada pela população também foi iluminada pelo sociólogo, à civilização. Por isso, o prefeito instituiu e ofertou, à elite e a burguesia emergente, novos *habitus* entendidos como civilizados, para que eles fossem identificados como homem cortês e manifestassem a civilização conforme o processo civilizador.

Novas formas de se vestir e pentear, passeios em carruagens e de bicicleta, utilização de escarradeiras para cuspir e de banheiros públicos para defecar e urinar, são alguns exemplos dos novos comportamentos que foram instituídos pelo prefeito visando o refinamento das maneiras, necessários à civilização da cidade. Portanto, os novos *habitus* civilizatórios foram compreendidos ao idealizar um “padrão” de moral e de costumes, que devia, dentro do processo dinâmico, ajudar a civilização a prosseguir somando-se à beleza urbanística construída.

Em contrapartida, a nova área central, edificada pelo prefeito Pereira Passos para civilizar a cidade, passou a ser entendida, sob o olhar de Pierre Bourdieu, como campo de luta. Inicialmente, a disputa pelo espaço físico ocorreu entre a classe pobre (dominada), e as elites e burguesia emergente (classes dominantes). Com a “aceitação” da classe inferior para se estabelecer nos morros da cidade, o caminho tornou-se livre para as dominantes lutarem por aquele espaço social. E para deter o poder desse espaço, o alcance do capital simbólico foi necessário (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2009).

No entanto, para a obtenção deste, o capital cultural precisava primeiramente se estabelecer. O *status* financeiro necessitava aliar-se ao cultural. Nesse sentido, à luz de Bourdieu, entendemos a preocupação do prefeito em instituir outros comportamentos, e apostar, diretamente, em novos costumes com o intuito de reconfigurar a cultura na cidade. O capital econômico e cultural, juntos, estabeleceram ou mantiveram o poder das classes

dominantes na área central da cidade. Portanto, o requinte das maneiras, a cultura apreendida e o embelezamento do Rio de Janeiro formaram elementos importantes que coadunaram possivelmente para que, em 1908, a cidade recebesse o título de Maravilhosa, pois ela estava linda e sua população civilizada.

Dessa forma, esta Seção visa apresentar as ações realizadas pelo prefeito Pereira Passos para o acúmulo de capital cultural das classes dominantes, bem como prosseguirá no tempo e apontará como ocorreu a titulação de Cidade Maravilhosa à cidade do Rio de Janeiro.

3.1. A nova cultura da cidade do Rio de Janeiro

A cultura, conforme cita o antropólogo Laraia (1986), foi definida por Edward Tylor como complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.

Clyde Kluckhohn, outro antropólogo, apresentou a definição de que a cultura se refere a um comportamento apreendido e um conjunto de técnicas de ajustes ao ambiente externo e às outras pessoas (THOSTLE, 2013). Logo, segundo essas definições, a cultura do Rio de Janeiro se formou por meio dos *habitus* adquiridos e apreendidos e dos costumes instituídos pelo prefeito Pereira Passos.

Saíram de cena os comportamentos e costumes coloniais, e os novos *habitus* instituídos à população ganharam o palco no recente ambiente construído. Além disso, os diversos costumes franceses trazidos pela alta classe da sociedade para a cidade (Kok, 2005) fortaleceram a cultura carioca e demonstraram a necessidade e o desejo de um ambiente cultural e moderno, ao Rio de Janeiro, como forma de completar a bela cidade construída.

Os comportamentos, hábitos e costumes que formavam a cultura da cidade antes de Pereira Passos foram modificados porque eram considerados incivilizados de acordo com o momento civilizatório que ocorria na capital federal. Dessa forma, outros, que se tornaram civilizados, foram instituídos para serem apreendidos, completando a noção de modernidade da capital federal por meio do homem civilizado.

A técnica de Pereira Passos para esse alcance foi a construção do aquário no Passeio Público e dos pavilhões de músicas na Praça da República. O costume popular do carnaval, trazido pelos colonizadores portugueses, passou a ter, no início do século XX, uma maior organização. O advento do rádio propiciou às pessoas o hábito de ouvir músicas nacionais e internacionais, e a cidade passou a incorporar a arte, com o início da construção do Teatro Municipal.

3.1.1 Passeio Público: o aquário de águas salgadas

O Passeio Público foi o primeiro jardim público existente no Brasil. Localizava-se entre os bairros da Lapa e Cinelândia e construído após o aterramento da Lagoa do Boqueirão, no século XVIII, por iniciativa do vice-rei D. Luís de Vasconcelos¹⁸.

Como se visualiza no *Fac-símile* n.º 10, a pintura de Leandro Joaquim apresenta o local, anteriormente à construção do Passeio, ratificando o pensamento do escritor Joaquim Manuel Macedo¹⁹, que o retratou, em sua obra,²⁰ como um local onde existia uma lagoa que exalava um cheiro desagradável, sendo, na opinião de muitos, um foco de peste (MACEDO, 1991).



Fac-símile n.º 10. Lagoa do Boqueirão – Pintura de Leandro Joaquim – 1790
Fonte: Passeio Público (2017).

Ao se visualizar o *Fac-símile* n.º 10, verificamos a existência de pessoas se banhando na lagoa, além de escravos carregando sobre suas cabeças objetos de coloração branca. No mesmo ambiente, em meio d'água, há cinco animais que possuem semelhança com os bovinos. Ao redor do boqueirão, confere-se a existência de uma igreja²¹ no canto superior

¹⁸ Foi o décimo segundo vice-rei do Brasil, entre 1779 e 1790. Seu governo na colônia do Rio de Janeiro foi marcado por importantes melhoramentos, tais como: a construção do Passeio Público, o Campo da Cidade a Casa dos Pássaros, calçamento do terreiro do Paço, obras direcionadas à construção de chafarizes e bebedouros, entre outros. Além disso, com a conspiração da Inconfidência mineira, coube a ele determinar a prisão de Tiradentes, que ocorreu num casarão localizado na Rua Gonçalves Dias (IDENTIDADES DO RIO, 2018).

¹⁹ Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882) foi um escritor brasileiro. *A Moreninha* é o primeiro romance considerado verdadeiramente representativo da literatura brasileira. Foi professor de História do Brasil no Colégio Pedro II, e preceptor dos netos do Imperador Pedro II. É patrono da cadeira n.º 20 da Academia Brasileira de Letras (E-BIOGRAFIA, 2016).

²⁰ *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro* (1991).

²¹ Convento de Santa Tereza (RIODEJANEIROAQUI, 2017a).

esquerdo da imagem e, próximo a ela, uma grande estrutura com formas de arcos²². Além disso, há também casas, vegetação e uma carroça.

A presença de escravos nessa região sinaliza que a lagoa era um local utilizado para o despejo de dejetos humanos, devido à função de saneamento ambulante que os negros desempenhavam (PASSEIO PÚBLICO, 2017). Com esse raciocínio, depreendemos a insalubridade do local, que mesmo assim era utilizado para o banho, conforme revela o *Fac-símile* n.º 10.

Em decorrência do aterramento da insalubre Lagoa do Boqueirão, no final do século XVIII, no lugar erigiu-se um belíssimo jardim para usufruto da população – conforme pode ser visto no *Fac-símile* n.º 11 –, denominado de Passeio Público. Tal iniciativa foi um feito inédito, que refletia na colônia, quando o Iluminismo despontava na Europa. A imagem demonstra o jardim no início do século XX, dentro de um local limpo formado pela natureza. Apresenta vasta arborização, uma pequena ponte, onde estão duas pessoas, e postes de iluminação.



Fac-símile n.º 11. Passeio Público do início do século XX
Fonte: Rio Antigo (2017).

Foi nesse lindo jardim que Pereira Passos construiu um aquário de água salgada (*Fac-símile* n.º 12), tipo oriental, sendo formado por uma entrada, uma galeria de vinte tanques e piscinas. A construção fez do parque uma das importantes contribuições do prefeito para o embelezamento e cultura de visitação ao local. Fato ratificado, uma vez que ele foi apreciado

²² Atualmente conhecido como Arcos da Lapa. O aqueduto foi construído com a finalidade de levar água da nascente do Rio Carioca até o chafariz do Largo da Carioca, que abastecia a população (RIODEJANEIROAQUI, 2017a).

por mais de nove mil pessoas em três meses de funcionamento, demonstrando a procura da elite, sedenta em apreender os comportamentos ditos civilizados (PASSEIO PÚBLICO, 2017).



Fac-símile n.º 12. Aquário de água salgada
Fonte: Passeio Público, 2017.

O prefeito declarou, na época, que ele tornaria os jardins do Passeio mais dignos do interesse público e, sobretudo, dos estrangeiros que visitavam a cidade (PASSEIO PÚBLICO, 2017). Na verdade, pode-se entender que Pereira Passos instituiu um novo *habitus* ao carioca para que o passeio ao aquário, com o tempo, se tornasse um costume das classes superiores, quando possibilitou esse novo comportamento entendido como civilizatório.

3.1.2 A música e o carnaval carioca

Outra estratégia do governo trazida para cidade foi a música. Exemplo disso sobreveio na Praça da República, onde foram erguidos dois pavilhões destinados aos trabalhos musicais e um rústico nos jardins do Alto da Boa Vista (Tijuca) (A NOTÍCIA, 1906, p. 5).

A música possibilitou maior experimentação com o surgimento de novos gêneros musicais, oriundos de diferentes continentes, que começaram a se espalhar de alguma forma. Os sons musicais passaram a ser um elemento ideológico indispensável à burguesia carioca (BARANOV, 2014).

Exemplos de internacionalidade podem ser atribuídos ao ritmo de marchas militares e patrióticas, como a *Band's Sousa* – banda americana criada, em 1892, por Jonh Philip Sousa, ex-líder da Marinha dos Estados Unidos. Um dos sucessos musicais foi “American Patrol”.

Trata-se de um instrumental criado pelo compositor Frank White Meacham e gravado pela banda no ano de 1901 (AMERICA'S STORY, 2016).

A burguesia e a alta classe carioca também desfrutaram, no início do século, do som do *jazz* na voz de Albert Campbell, cantor americano que interpretou “*Ma Blushin' Rosie*”²³ (LYRICS VAULT, 2017), música romântica inspirada em uma mulher chamada *Rosie*, como demonstra sua letra:

Ma Blushin' Rose

There's a little bunch of sweetness
That I long to call my bride
And believe me I'm not happy
Lest my baby's by my side
Her baptismal name was Rosie
But she put's the rose to shame
And almost every night
You'll here me call her name
Chorus
Rosie, you are my posie
You are my hearts bouquet
Come out here in the moonlight
There's something sweet love
I wanna say

Your honey boy I'm waiting
Those ruby lips to greet
Don't be so captivating
My blushing Rosie
My posie sweet
Rosie, you are my posie
You are, my hearts bouquet
Come out, here in the moonlight
There's something sweet love
I'm gonna sing about my baby
Your honey, your boy I'm waiting
Those rubies, those lips to greet.

Albert Campbel, 1900

Entre as músicas brasileiras, que movimentaram os cariocas, destacamos o som do flautista brasileiro Patápio Silva,²⁴ com a valsa “Amor Perdido”, e Eduardo Neves,²⁵ com a canção “A conquista do Ar”. A esta última cabe uma particularidade. Ela relata uma das funções da música, que foi trazer um momento histórico de glória do Brasil: o feito de Alberto

²³ Tradução: **Ma Blushi 'Rose**. Há um pouco de doçura / que eu desejo para chamar de minha noiva / E acredite em mim eu não estou feliz / Para ter meu bebê esteja do meu lado / Seu nome de batismo era Rosie / Mas ela colocou a rosa em vergonha / E quase todas as noites / Você vem aqui chamar seu nome / Refrão / Rosie, você é meu doce / Você é meu buquê de corações / Venha aqui a luz da lua / Há algo doce amor / Eu quero dizer / Seu amor, eu estou esperando/ Aqueles lábios de rubi para cumprimentar / Não seja tão cativante / Minha Rosie corada / Meu doce positivo / Rosie, você é meu doce / Você é meu buquê de corações / Venha para fora, aqui na luz da lua / Há algo de doce amor / Eu vou cantar sobre meu bebê / Seu amor, seu menino, eu estou esperando/ Aqueles rubis, aqueles lábios para cumprimentar. Letra: site Vagalume – música é tudo. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/al-jolson/ma-blushin-rose-traducao.html>. Acesso em: 28 ago. 2017. Tradução: Google tradutor.

²⁴ Apesar de ter vivido por somente 26 anos, Patápio Silva (1880-1907) tornou-se um grande nome entre os flautistas brasileiros. Sobressaiu-se com prestígio no Instituto Nacional de Música, sendo muito aplaudido em suas apresentações em locais sofisticados pelo país. Do menino pobre e mestiço nasceu um grande flautista que saiu do interior para brilhar com seu sopro de arte na capital federal e centro cultural do país à época (OLIVEIRA, 2007).

²⁵ Eduardo Sebastião das Neves foi palhaço de circo, poeta e cantor. Artista negro que nasceu em 1874 no Rio de Janeiro e faleceu na mesma cidade em 1919 (CIFRANTIGA, 2006).

Santos Dumont de contornar a Torre Eiffel em seu balão n.º 6, no dia 19 de outubro de 1901; que inspirou Eduardo Neves a compor a referida música, sucesso em 1902. A canção glorifica o inventor da aviação – Santos Dumont – e retrata a Europa, admitindo a descoberta do voo por um brasileiro (CIFRANTIGA, 2006).

A Europa a que se refere a canção, trata-se de Paris, pois foi ao contornar a Torre *Eiffel* que Santos Dumont teve seu primeiro destaque. Assim, um entendimento possível seria que o Rio de Janeiro demonstrava sua equivalência à Cidade Luz, pelo reflexo da sua civilização. Dessa forma, por tudo que a França representava ao país, a canção em versos ufanistas deve ter agradado, e muito, o público da época.

A conquista do Ar

A Europa curvou-se ante o Brasil
E clamou “parabéns” em meio tom
Brilhou lá no céu mais uma estrela
Apareceu Santos Dumont

**

Salve, Estrela da América do Sul
Terra, amada do índio audaz, guerreiro
A glória maior do século vinte
Santos Dumont, um brasileiro

**

A conquista do ar se aspirava
A velha Europa, poderosa e viril
Rompendo o véu que a ocultava
Quem ganhou foi o Brasil

**

Por isso o Brasil tão majestoso
Do século tem a glória principal
Gerou no seu seio o grande herói
Que hoje tem renome universal

**

Assinalou para sempre o século vinte
O herói que assombrou o mundo inteiro
Mais alto do que as nuvens,
Quase Deus, Santos Dumont – um brasileiro.

Eduardo Neves, 1902

Ademais, os músicos cariocas tocavam ritmos estrangeiros. Seus instrumentos infundiam um tom melancólico, que deu origem ao estilo denominado choro ou chorinho (BARANOV, 2014). Na verdade, esse estilo surgiu no Rio de Janeiro em 1870. Foi ocasionado pela fusão de ritmos europeus com afro-brasileiros. O violão, flauta e cavaquinho produziam na música um aspecto sentimental, melancólico e “choroso” (NAKAMURA *et al.*, 2002).

No início do século XX, começou a ser cantado, deixando de ser tão somente instrumental. Adquiriu um ritmo mais veloz, agitado e divertido. Nessa mesma época surgiu o chorinho ou samba-choro, também conhecido como terno, em virtude da polidez e sutileza de sua harmonia (NAKAMURA *et al.*, 2002).

Chiquinha Gonzaga²⁶ foi um dos destaques desse ritmo musical. A canção “Os namorados da Lua” é um dos exemplos. Todavia, foi a música “Ó Abre Alas” que se

²⁶ A compositora e maestrina carioca Chiquinha Gonzaga (1847-1935) destaca-se pelo seu pioneirismo na história da cultura brasileira e na luta em prol das liberdades no país. A coragem com que enfrentou a opressora sociedade patriarcal e criou uma profissão inédita para a mulher, causou escândalo em seu tempo. Atuando no

destacou, sendo considerada como a primeira música do carnaval carioca e uma das mais tocadas dessa época (BARANOV, 2014).

Assim, ao som das marchas militares (instrumental da *Band's Souza*), do jazz (na voz de Albert Campbell), da valsa (pela gloriosa flauta de Patápio Silva), do choro e do ritmo de Chiquinha Gonzaga, a cultura musical embalou a sociedade carioca no Rio de Janeiro dos primeiros anos de 1900. O ritmo tornou-se, além de cultura, uma arte necessária à classe dominante, que aspirava ares civilizatórios.

Para atender a burguesia e a elite, também foi construído pelo prefeito da época um café-concerto. Em outras palavras, as classes superiores da sociedade poderiam desfrutar de uma sala de espetáculos musicais, onde funcionava o serviço de um bar localizado na bela Avenida Beira-Mar, conforme noticiou o periódico *A Notícia* (1906, p. 5).

Para o carioca, essa musicalidade e seus ambientes, realizados pelo prefeito no intuito de a população desfrutar dos diferentes ritmos musicais, podem ser entendidos como mais uma forma para o refinamento de maneiras; *status* que refletia a alta imagem nacional da capital federal.

Uma expressão cultural importante, não instituída por Pereira Passos, mas que sofreu suas intervenções em virtude do novo Rio de Janeiro que ele construiu, foi o carnaval carioca. A palavra carnaval surgiu do baixo latim, *carnelevamen*, que significa “adeus à carne”, em referência à terça-feira gorda, o último dia do calendário cristão em que é permitido comer carne (OLIVEIRA, 2012). O significado para o termo refere-se aos três dias imediatamente anteriores à quarta-feira de cinzas, dedicados a diferentes sortes de diversões, folias e folguedos populares, com disfarces e máscaras (HOLANDA, 2001).

Semanticamente, a palavra carnaval pode ter como significado: confusão, trapalhada ou desordem, tudo realizado pelos grupos de folia que assumem o controle da festa. Brincar, nesses dias festivos, passou a ser a palavra de ordem. Como, por exemplo, a brincadeira do entrudo, que chegou à cidade no século XVI, por meio dos colonizadores portugueses, divertia os escravos pela prática de jogar água ou pó uns nos outros ou até mesmo lama ou excrementos (OLIVEIRA, 2012). Porém, foi ao longo dos tempos considerada um divertimento descontrolado – chegando a ser comparado como ato de selvageria –, sendo realizada pelas classes menos favorecidas da sociedade, como os escravos (FERNANDES, 2003).

rico ambiente musical do Rio de Janeiro do Segundo Reinado, no qual imperavam polcas, tangos e valsas, Chiquinha Gonzaga não hesitou em incorporar ao seu piano toda a diversidade que encontrou, sem preconceitos (DINIZ, 2011).

A brincadeira do entrudo permaneceu sendo realizada até a segunda metade do século XIX, quando o carnaval começou a sofrer processo de transformação e, na gestão de Pereira Passos, tornou-se extremamente reprimida, em virtude de as famílias aristocráticas deixarem o ambiente privado. Nesses dias de festejos, os bailes de máscaras foram a grande novidade instituída no Rio de Janeiro, inspirados mais uma vez nos ares franceses (OLIVEIRA, 2012).

A repressão da manifestação cultural, realizada por Pereira Passos, pode ser entendida como oposição ao mundo colonial, que não mais pertencia à cidade. Em outras palavras, o entrudo representava a barbárie na civilização e ao mesmo tempo não estava à altura das classes dominantes.

Por outro lado, esses conflitos relacionados à brincadeira do entrudo demonstravam a existência de diversidades culturais em um mesmo ambiente físico. Elas podem ser entendidas como o resultado da desigualdade de estágios existentes da civilização (LARAIA, 1986). Cabe destacar que antes das derrubadas e das novas construções de Pereira Passos, a cidade possuía número expressivo de população pobre que habitava o centro, devido à proximidade de seus locais de trabalho. Esta foi expulsa juntamente com sua cultura, porém permaneceu no centro, rodeando a cidade moderna (KOK, 2005).

Em razão dessa modernidade, o entendido foi que o carnaval ibérico passou a ser substituído pelo veneziano, demonstrando nesse ambiente de brincadeiras a separação das classes sociais, no qual a máscara era reservada às altas elites, enquanto que o entrudo, à classe pobre.

Paralelamente com o declínio do divertimento de origem portuguesa, domado a cada carnaval, surgiu entre as camadas populares à figura do Zé Pereira, personagem que saía pelas ruas tocando bumbo desafinado e que também foi alvo de repressão (FERNANDES, 2003).

Essa coerção ao carnaval das classes populares remete, mais uma vez, à tentativa de instituir o momento festivo para os brancos de camadas ricas da sociedade. Ao negro, ao mulato e ao pobre, o divertimento tornava-se proibido quando eles tentavam instituir maneiras de diversão. A proibição atrelava-se, justamente, à saída das frações dominantes da sociedade da condição de espectadora para participante do carnaval, por meio do baile de máscaras, que levou ao surgimento das chamadas “Sociedades Carnavalescas” (OLIVEIRA, 2012).

Assim, nos vinte anos que se desdobraram de 1890 a 1910, identificamos o aparecimento de quatro novas formas de manifestação carnavalesca: ranchos, cordões e blocos, na década de 1890; e o curso, em 1907 (FERNANDES, 2003).

Uma particularidade se faz aos ranchos, grande elemento do carnaval que surgiu na segunda metade do século XIX. Ao contrário da brincadeira do entrudo e do Zé Pereira – manifestações populares sem nenhuma ostentação –, os ranchos, também de origem popular, celebravam o luxo nas suas fantasias. Foi nesse grupo que os setores subalternos da sociedade encontraram espaço para se fantasiarem com o modelo e trajes das elites dominantes. A festividade proporcionava a inversão da realidade por meio das fantasias. Em outras palavras, o pobre tornava-se “rico” nos dias de folia (OLIVEIRA, 2012).

Outro destaque ocorreu com os cordões. Entre as principais características cita-se a sua formação por grupos de foliões mascarados, cujas feições eram de velhos, palhaços, diabos, reis, rainhas, dentre outros, sendo eles conduzidos por um mestre que usava um apito de ordenação (FERNANDES, 2003). A famosa e dançante marchinha de carnaval “Ó Abre Alas”, de Chiquinha Gonzaga, foi criada para o cordão carnavalesco Rosas de Ouro.

Ó Abre Alas	
Ó abre alas	Rosa de Ouro
Que eu quero passar	É que vai ganhar
Ó abre alas	Rosa de Ouro
Que eu quero passar	É que vai ganhar
Eu sou da lira	**
Não posso negar	Ó abre alas
Eu sou da lira	Eu quero passar
Não posso negar	Ó abre alas
Ó abre alas	Eu quero passar
Que eu quero passar	Rosa de Ouro
Ó abre alas	Não pode negar
Que eu quero passar	Rosa de Ouro
	Não pode negar.

Chiquinha Gonzaga, 1899.

Os cordões eram considerados barulhentos e aterrorizantes. A alegria confundia-se com a falta de ordem; as brigas, com ausência de educação e civilidade; o barulho, com manifestação de gente bárbara. Havia grande preconceito. As fantasias mais pobres ou as de índio, por exemplo, também eram motivos de condenação, remetendo ao primitivismo. Adjetivos negativos empregavam-se para desqualificar os cordões, principalmente quando surgiam na nobre Rua do Ouvidor ou Avenida Central (PORTAL G1, 2013). A brincadeira para o carnaval realizada pela classe mais subalterna sofria perseguições pelo entendimento de não ser o padrão de comportamento instituído para a cidade.

No meio moderno e civilizado da rua e da avenida, era o curso que demonstrava ser o ritmo carnavalesco adequado para embelezar a cidade nos dias de carnaval. Novidade irrestrita para o agrado da elite moderna da cidade em busca de um carnaval civilizado (FERNANDES, 2003).

O curso tornou-se uma agremiação carnavalesca que promovia desfiles utilizando carros de luxo, abertos e ornamentados pelas ruas da cidade, no qual participavam foliões geralmente fantasiados, que jogavam confetes, serpentinas e esguichos de lança-perfume nos ocupantes dos outros veículos. Eram ações elegantes e opostas às realizadas pelos entrudos (FERNANDES, 2003; OLIVEIRA, 2012).

A tentativa era reproduzir algo semelhante aos carnavais mais sofisticados, como no sul França, na cidade de Nice. Assim, pelo seu desenvolver, era uma brincadeira exclusiva das elites cariocas, pois eram elas que ou possuíam carros ou podiam alugá-los para desfrutarem do carnaval (FERNANDES, 2003).

Verificamos que, seja de uma maneira luxuosa, seja pela simplicidade, a cultura do carnaval carioca se fortaleceu com o passar dos tempos por suas várias manifestações, as grandes responsáveis pela diversidade de um carnaval que se assumia cada vez mais como uma forte cultura carioca.

3.1.3. A arte e o embelezamento do teatro

Além da música e carnaval, o Rio de Janeiro também passou a instituir a cultura e o *habitus* de frequentar o teatro, com o início da construção do Theatro Municipal, espaço que contribuiu para o embelezamento da Avenida Central, devido à sua arquitetura europeia.

A cidade já possuía três teatros, o *Franc-brésiliene*²⁷, o Lyrico²⁸ e o São Pedro.²⁹ Os dois últimos eram criticados devido às suas instalações. No entanto, mesmo com a falta de conforto, sujeira e mobiliário velho, em meados do século XIX, a atividade teatral no Rio de Janeiro era intensa, ainda que os espaços teatrais não estivessem à altura da nova capital do país. Assim, após a Proclamação da República brasileira (1889), o autor teatral Arthur Azevedo lançou uma campanha para a construção de novo palco de espetáculo, que seria sede de uma companhia municipal, criada nos moldes da *Comédie-Française*, teatro estatal da França (THEATRO MUNICIPAL, 2017).

²⁷ Atualmente teatro Carlos Gomes. Passou a essa designação em 1905 em homenagem ao compositor Carlos Gomes (LUCENA, 2015).

²⁸ Construído na base do Morro de Santo Antônio, em um vasto terreno onde, desde 1854, o Teatro Lyrico foi o melhor teatro da cidade. Ficava na rua da Guarda Velha (depois da Treze de Março) com a Rua Senador Dantas (esquina mais tarde conhecida como Tabuleiro da Baiana). O antigo Imperial Teatro Dom Pedro II foi inaugurado em fevereiro de 1871, no carnaval, apresentando um baile de máscaras. Após a República, passou a se chamar Lyrico. Foi demolido em abril de 1934 (MEMÓRIA VIVA, 2006).

²⁹ O Teatro Real de São João foi incendiado em 1824. A reedificação do teatro foi feita, no mesmo lugar que o anterior, dois anos após e reinaugurado com o nome Imperial Theatro de São Pedro de Alcântara. Atualmente teatro João Caetano (TEATROS DO CENTRO HISTÓRICO DO RIO DE JANEIRO, 2017).

O início de sua concretização ocorreu com Pereira Passos. Por isso, uma concorrência pública foi aberta para a escolha do responsável pelo projeto arquitetônico, e o escolhido foi o Dr. Francisco Oliveira Passos, que por coincidência era filho do prefeito. Sua inauguração somente ocorreu em 1909, com capacidade para 1.739 espectadores, sendo intitulado Theatro Municipal. Desse modo, foi instituída a seus frequentadores a cultura de óperas e danças, vindas da Itália e da Cidade Luz (Paris) (THEATRO MUNICIPAL, 2017).

A cultura teatral da gestão de Pereira Passos alcançou os filhos das elites, por meio dos espaços cênicos no formato Guignol, construções arquitetônicas que seguiram o modelo do teatro de bonecos popular de Paris. Assim, os teatrinhos de Guignol trouxeram para o grupo infantil a técnica dos fantoches de luva, suprimindo a arte dos bonecos de fio que se prevaleceu durante o século XIX, levando a uma ruptura expressiva na história do teatro de bonecos na cidade (BARDI, 2016). Esse tipo de teatrinho foi construído nos jardins de Botafogo, conforme noticiou o periódico *A Notícia* (1906, p. 5).

Foi dessa maneira que se findou o período de gestão de Pereira Passos, em 1906. O engenheiro e prefeito do Rio de Janeiro, de maneira autoritária e coercitiva, pôs fim à colônia insalubre, feia e suja, ao transformar a cidade do Rio de Janeiro – tanto no seu aspecto físico, comportamental, quanto cultural –, em símbolo de beleza, modernidade e civilização, *status*, que, à luz de Elias (1994), demonstra que o prefeito tornou a cidade o cartão postal do país. Essa foi a cidade que o prefeito Pereira Passos entregou para seu sucessor, o também engenheiro Francisco Marcelino de Souza Aguiar³⁰, indicado pelo Presidente da República, Afonso Pena (LUCENA, 2016).

3.2. A Cidade Maravilhosa

A titulação de Cidade Maravilhosa ao Rio de Janeiro ocorreu no governo de Souza Aguiar, dois anos após o término da gestão de Pereira Passos. O adjetivo foi atribuído pelo escritor maranhense Coelho Neto,³¹ conforme consta em seu artigo “Os sertanejos”, publicado no jornal *A Notícia*, em 29 de outubro de 1908, na página três (PIMENTEL, 2014). Esse fato nos levou a pensar que o Rio de Janeiro se tornou uma cidade superior às demais cidades brasileiras. *A Belle Époque* tropical foi construída por Pereira Passos, quando comparada ao

³⁰ Engenheiro, militar e político brasileiro. Sua administração teve responsabilidade imediata de concluir obras da administração Pereira Passos. Em seu novo posto deparou-se com problemas administrativos e financeiros deixados pela gestão anterior, além de compromissos contratados para 1907 (MESQUITA, 2018).

³¹ Henrique Maximiano Coelho Neto (1864-1934) foi escritor e político brasileiro. Integrou o Parnasianismo, movimento essencialmente poético que reagiu contra os abusos sentimentais românticos. Estudou medicina e direito, mas não concluiu nenhum dos cursos. Participava de movimentos abolicionistas e republicanos (E-BIOGRAFIA, 2015).

seu *status* de colônia, anterior à reforma urbana realizada pelo prefeito, bem como a adjetivação a ela fornecida.

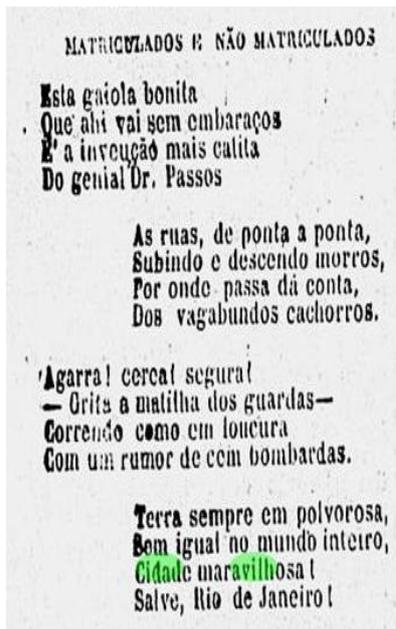
No que se refere ao significado da palavra maravilhosa, entendemos ser aquilo que provoca surpresa ou que é esplêndido, conforme o livro de significados (HOLANDA, 2001). Portanto, a titulação foi a forma de demonstrar que Pereira Passos conseguiu o esplendor, a civilização, o saneamento e a beleza que a elite brasileira demandava.

Na pesquisa sobre a história da cidade, lacunas sobre a titulação de maravilhosa, atribuída ao Rio de Janeiro, sobrevieram quando não foi encontrado em meio digital o artigo citado nas literaturas sobre a designação fornecida à cidade por Coelho Neto. Durante a procura, constatamos que o *blog* denominado “Literatura e Rio de Janeiro”, de autoria de Ivo Korytowski, ratificava a ausência do artigo em meios digitais.

O historiador revelou a presença do documento no acervo da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro. Korytowski informou que a crônica narra a história de um grupo de sertanejos contratados para cantar e dançar no recinto da Exposição Nacional do Centenário de abertura dos portos na cidade em 1908. Conforme o relato de Ivo, de fato Coelho Neto usou a expressão “cidade maravilhosa”, no artigo, todavia para a referida exposição e não para toda cidade do Rio de Janeiro (KORYTOWSHI, 2015).

Dessa maneira, na tentativa de compreender essa lacuna na adjetivação da Capital Federal, a imprensa, do período da gestão de Pereira Passos até o ano de 1908, foi consultada e o título de “Cidade Maravilhosa” para o Rio de Janeiro foi encontrado em quatro periódicos.

Os primeiros foram *O Paiz* (*Fac-símile* n.º 13) e *Jornal do Brasil* (*Fac-símile* n.º 14), ambos datados em 16 de fevereiro de 1904, gestão de Pereira Passos, terça-feira de carnaval, retratando matérias idênticas, em clima carnavalesco com versos críticos ao prefeito, e clamando pela salvação da Cidade Maravilhosa, o Rio de Janeiro.



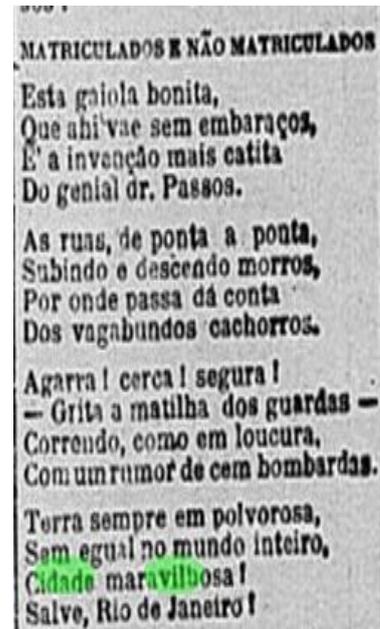
Matriculados e não matriculados

Esta gaiola bonita
Que ali vai sem embaraços
É a invenção mais catita
Do genial Dr. Passos.

As ruas de ponta a ponta,
Subindo e descendo os morros,
Por onde passa dá conta,
Dos vagabundos cachorros.

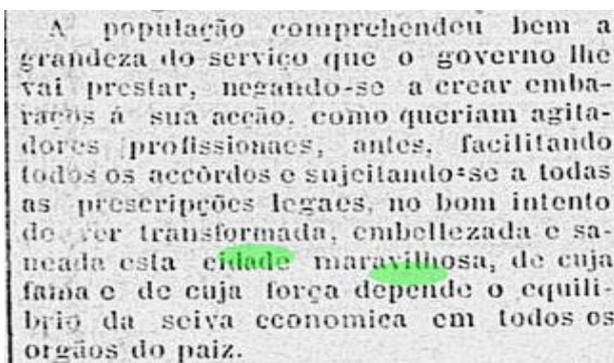
Agarra! Cerca! Segura!
- Grita a matilha dos guardas -
Correndo como em loucura
Com um rumor de cem bombardas.

Terra sempre em polvorosa,
Bem igual ao mundo inteiro,
Cidade Maravilhosa!
Salve! Rio de Janeiro!



Os versos, além de abordarem, em 1904, o Rio de Janeiro como Cidade Maravilhosa, demonstraram a repressão que ocorria com a população pobre, que não tinha autorização da prefeitura para brincar o carnaval na gestão de Pereira Passos. Por isso no título menciona-se “não matriculados”.

Retornando à adjetivação “maravilhosa”, o jornal *O Paiz*, (*Fac-símile* n.º 15), três meses após (maio de 1904), apresentou os esforços feitos pelo governo nas ações realizadas na cidade. Também retratou a sujeição da população para a concretização dos serviços de embelezamento e saneamento realizados no Rio de Janeiro em prol da civilização do Rio de Janeiro. E no final, a notícia estabeleceu a relação da cidade como maravilhosa com fins econômicos para o país.



A população compreendeu bem a grandeza do serviço que o governo lhe vai prestar, negando-se a crear embaraços á sua acção, como queriam agitadores profissionaes, antes, facilitando todos os accôrdos e sujeitando-se a todas as prescripções legae, no bom intento de ver transformada, embellezada e saneada esta cidade maravilhosa, de cuja fama e de cuja força depende o equilibrio da seiva economica em todos os órgãos do paiz.

Fac-símile n.º 15. Uma obra política. *O Paiz*, Rio de Janeiro, p. 01, 04 maio 1904
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Sobre a compreensão da população, às ações de reforma que o prefeito executava na cidade cabe uma observação. A concepção se refere às classes dominantes, desejosas por essas mudanças. Isso porque os demais segmentos sofriam com várias ações realizadas, pois, ao mesmo tempo em que Pereira Passos destruía e construía uma nova cidade, o médico Oswaldo Cruz instituía suas medidas sanitárias coercitivas para a eliminação das epidemias cariocas. Assim, a compreensão, aparentemente “amigável”, retratada na manchete, destoa, quando se pensa na população pobre da cidade.

Do mesmo modo, o *Fac-símile* n.º 16 representado pela revista *O Malho*, de 1906, publicado dois anos após os *Fac-símiles* anteriores sobre a Cidade Maravilhosa, trouxe como manchete saudações ao senhor Pereira Passos pela inauguração de uma de suas grandes obras, realizadas na cidade. A Avenida Beira-Mar possibilitava, sem qualquer obstáculo, visualizar o espetáculo da Baía de Guanabara. Como se pode ver na imagem, um homem, que se encontra dentro do automóvel, vislumbra o mar. Na legenda podemos verificar mais uma vez a designação de Cidade Maravilhosa ao Rio de Janeiro.



Na inauguração da Avenida Beira-Mar

Zé Povo: – Abençoado Passos, que me deste uma das primeiras avenidas marítimas do mundo! Avenida onde se gosa o espetáculo surpreendente da formosa Guanabara! Cinta elegantíssima desta cidade maravilhosa! Caminho amplo e limpo, onde se não encontra o vulto revoltante de um kiosque! Eu te saúdo!...

Fac-símile n.º 16. Na inauguração da Avenida Beira Mar. *O Malho*, Rio de Janeiro, p. 30, 24 nov. 1906
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

A referência negativa aos quiosques, conforme a legenda, ocorreu por eles serem considerados, naquela época, locais insalubres. Recebiam pessoas de todos os tipos, em sua maioria a classe subalterna da cidade que realizavam suas necessidades vesicais e intestinais próximo aos estabelecimentos (JORNAL DO SÉCULO, 1903; KOK, 2005). Por esse motivo, a notícia se refere ao local de maneira pejorativa.

Assim, constitui-se um equívoco, tanto por essa análise como pela pesquisa do historiador Ivo Korytowski, atribuir a Coelho Neto a autoria do título de Cidade Maravilhosa.

Antes mesmo da publicação do artigo do escritor maranhense, em 1908, o *Jornal do Brasil* e *O Paiz*, em 1904, e *O Malho*, em 1906, foram os primeiros a veicularem o Rio de Janeiro com a adjetivação de maravilhoso – seja em forma de crítica ou de reconhecimento pelas ações do governo de Pereira Passos –, deixando lacunas sobre os motivos de considerar o escritor Coelho Neto como o mentor da titulação da cidade.

3.3. Síntese da Seção

Esta Seção apresentou novos comportamentos e influências culturais exportados da Europa e ações que compuseram a cidade que acabava de nascer resultando na formação da cultura carioca em prol da civilização da cidade. Portanto, os comportamentos civilizatórios – como exemplo, vestir-se, pentear-se à moda francesa, visitação ao aquário e teatro, o carnaval de elite, sons musicais diversos –, juntamente com a beleza da cidade, levaram a presumir a adjetivação de maravilhosa, em 1908, à capital federal.

No entanto, desencontros no título atribuído à cidade do Rio de Janeiro ocorreram. A imprensa da época foi a primeira a atribuir o título de maravilhosa   capital federal, que aconteceu na gestão de Pereira Passos, e não o escritor Coelho Neto em seu texto, como   veiculado. Além disso, o artigo não demonstra que o escritor atribuiu ao Rio de Janeiro o título de maravilhoso. Por essas desarmonias, questionamentos surgiram se realmente a cidade se tornou maravilha, no sentido literal da palavra, ou se o título sobreveio como estratégia política, trazendo d vidas sobre o alcance dos objetivos de Pereira Passos instituídos para civilizar a cidade.

Os *Fac-símiles* expostos levam ao entendimento de que dois eixos do plano de gestão de Pereira Passos foram alcançados. Em outras palavras, a abertura de ruas e avenidas ocorreu, bem como o embelezamento da cidade, quando se comparou o *status* outrora colonial com a cidade edificada por Pereira Passos. Uma a o referente ao saneamento aconteceu por meio das a es do médico Oswaldo Cruz, para eliminar as principais doenças que faziam a capital federal ser considerada a cidade da morte, sendo indiretamente auxiliado pelo prefeito mediante legisla es publicadas.

Ressaltamos que uma a o realizada por Pereira Passos para sanear a cidade foi a demoli o das habita es coletivas, em que seus habitantes e as moradias foram entendidos,   época, como insalubres e focos de doenças, sendo esses os pretextos explícitos que justificava a demoli o e afastamento de seus moradores para local distante da área interessada pelo prefeito.

Não obstante, outra medida sanitária adotada por Pereira Passos para sanear a cidade do Rio de Janeiro foi a instalação de banheiros nos espaços públicos (JORNAL DO SÉCULO, 1903). Dessa maneira, buscas ocorreram sobre essa ação e houve carência de resultados sobre o assunto, fazendo surgir indagações de como ocorreu essa estratégia adotada por Pereira Passos para sanear a cidade.

Assim, a próxima Seção retorna à gestão do prefeito (1902-1906) para evidenciar a medida sanitária de instalação dos banheiros públicos na cidade, como tentativa de confirmar o terceiro item do plano de governo de Pereira Passos: o saneamento, no sentido de entender as nuances que envolveram o título de Cidade Maravilhosa.

Seção IV

Os banheiros públicos instalados na gestão de Pereira Passos

Esta Seção aborda a medida sanitária de instalação de banheiros públicos na gestão de Pereira Passos (1902-1906), no Rio de Janeiro. Analisamos, por meio de 23 notícias publicadas pela imprensa da época e 04 imagens de Augusto Malta, as características, tipos e locais escolhidos pelo prefeito para as construções e/ou instalações dos banheiros. Tal estratégia ocorreu para verificar a materialidade dessa medida de saúde pública na capital federal, como uma das táticas para o saneamento da cidade e necessária para resultar em Cidade Maravilhosa.

Ao retornar na história sobre os esgotos do Rio de Janeiro, percebemos a destinação inadequada das fezes e urinas humanas, sem a devida preocupação com o meio, mesmo após as ações realizadas na tentativa de resolução do problema.

Até metade do século XIX, os esgotos do Rio de Janeiro eram escoados pelos escravos, por meio ambulante. Eles carregavam detritos humanos acumulados, diariamente ou semanalmente, das casas dos seus senhores, em barris, lançando-os no mar, nos terrenos baldios ou nas ruas para que as águas das chuvas pudessem carregá-los para longe (BUENO, 2007; DA SILVA, 2002; ENDERS, 2015).

No entanto, a geografia da cidade rodeada por morros, ruas não retilíneas e apertadas, presença de pântanos e ausência de sistema de drenagens contribuíam para que, na ocorrência de chuvas, as águas se acumulassem no ambiente, formando alagamentos com material fecal sobrenadante (DA SILVA, 2002a). As fezes permaneciam nas ruas, mesmo após o lento escoamento das águas, revelando a não resolutividade das chuvas na limpeza do ambiente.

A ausência de asseio fez a Junta de Higiene do Império constatar o adoecimento do lugar e, dentre as causas, relacionou a falta de escoamento adequado dos esgotos sanitários na cidade (DA SILVA, 2002a). Por essa razão, na década de 1860, a empresa de *The City Improvements Company* foi contratada pelo governo imperial, por meio da Lei n.º 884, de 1.º de outubro de 1856, criada pelo Imperador D. Pedro II, para construir o sistema sanitário de esgotamento na cidade do Rio de Janeiro (AZEREDO *et al.*, 2012; CEDAE, 2014).

Como forma de gerenciamento, a empresa inglesa dividiu a cidade em três distritos, a saber: São Bento, denominado posteriormente como Arsenal (1.º distrito, que compreendia a parte central da cidade); Gamboa (2.º distrito, indo do Estácio de Sá ao Catumbi) e Glória (3.º

distrito, compreendendo os bairros de Laranjeiras, Silvestre, Santa Teresa, Morro da Glória, Flamengo, Catete e Lapa) (AZEREDO *et al.*, 2012).

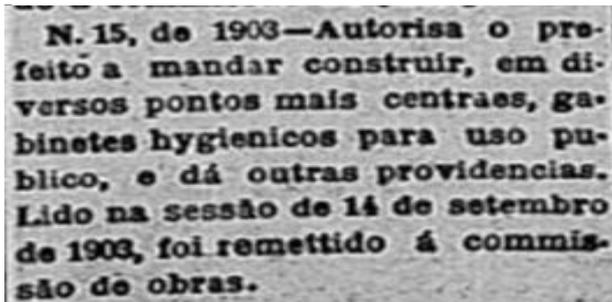
Na década de 1890, a rede de esgotos chegou à Tijuca, Andaraí, Glória e Botafogo (MARQUES, 1995). Não há registros nas literaturas consultadas sobre a chegada da rede na região denominada pela empresa como 1.º distrito. Este correspondia à região central da cidade do Rio de Janeiro – alvo das ações de Pereira Passos no início da década de 1900 –, o que levou a se pensar na continuação do destino inadequado dos excrementos humanos na área central da capital federal.

Mesmo que a empresa tivesse instalado as tubulações necessárias para o escoamento sanitário no 1.º distrito, o sistema misto empregado por ela se mostrava ineficiente. Assim, na medida em que caíam fortes chuvas, as ruas alagavam e os lixos, sujeiras e detritos humanos permaneciam submersos pelos espaços públicos da cidade (DA SILVA, 2002a).

Dessa forma, percebemos que, apesar das quatro décadas de contrato entre o Brasil e a empresa inglesa, a *City* mostrava-se incompetente em sua função, pois os problemas que motivaram sua contratação continuavam na cidade no início do século XX. A capital federal tinha um sistema inoperante e dejetos nos espaços públicos, problema ratificado quando o *Jornal do Século* (1903) relatou a realização das necessidades fisiológicas próximo aos quiosques. Portanto, para resolver os problemas ocasionados pelos detritos humanos, o prefeito instalou banheiros nos diversos espaços públicos.

Por outro lado, a instalação deles por Pereira Passos atenderia outro viés da civilização proposta para o Rio de Janeiro. Além de resolver os aspectos sanitários em oposição à barbárie – pelo entendimento de Elias (1994) –, ela foi utilizada para instituir novo comportamento à população, pois expelir fezes e urina em local destinado a ambos era entendido como civilizado. Logo, visando o ambiente salubre se fazia necessário que o novo comportamento fosse realizado pela população para a civilização do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, do salubre ao inédito *habitus*, a instalação dos banheiros públicos foi uma das ações realizadas pelo prefeito Pereira Passos (*Fac-símile* n.º 17). Evacuar e urinar aos olhos de todos mantinha o ambiente insalubre e prejudicava as transações comerciais do café. Por conseguinte, além da higiene, a utilização dos banheiros passou a ser entendida, no governo de Pereira Passos, como comportamento civilizado para o contexto da capital federal.



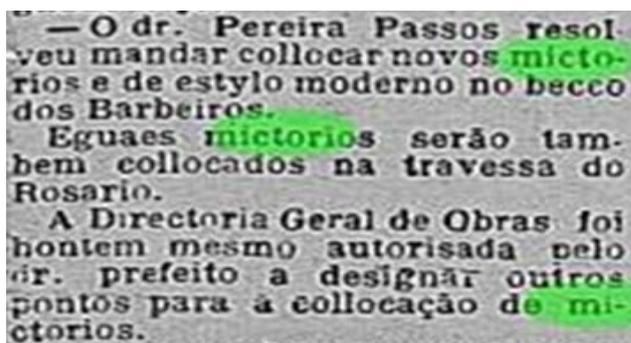
N. 15, de 1903—Autorisa o prefeito a mandar construir, em diversos pontos mais centraes, gabinetes hygienicos para uso publico, e dá outras providencias. Lido na sessão de 14 de setembro de 1903, foi remettido á commissão de obras.

Fac-símile n.º 17. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p. 04, 5 nov. 1904
 Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

4.1 Locais de instalação dos banheiros públicos

A área central – delimitada pelo Largo do Paço, Morro do Castelo, Morro de Santo Antônio, Largo de São Francisco e Morro de São Bento –, da cidade do Rio de Janeiro, foi o local de instalação dos banheiros públicos escolhido pelo prefeito. Com a civilização, ela tornou-se uma estrutura de justaposição entre as classes sociais (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2009), pois o espaço físico embelezado foi redistribuído e seus agentes tornaram-se definidos. Com a reforma urbana da cidade, classes superiores formaram-se e estavam presentes no ambiente civilizado, enquanto que as inferiores ou dominadas afastaram-se. Logo, o espaço físico edificado possibilitou a projeção do espaço social no Rio de Janeiro com a formação de diferentes classes, fato entendido por Elias (1994) como distinção social.

À luz de Bourdieu (1983), a distinção social determinou as classes dominantes e dominadas da sociedade e formou o espaço social no centro do Rio de Janeiro. Nesse local ofereceram-se banheiros públicos para que eles fossem “consumidos” pelas classes detentoras do poder, que precisavam civilizar-se. Além disso, os banheiros foram classificados como aqueles que proporcionariam um ambiente livre de excrementos humanos. Por isso, distribuídos em pontos específicos e para uma população específica, tinham o objetivo de sanear e provocar o processo civilizador. Entre esses locais estavam o Beco dos Barbeiros e a Travessa do Rosário (*Fac-símile n.º 18*).



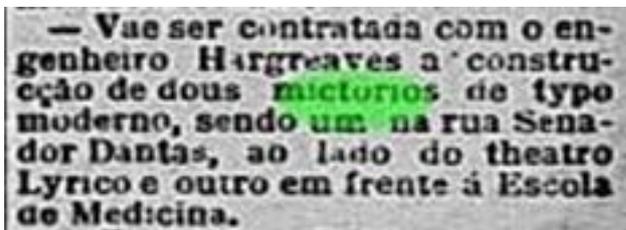
— O dr. Pereira Passos resolveu mandar collocar novos mictorios e de estylo moderno no becco dos Barbeiros. Eguaes mictorios serão tam-bem collocados na travessa do Rosario. A Directoria Geral de Obras foi hontem mesmo autorisada pelo dr. prefeito a designar outros pontos para a collocação de mictorios.

Fac-símile n.º 18. Prefeitura. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.01, 27 maio 1903
 Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

O Beco dos Barbeiros é uma estreita passagem que liga a Rua Primeiro de Março à Rua do Carmo. Nele encontra-se a entrada lateral da Igreja da Ordem Terceira do Carmo, além de restaurantes e bares. Acreditamos que seu nome ocorreu por haver no local inúmeros barbeiros, que realizavam atividades de barbearia, extração dentária e tratamento com uso de sanguessugas (RIO DE JANEIRO AQUI, 2016b; BARBOSA e PORTO, 2017).

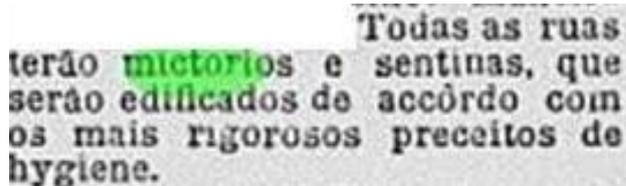
No século XIX, trechos considerados elegantes, como a Rua Primeiro de Março, ficava entre o Beco dos Barbeiros e a Rua do Ouvidor. Isso implicava circulação de burgueses e classes da elite carioca pela região, que precisava incorporar o novo *habitus* para serem considerados civilizados. Por esse motivo, depreendemos alguns dos porquês de Pereira Passos ordenar a colocação de novos mictórios naquele espaço. O mesmo ocorreu para a instalação dos mictórios na Travessa do Rosário, que também se encontrava naquela localidade.

A Rua Senador Dantas foi mais um local escolhido para a instalação de mictórios, provavelmente por nessa Rua se encontrar o Theatro Lyrico (*Fac-símile* n.º 19). O teatro tornava o ambiente carioca com ares europeizados devido às suas atrações e arquitetura. Além disso, ele foi entendido como ambiente a ser frequentado pelas altas classes cariocas civilizadas. Portanto, o costume de visitação do teatro foi mantido por Pereira Passos. A constru o de mictórios próximo ao centro artístico ocorreu para proporcionar meios elegantes de satisfazer as necessidades vesicais das classes dominantes da sociedade.



Fac-símile n.º 19. Prefeitura. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.01, 14 abr. 1904
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

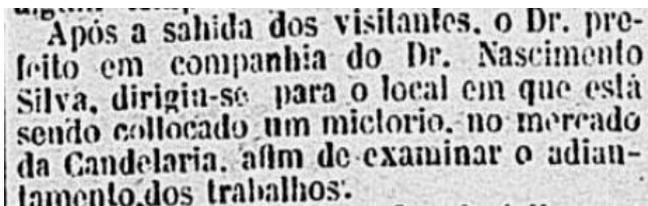
A instalação de mictórios em frente à Escola de Medicina a revela como depositária do poder médico da época. Para além da inculcação do novo *habitus* aos alunos de medicina, o poder médico estava vinculado ao discurso de higiene e por isso foi veiculada a notícia de que os mictórios seriam construídos de acordo com os mais rigorosos preceitos de higiene (*Fac-símile* n.º 20). Entendemos a notícia como ratificadora dos preceitos ditados pela medicina para o progresso da civilização. Ademais, o *Fac-símile* n.º 20 revela que sentinas (escarradeiras) seriam instaladas nas ruas para mudar o comportamento popular de escarrar nos espaços públicos, outro modo de limpeza dos locais.



Todas as ruas
terão mictórios e sentinas, que
serão edificados de accôrdo com
os mais rigorosos preceitos de
hygiene.

Fac-símile n.º 20. Exposição de S. Luiz. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p. 01, 23 jan. 1903
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

O *Fac-símile* n.º 21 traz em sua matéria a instalação de banheiros públicos no mercado da Candelária, primeiro mercado público da cidade do Rio de Janeiro. Associamos a escolha do local, em razão da carência de asseio num ambiente destinado ao comércio de alimentos e pela presença de comerciantes e compradores. Portanto, devido à movimentação econômica, limpeza e presença burguesa no mercado, fez-se necessária a instalação de mictório.

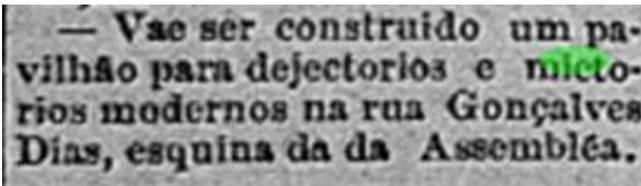


Após a saída dos visitantes, o Dr. prefeito em companhia do Dr. Nascimento Silva, dirigia-se para o local em que está sendo collocado um mictório, no mercado da Candelaria, a fim de examinar o adiantamento dos trabalhos.

Fac-símile n.º 21. Prefeitura. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, p.01, 30 jul.1904
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

A Rua Gonçalves Dias³² foi outra localidade onde se construíram banheiros, conforme *Fac-símile* n.º 22. Os motivos podem estar relacionados à presença da Confeitaria Colombo, construída, em 1894, nessa rua. Ela tornou-se um ponto de encontro entre as altas classes sociais na gestão de Pereira Passos (FREIRE, 2009). Logo, proporcionava o *habitus* civilizado de eliminações das fezes e urinas em local próprio e privado, com a instalação de mictórios e dejectórios próximo à confeitaria.

³² A Rua Gonçalves Dias se chamava Rua dos Latoeiros no século XVIII. Tal denominação se deu por haver naquele lugar muitos trabalhadores que se destinavam ao ofício de fabricação de latas, utilizando laminados metálicos de pequena espessura (FREIRE, 2009). Com a morte de Gonçalves Dias – grande poeta, expoente do romantismo brasileiro, que viveu na Rua dos Latoeiros – em três de novembro de 1864, esse logradouro passou a ter denominação homônima, em homenagem ao poeta brasileiro (FREIRE, 2009). Também era conhecida como a rua “jornalística”, justamente porque nela vários jornais se instalaram, ou nasceram, como o *Jornal do Brasil*, fundado em 1891 (GERSON, 2013). Cabe destacar que a rua serviu de refúgio a Tiradentes; no casarão onde ficou escondido foi construída, em 1894, a famosa Confeitaria Colombo (FREIRE, 2009) – ainda existente nos dias atuais.



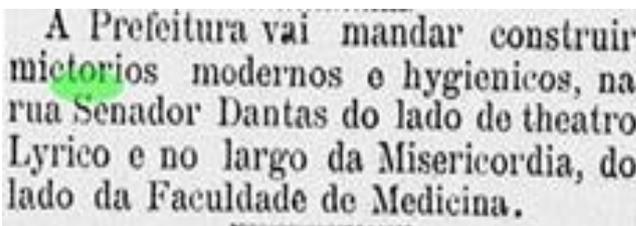
— Vae ser construido um pavilhão para dejectorios e mictorios modernos na rua Gonçalves Dias, esquina da da Assembléa.

Fac-símile n.º 22. Prefeitura. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.02, 28 nov. 1905
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Além disso, a notícia sinalizava o ponto exato da instalação deles: Rua Gonçalves Dias esquina com Assembleia. Nessa última ocorriam reuniões importantes de grandes comerciantes e boêmios de todas as categorias, havia importantes hotéis, restaurantes e concentrava-se a sede da Revista *Illustrada*, de Henrique Fleuiss, e da *Fon-Fon*, de Gonzaga Duque (FREIRE, 2009). Contudo, observamos que os dois logradouros concentravam a massa crítica, pensante e elites do Rio de Janeiro, e, por isso, o local para a instalação dos banheiros foi estratégico para o processo civilizador no sentido de refinamento das maneiras e mudanças de comportamento.

4.2 Características e tipos de banheiros públicos

Outro destaque das notícias foi em relação às características e tipos dos banheiros. O periódico *A Notícia* (*Fac-símile* n.º 23), informava que além de a Prefeitura construir mictórios modernos, eles também deveriam ser higiênicos.



A Prefeitura vai mandar construir mictorios modernos e hygienicos, na rua Senador Dantas do lado de theatro Lyrico e no largo da Misericordia, do lado da Faculdade de Medicina.

Fac-símile n.º 23. A Notícia, Rio de Janeiro, p.02, 13 abr. 1904
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Percebemos que o redator reforça o registro de instalação dos mictórios. Em síntese, a imprensa, direta ou indiretamente, contribuía para o processo civilizador, independente da linha editorial, quando noticiava o assunto em prol da higiene na cidade.

Pelas influências francesas na civilização do Rio de Janeiro, depreendemos que a modernidade e higiene faziam referência aos banheiros públicos da França. Isso pode ser verificado nos *Fac-símiles* n.ºs 24, 25, 26 e 27.



*Chalet de nécessité des Champs
Élysées – (Chalé de necessidades no des Champs
Elysées) Fonte: Facebook da cidade de Paris.*

As fotos da esquerda (*Fac-símiles* n.^{os} 24 e 26) são de Augusto Malta de Campos³³. Nelas podemos evidenciar as similitudes arquitetônicas entre os banheiros brasileiros e os dos franceses, visualizados nas imagens da direita (*Fac-símiles* n.^{os} 25 e 27).

³³ No início do século XX, Augusto Malta fotografou algumas obras realizadas por Pereira Passos e o resultado rendeu a ele o cargo de fotógrafo documentalista da prefeitura, criado pelo prefeito (PORTAL AUGUSTO MALTA, 2016). Assim, ele passou a fotografar qualquer tipo de ação realizada pelo prefeito Pereira Passos (BERGER, 1986; SOUZA, 2006), entendida como forma de registrar e mostrar ao mundo a beleza e modernidade da nova cidade do Rio de Janeiro, a exemplo dos banheiros públicos instalados na capital federal.

No *Fac-símile* n.º 24, observamos um mictório na Praça da República³⁴. A designação foi compreendida como lugar, geralmente de acesso público, próprio para o ato de urinar realizado pelo sexo masculino, ou seja, micção, vindo deste termo o nome mictório.

Pelo visível na imagem, o mictório era rodeado de arvoredos. No centro de sua arquitetura, havia estrutura semelhante a um poste de iluminação. Não é possível verificar a existência do sistema fornecedor de água, tampouco de drenagem e rede de esgoto. O seu frequentador, na posição erétil, realizava o ato miccional.

Na mesma Praça, existiam dois pavilhões sanitários muito semelhantes, cuja diferença ocorria na disposição do portão. O local assemelhava-se a uma casa (*Fac-símile* n.º 26). Havia arvoredos e vegetação ao seu redor. A legenda da imagem o designa como Pavilhão Sanitário. Nesse sentido, “sanitário” se refere àquilo que diz respeito à conservação da saúde e higiene; relativo ao conjunto de instalações destinadas a satisfazer às necessidades fisiológicas, semelhante ao que os franceses denominaram de *chalé* (*Fac-símile* n.º 27).

Os *Fac-símiles* n.ºs 25 e 27 evidenciam os banheiros públicos franceses instalados à época da civilização da França. Eles foram edificadas na *Avenue des Champs-Élysees*, uma das avenidas mais famosas do mundo, parâmetro para a construção da Avenida Central na capital federal. Podemos observar, pelos *Fac-símiles* dos banheiros franceses, certas semelhanças arquitetônicas e adereços dos locais destinados às eliminações fisiológicas, com os da cidade do Rio de Janeiro.

Eles apresentam similaridades de estrutura e de local de instalação. O mictório era rodeado de vegetação e presença de postes de iluminação; o *Chalet*, em alusão ao Pavilhão sanitário carioca, também possuía a aparência de uma casa, pela presença de portas, janelas, teto e vegetação contornando o local. As imagens permitem inferir, mais uma vez, as influências parisienses no Rio de Janeiro, no estilo arquitetônico dos banheiros, além de serem os modelos higiênicos e modernos para o avanço do processo civilizatório da cidade.

A modernidade da arquitetura dos banheiros instalados por Pereira Passos fez com que a imprensa os designasse como obras artísticas (JORNAL DO BRASIL, 1905). Tal nomeação ocorreu do entendimento de que eles estavam voltados para a materialização de um ideal de beleza e harmonia no ambiente edificado pelo prefeito. Logo, sofisticação, refinamento e capricho representavam a arquitetura dos banheiros cariocas, similares aos franceses.

Outra característica que as notícias trouxeram dos banheiros públicos instalados por Pereira Passos refere-se à beleza dos mictórios. Conforme o *Fac-símile* n.º 28, suas estruturas

³⁴ A Praça da República tem esta designação por ter sido palco do clamor da Proclamação da República Brasileira em 1890 (MORAES, 2011).

seriam de porcelana porque esses eram os modelos modernos e higiênicos usados nas capitais europeias, entendidas por civilizadas. Portanto, depreendemos que o prefeito do Rio de Janeiro não media esforços pela modernidade e limpeza da capital federal, além do refinamento do interior dos banheiros, como forma de seus usuários desfrutarem os ares europeus.

Tendo o prefeito contractado com os representantes de uma casa ingleza o fornecimento e a collocação de mictórios de porcelana em alguns pontos desta capital, os mesmos representantes por estes dias, apresentarão ao Sr. Dr. prefeito os modelos dos mesmos, de accordo com a hygiene e o uso das capitales europeas.

Fac-símile n.º 28. Ministério da Fazenda. A Notícia, Rio de Janeiro, p.02, 27 abr. 1903
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Modernos, higiênicos, artísticos e com estrutura de porcelana, assim as notícias revelaram os tipos de banheiros públicos instalados por Pereira Passos, no Rio de Janeiro. Além de mictórios e sanitários – este último designado por Augusto Malta –, *chalet*, *toilet*, dejectório e latrina são outros exemplos encontrados nos periódicos da época.

No que tange ao *chalet*, que tem por sentido chalé – casa de madeira típica da região montanhosa –, outra notícia fazia crítica pela preocupação do uso por ambos os sexos nesse local. Dessa forma, providências por parte do prefeito foram realizadas, e construídos ambientes separados para homens e mulheres, conforme registra o *Fac-símile* n.º 29.

— Por ordem do sr. prefeito foi aberta na mesma directoria concurrencia publica para a construeção, no jardim de Botafogo, de um chalet de dejectorios e mictorios para homens e senhoras.

Fac-símile n.º 29. Prefeitura. Jornal do Brasil, p.01, 24 jul. 1905
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

A designação de *toilletes* também apareceu em algumas notícias. *Toilet* é um termo francês que significa toalha pequena, tendo sua significação evoluída para o ato de lavar-se, vestir-se e arrumar-se; conseqüentemente, fazer a toailete (DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO, 2016). Difere da significação que possui atualmente, como um local constituído de um vaso sanitário, onde os atos de defecar e urinar podem ser realizados.

Por meio desses entendimentos, compreendemos quando o *Jornal do Brasil* (*Fac-símile* n.º 30) registrou a construção de dois *chalés* de latrinas com interiores diferentes. Em

um, havia local para defecar (dejectório ou latrina), urinar (mictórios) e lavar-se (lavatório) para o homem. Para as mulheres havia dejectório (para defecar e urinar) e *toilette* para lavar-se. Logo, os *chalets* proporcionavam privacidade entre os sexos e supriam a necessidade de ambos, sendo locais adequados para o atendimento das diferentes necessidades fisiológicas aos seus usuários.

— O prefeito acaba de autorizar a construção de um chalet de latrinas na praça Quinze de Novembro, compreendendo os necessários compartimentos de dejectórios e «toilette» para senhoras e dejectórios, mictórios e lavatórios para homens.

Em vista, porém, da importância da instalação e tendo em conta que os arredores dessa praça são já providos de latrinas públicas, é intenção introduzir entre nós um costume vulgarizado na Europa, fazendo com que este chalet produza a reação própria à sua conservação.

Para este efeito serão franqueados gratuitamente só os mictórios do lado dos homens, sendo o restante mediante modesta contribuição; a Prefeitura poderá assim arrendar a instalação, alienando a receita em troca de um aluguel fixo e do encargo da limpeza e conservação da mesma.

Fac-símile n.º 30. Prefeitura. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.02, 19 jan.1905
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Essas construções ocorreram na Praça XV, centro da cidade. Na atualidade, leva o nome de Praça XV de Novembro, em homenagem ao dia da Proclamação da República. Trata-se de um dos locais mais antigos do Rio de Janeiro, onde havia o desembarque para quem chegava à cidade. Por sua localização e história, a instalação de *chalet* de latrinas na Praça XV foi estratégica em prol do processo civilizador de Pereira Passos, tanto para as altas classes que circulavam pela proximidade, quanto para aqueles que chegavam à capital federal e já visualizava a civilização do Rio de Janeiro pela presença de banheiros públicos.

O *Fac-símile* n.º 31 representa o *chalet* masculino construído na Praça XV. A identificação do sexo ocorreu porque a própria imagem demonstra a presença de um homem, possivelmente de classe social superior devido aos trajes civilizados instituídos na época, saindo do local. O visível leva a crer que o processo civilizador de Pereira Passos, no que tange ao refinamento de maneiras, foi aceito e os banheiros eram usados.



Fac-símile n.º 31: Ins. Sanitária na Praça 15 de Novembro. Foto: Augusto Malta
Fonte: Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro.

Ainda na imagem, observamos que a arquitetura arredondada do banheiro, vegetação e ajardinamento ao seu redor propiciavam um ambiente aparentemente limpo, moderno e civilizado, oposto ao que era antes da instalação do *chalet*.

No entanto, os *chalets* da Praça XV não eram gratuitos. Sua utilização estava condicionada a pagamento para usar o local. Esse comportamento foi instituído pelo prefeito, por ser costume europeu e, entendido como civilizado, precisava estar presente na nova cidade construída. Desse modo, as damas e os cavalheiros da sociedade que quisessem executar o novo *habitus* civilizatório – realizar suas necessidades fisiológicas ou se arrumar naqueles espaços –, deveriam pagar pelo uso, com verba destinada à Prefeitura para ser utilizada em sua limpeza e conservação.

A ocorrência do pagamento demarcou, mais uma vez, a distinção entre as classes sociais da cidade do Rio de Janeiro. O ambiente dito moderno, higiênico e privativo construído para os diferentes sexos revelou um público-alvo. O espaço diferenciado foi edificado para aquele que desejava a civilização relacionada aos interesses individuais e ao poder econômico distinto da grande maioria da população que residia na cidade. A modernidade e higiene não conseguiriam ser pagas pelos expulsos da área central, que, por falta de dinheiro, se abrigaram nos morros da cidade. Portanto, a civilização edificada por Pereira Passos constituía-se de novo comportamento voltado para uma classe social específica.

O *chalet* para senhoras pode ser visualizado no *Fac-símile* n.º 32. A imagem revela que ele localizava-se na Praça Tiradentes. Após várias denominações, a praça adquiriu esse

nome em comemoração ao centenário da morte de Tiradentes – mártir nacional –, executado próximo à praça, na esquina da Rua Senhor do Passos com a Avenida Passos.



Fac-símile n.º 32: Pavilhão Sanitário para mulheres na Praça Tiradentes. Foto: Augusto Malta
Fonte: Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro.

Na imagem observamos a arquitetura e as características semelhantes ao descrito no *chalet* para homens. Devido à presença do teatro *Franc-brésiliene*, inaugurado em 1872 nos arredores da Praça (Rio de Janeiro aqui, 2017c), pelos mesmos motivos apontados para a permanência do Teatro Lyrico, foi necessária a edificação de um *chalet* para oportunizar a mudança de comportamento das damas da sociedade carioca.

4.3 *The City Improvements* e a Inspetoria de obras públicas

A *The City improvements* foi a empresa consultiva de Pereira Passos, visto seu interesse de a cidade possuir banheiros públicos modernos e higiênicos como os da Europa. Além da consultoria, a empresa fornecia os modelos europeus, os instalavam na cidade (*Fac-símile* n.º 28) e edificava mictórios (*Fac-símile* n.º 33). Inicialmente contratada, em 1860, para a resolução dos problemas dos esgotos sanitários, ela acumulou outras funções no início do século XX, conforme notícias veiculadas pelos periódicos. Desse modo, percebemos que a *City*, em seu conjunto de ações, no governo de Pereira Passos, tinha por objetivo contribuir na modernidade, na beleza e na higiene da cidade com os banheiros públicos.

A Prefeitura encarregou a Companhia City Improvements de construir no cães da Glória dois dejectores e quatro mictórios subterrâneos.
A construção desses mictórios é de tijollo e ferro.

Fac-símile n.º 33. Festividades. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, p. 02, 10 mar.1904
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Pelo envolvimento da empresa inglesa na construção, instalação e fornecimento de modelos de banheiros ao prefeito Pereira Passos, certa dúvida surgiu quanto à influência de modelos ingleses nos banheiros públicos instalados na cidade. No entanto, pelo contexto e aproximação do prefeito com a França, acredita-se que, apesar de a *City* ter tido essas responsabilidades nos banheiros cariocas, as influências francesas alcançaram maior crédito na escolha pelo executivo municipal, ratificadas nas arquiteturas apresentadas, comparando os modelos brasileiros e franceses (*Fac-símiles* n.ºs 24, 25, 26 e 27).

No entanto, uma função relacionada aos banheiros não estava a cargo da empresa inglesa. O abastecimento e funcionamento do sistema de água no local cabiam à Inspetoria de Obras Públicas da prefeitura. Essa afirmativa apoia-se no periódico *Correio da Manhã* (*Fac-símile* n.º 34), que sinalizou o informe da empresa *City* a Pereira Passos sobre ausência do sistema de pressão na pena-d'água nos mictórios do Beco dos Barbeiros. O prefeito ordenou a resolução do problema pela Inspetoria de Obras para que eles funcionassem e fossem utilizados pelo público.

Da companhia City Improvements, recebeu o sr. prefeito, uma carta, declarando que aos mictórios do beco dos Barbeiros, falta apenas a necessaria pressão na pena d'água, a fim de serem os mesmos franqueados ao publico.
Deante desta carta, officiou o prefeito á inspetoria de obras, pedindo para que fosse quanto antes cumprida a mesma solicitação, sendo por esta inspetoria attendido o pedido da Prefeitura.

Fac-símile n.º 34. Relação do Estado do Rio. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p. 03, 05 ago. 1903
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

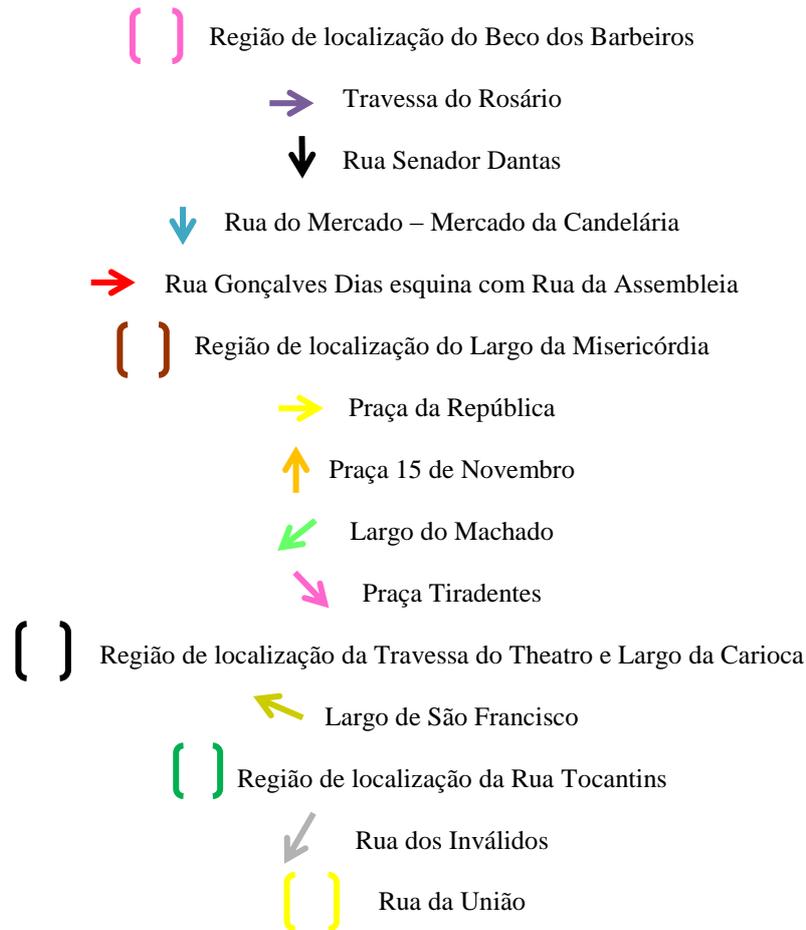
Assim, verificamos que a *City Improvements* e a Inspetoria de Obras Públicas possuíam suas diferentes funções, quando o assunto era os banheiros públicos. A primeira reservava-se, conforme as notícias, na apresentação à gestão do prefeito para a modernidade, além de suas construções; a segunda ficava a cargo da funcionalidade deles, visto a necessidade de promover assuntos relacionados ao fornecimento de água. Portanto, um

trabalho conjunto entre elas era necessário para o funcionamento e utilização dos banheiros públicos instalados na gestão de Pereira Passos, para o sanear e concretização da civilização e do processo civilizador.

4.4 Efeito de lugar e *status* de mudança da cidade do Rio de Janeiro

Até o momento, tratamos, nesta Seção, de algumas funções dos banheiros públicos instalados. Identificamos que eles tornariam o ambiente livre de excrementos humanos, instituiria um novo *habitus* para prosseguir o processo civilizador e embelezaria a cidade do Rio de Janeiro por meio de sua arquitetura. Além disso, os banheiros públicos instalados delimitaram o espaço físico e social na área central do Rio de Janeiro, conforme pode ser visualizado no *Fac-símile* n.º 35.

Legenda do *Fac-símile* n.º 35. Símbolos indicando o nome ou região das Ruas, Travessas ou Lagos onde a gestão de Pereira Passos instalou banheiros públicos conforme as notícias das impressas analisadas nas Seções IV e V.



No trecho da planta da cidade do Rio de Janeiro, identificamos, por meio de setas e colchetes, os locais de instalação dos banheiros públicos revelados pela imprensa, a saber: Beco dos Barbeiros, Travessa do Rosário, Rua Senador Dantas, Mercado da Candelária, Rua Gonçalves Dias, Largos da Misericórdia e do Machado, Praça XV, da República e Tiradentes. Ademais, a Seção seguinte, apesar de tratar da funcionalidade dos banheiros, revelou os Largos da Carioca e de São Francisco, além da Rua Tocantins, Inválidos e União como logradouros onde banheiros públicos foram construídos.

Pela delimitação existente entre os Morros do Castelo, Santo Antônio, São Bento, Largos do Paço e de São Francisco e os banheiros públicos, visualizamos o centro da cidade, demarcado por meio de um quadrado no mapa. Com a saída das classes inferiores pela derrubada de suas moradias desse local, o ambiente vazio foi tomado por agentes e instituições que se distribuíram nesse ambiente. À luz de Bourdieu (2015), o local foi

transformado em espaço social hierarquizado. Portanto, a concentração e a hierarquia ocorreram. As elites e a burguesia emergente se espalharam no espaço físico civilizado.

Mas, com a saída das camadas dominadas, segundo a iluminação teórica de Bourdieu, ocorreu a formação de subcampos de luta entre as classes dominantes na área central pelo espaço social. Grupos da alta elite da sociedade lutavam entre si e com a burguesia na permanência do poder, e, de maneira semelhante, entre a classe burguesa, para se estabelecer no poder. No entanto, conforme o sociólogo, o acúmulo de capital cultural era elemento necessário para essa conquista. A burguesia carecia de novos *habitus* para ser aceita no mesmo espaço social das elites da sociedade. Por isso, houve a preocupação do prefeito Pereira Passos na instituição de novos comportamentos e em estabelecer teatros, aquários, sons musicais, costumes e carnaval para formar a cultura carioca.

Dentre os comportamentos instituídos, cita-se a destinação dos dejetos humanos em lugares próprios: nos banheiros públicos. Paris, em sua civilização, que ocorreu em 1860, instalou banheiros nas ruas da cidade. Assim, a elite carioca, devido às suas viagens realizadas à França, conhecia o comportamento francês de utilização dos banheiros e precisava exercê-lo na capital federal, para ser vista e reconhecida como civilizada. Da mesma forma, a burguesia carecia instituir esse *habitus* para o alcance de resultado semelhante. Logo, Pereira Passos concentrou os banheiros em pontos estratégicos na cidade para atender as classes dominantes.

Conforme o *Fac-símile* n.º 35, a grande maioria dos banheiros foi instalada em logradouros próximos. A construção dos mictórios, sanitários, *toilets*, dejectórios e *chalets* ocorreu em algumas dessas ruas, como visto nesta Seção, considerando-se que nelas estavam presentes os comércios, restaurantes, hotéis, confeitarias, imprensa e teatros, todos atrativos que as faziam diferenciadas e atraíam as classes dominantes para encontros, reuniões e divertimentos com o objetivo de adquirir *habitus* civilizatórios. Em outras palavras, esses locais eram os espaços onde se concentrava o exercício do poder, estando ali importantes nomes da sociedade e, por isso, banheiros foram instalados para atendê-los.

Essa concentração levou ao entendimento daquilo que Bourdieu denominou de “efeito de lugar”, ou seja, a propriedade onde se situam os agentes sociais que simboliza o espaço social (BOURDIEU, 1997). No contexto, os agentes sociais dominantes do Rio de Janeiro executavam seus poderes naquele espaço físico, transformando-o num espaço social estruturado. Consequentemente, aquele espaço passou a ser símbolo por reunir beleza, civilização e poder. Nos termos de Bourdieu:

“o espaço é um dos lugares onde o poder se afirma e se exerce... os espaços arquitetônicos cujas injunções mudas se dirigem diretamente ao corpo... são

tanto mais importante em razão de sua invisibilidade, da simbólica do poder, e dos efeitos reais do poder simbólico” (BOURDIEU, 1997, p. 160-163).

Com esse juízo, o lugar tinha por efeito atrair aquilo que atendesse seu grupo e os banheiros foi um deles. Fato semelhante ocorreu na França. Conforme os *Fac-símiles* n.ºs 25 e 27, o mictório e *Chalet* foram instalados numa das Avenidas mais luxuosas de Paris – a *Avenue des Champs Élysées* –, espaço social composto de lojas e artigos esplêndidos que atendiam a seus agentes, ricos e civilizados. Nesse sentido, verificamos o efeito de lugar, da mesma maneira como ocorreu no Rio de Janeiro, elemento simbólico para garantir o poder e prestígio aos agentes sociais franceses, bem como a tudo que se encontrava naquele espaço físico para satisfazê-los, como os banheiros públicos.

A instalação dos banheiros no centro da cidade, que sinalizou o efeito de lugar do ponto de vista de Bourdieu (1997), sob o ângulo de Elias (1994), além de constituir o processo civilizador, foi entendido como uma forma de manter o *status* de mudança dentro da nova sociedade. Essa concepção ocorreu segundo elementos sinalizados pelo sociólogo na formação do conceito de civilização. O outro estágio da sociedade que se almejava para o Rio de Janeiro foi acompanhado de diferentes subsídios para a sua concretização, e os banheiros, como em Paris, forneceriam *status* de civilização na capital federal.

Contudo, pelo exposto, ao retornarmos ao mapa (*Fac-símile* n.º 35), observamos a distribuição dos banheiros públicos instalados na gestão de Pereira Passos. Além das funções de limpeza, de novo comportamento e de beleza, os banheiros provocaram *status* civilizatório na área central da capital da República.

4.5 Síntese da Seção

Pelos *Fac-símiles* apresentados na presente Seção, ratifica-se que a instalação dos banheiros públicos – mictórios, dejectórios, sanitários e *chalets* –, foi uma medida sanitária realizada por Pereira Passos na tentativa de manter o espaço público livre dos dejetos humanos. Essa ação, aparentemente, eliminou a barbárie provocada pelas fezes e urinas dispostas. Logo, a imagem nacional da cidade, suja e fedorenta, não seria mais visualizada na medida em que os banheiros públicos eram instalados e utilizados.

As características de modernidade e higiene dos banheiros trouxeram novos ares para o ambiente civilizado. Suas diferentes arquiteturas revelavam a beleza e a modernidade auxiliando no embelezamento de cada rua onde se encontravam. Esse fato revela que houve preocupação do prefeito na beleza que eles proporcionariam à nova cidade edificada.

Além disso, eles foram instalados em locais estratégicos para atender a burguesia emergente e as altas classes sociais, desejosas por frequentar um ambiente bonito, moderno e mostrar comportamentos civilizados. Por conseguinte, a capital federal embelezou-se e os banheiros também refinaram as maneiras dos interessados pela civilização, levando-os a crer que eram civilizados porque utilizavam um local destinado a satisfazer suas necessidades fisiológicas.

Nesse sentido, pela circulação de agentes sociais importantes no Beco dos Barbeiros, Travessa do Rosário, Rua Senador Dantas, Mercado da Candelária, Rua Gonçalves Dias, Largo da Misericórdia Praça XV e da República – além de outros tratados na Seção seguinte -, esses foram os locais escolhidos para a instalação dos banheiros públicos. Os logradouros apresentavam-se paralelos ou próximos à elegante Avenida do Rio de Janeiro, a Avenida Central. Logo, os banheiros revelaram outra função: a de provocar efeito de lugar e *status* ao ambiente, delimitando o espaço social da cidade.

Outros dados identificados nas notícias foram a existência de empresa para instalar os banheiros e também a responsabilidade da Prefeitura pelo fornecimento de água para eles. Isso posto, cada qual à sua maneira, tinha suas responsabilidades para a higiene do espaço e afirmação do novo *habitus* instituído.

A ausência de literaturas informando sobre a construção das tubulações, na região central da cidade, nos levou a procurar, na imprensa da época, o êxito dos banheiros públicos instalados por Pereira Passos. Dessa forma, a próxima seção discutirá a manutenção e o funcionamento desse serviço para o sanear da cidade, pelo destino adequado dos excrementos humanos; e, como consequência, continuar a investigação da hipótese proposta no estudo; ou seja, que os banheiros públicos instalados, na gestão de Pereira Passos, contribuíram na civilização do Rio de Janeiro pela atuação no saneamento da cidade, e no processo civilizatório quando ocorreram mudanças de comportamento da população, o que colaborou para o título de Cidade Maravilhosa.

Seção V

Banheiros públicos: o disfarce da Cidade Maravilhosa

Não bastava somente instalar, era preciso que os banheiros públicos funcionassem para sanear o ambiente moderno e civilizado, edificado por Pereira Passos na área central da capital federal. Com esse entendimento, esta Seção teve por objetivo evidenciar a funcionalidade da medida sanitária de instalação dos banheiros públicos, visando concluir sobre o saneamento realizado no Rio de Janeiro e verificar o título de Cidade Maravilhosa.

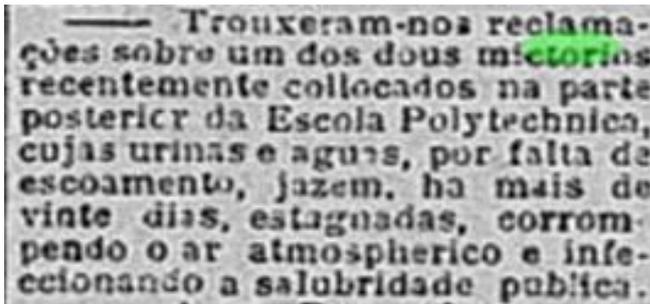
A Seção anterior explicou que a construção de banheiros, nos espaços públicos, pela Prefeitura do Rio de Janeiro, estava a cargo da *Companhia City Improvements*, além da realização de obras referentes ao escoamento dos esgotos da cidade. O abastecimento de água no local, indispensável para que o escoamento dos detritos acumulados ocorresse e, conseqüentemente, para a limpeza do espaço, a responsabilidade era da Inspetoria de Obras Públicas da Prefeitura. Logo, setores com funções distintas, mas que, em conjunto, possibilitariam a higiene e o novo *habitus* na capital federal.

Para observar a inter-relação entre elas, a imprensa, da época, foi novamente consultada. Assim, 23 notícias foram veiculadas sobre a manutenção e funcionamento dos banheiros públicos instalados. Por meio delas, investigamos a medida no sentido de ela ter contribuído para o plano de gestão de Pereira Passos, referente ao saneamento da cidade.

O saneamento foi incluído como meta para civilizar a capital federal, pois sua ausência, durante décadas, denegriu a imagem do Rio de Janeiro no exterior e prejudicava a economia brasileira. Entendemos que a instalação dos banheiros públicos foi uma das medidas visando à obtenção do sanear da cidade, mas que, para esse alcance, eles precisavam funcionar. Seu efeito refletiria na maravilha que a cidade se transformou e, por isso, ao novo *status* do Rio de Janeiro.

5.1. Ausência de higiene, de escoamento e de água nos banheiros públicos

Após o primeiro ano de gestão do governo de Pereira Passos, o *Jornal do Brasil* (*Fac-símile* n.º 36), na coluna intitulada “Queixas do Povo”, publicou uma nota sobre a ausência de higiene nos recentes mictórios instalados na Escola Polytechnica. Ela registrou que a sujeira ocorria devido ao acúmulo de urina por longo período naquele local e atribuiu os problemas ao escoamento, mas não identificou seus responsáveis.



Fac-símile n.º 36. Queixas do povo. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.03, 07 jul. 1904
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

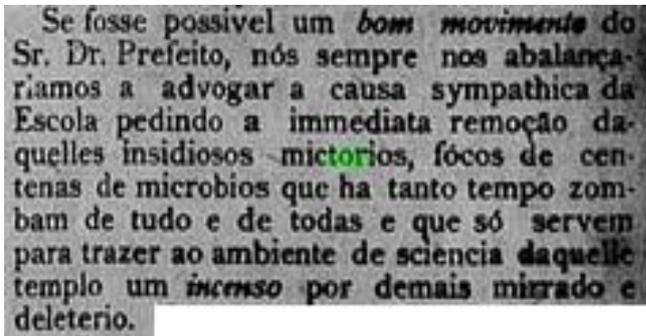
O tempo de acúmulo dos dejetos humanos nesses mictórios (mais de 20 dias) provocou estágio de decomposição do material orgânico. Odores fétidos passaram a fazer parte do lugar. Por conseguinte, a análise levou ao entendimento da relação entre o mau cheiro e a contaminação do ar atmosférico, isso baseando na compreensão miasmática e microbiana que existia à época.

A matéria denunciava os problemas referentes ao escoamento para o não desempenho dos mictórios. Suas causas não foram descritas. No entanto, podemos atribuir a elas possivelmente a ausência de tubulação dos esgotos no local. Essa nova inferência baseia-se no fato de que não há registros da construção da rede de esgoto pela empresa *City* na região central da cidade, mas, mesmo assim, os banheiros públicos foram instalados por Pereira Passos. Portanto, sem a rede de esgotos construída, a função do mictório era de amontoamento de urina.

Outra possibilidade estaria relacionada ao entupimento dos encanamentos ou pela falha no desnivelamento das tubulações, resultando na concentração de urina no local. A responsável por resolver esses problemas era a Companhia Inglesa, encarregada pelas obras dos esgotos sanitários da cidade. Nova dificuldade que surgiu foi a pressão de água nos encanamentos ou ausência de água no local, cujo encargo era da Inspeção de Obras da Prefeitura. Logo, um desses problemas encontrava-se nos mictórios, ocasionando acúmulo de urinas e, conseqüentemente, ausência de higiene no local.

Outrossim, destacamos a viabilidade na reunião dessas dificuldades para a não funcionalidade dos mictórios. No entanto, independente da causa ou do responsável, verificamos dificuldades na implantação da medida para sanear a cidade. Isso posto, a insalubridade nos interiores dos banheiros iam de encontro à modernidade e higiene desejada para a “civilizada” cidade do Rio de Janeiro.

Esses mictórios foram assuntos da *Revista Tagarela* (*Fac-símile* n.º 37). A notícia, diferentemente do *Fac-símile* n.º 36, apresentou o pedido ao prefeito para removê-los da Escola Polytechnica. Os banheiros foram associados a focos de microrganismos e, por isso, o pedido de sua retirada. Conseqüentemente, a ausência deles eliminaria a sujeira, o odor e os micróbios causadores de doenças.

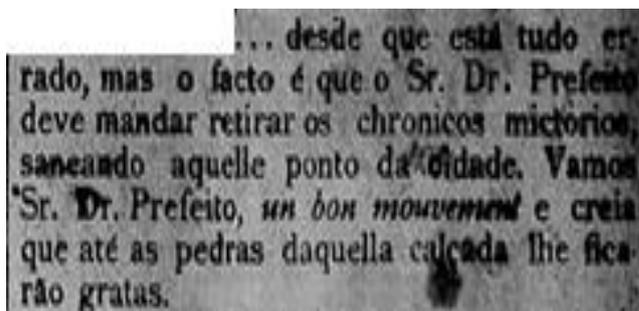


Se fosse possível um *bom movimento* do Sr. Dr. Prefeito, nós sempre nos abalancaríamos a advogar a causa *sympathica* da Escola pedindo a *immediata remoção* daquelles insidiosos mictorios, focos de centenas de microbios que ha tanto tempo zombam de tudo e de todas e que só servem para trazer ao ambiente de sciencia daquelle templo um *incenso* por demais mirrado e deleterio.

Se fosse possível um *bom movimento* do Sr. Dr. Prefeito, nós sempre nos abalancaríamos a advogar a causa *sympathica* da Escola pedindo a *immediata remoção* daquelles mictorios, focos de centenas de microbios que ha tanto tempo zombam de tudo e de todas e que só servem para trazer ao ambiente de sciencia daquelle templo um *incenso* por demais mirrado e deleterio.

Fac-símile n.º 37. Tagarela, Rio de Janeiro, p.05, set. 1903
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Além disso, a notícia da Revista trouxe outro apontamento. Um paradoxo entre uma das funções dos mictórios: o sanear a cidade por meio do destino adequado aos detritos humanos. No entanto, a manchete demonstrou o contrário. A ausência deles é que sanearia o local. À vista disso, pelos efeitos que a insalubridade causou, décadas anteriores, à cidade – doenças, mortes e imagem negativa da capital federal –, a população solicitava a retirada deles daquela localidade, conforme noticiou a Revista Tagarela (*Fac-símile* n.º 38).



... desde que está tudo errado, mas o facto é que o Sr. Dr. Prefeito deve mandar retirar os chronicos mictorios, saneando aquelle ponto da cidade. Vamos Sr. Dr. Prefeito, *un bon mouvement* e creia que até as pedras daquella calçada lhe ficarão gratas.

[...] desde que está tudo errado, mas o facto é que o Sr. Dr. Prefeito deve mandar retirar os chronicos mictorios, saneando aquelle ponto da cidade. Vamos Sr. Dr. Prefeito, *un bon mouvement* e creia que até as pedras daquella calçada ficarão gratas.

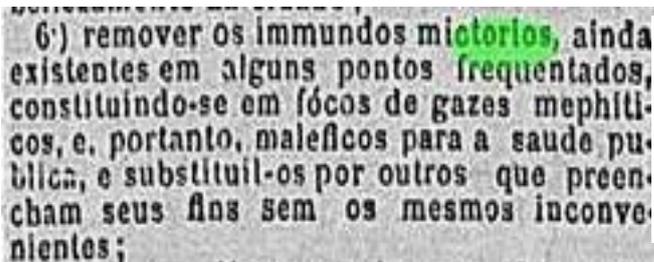
Fac-símile n.º 38. Tagarela, Rio de Janeiro, p.05, set. 1903
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

A Escola Polytechnica foi criada em 17 de dezembro de 1792, com o nome de Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho (PARDAL, 1985). Em 1810, com a presença dos representantes do império português na cidade, o ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho, substituiu sua designação para Academia Real Militar. Ao longo dos anos, seu nome sofreu outras mudanças e, finalmente, em 1874, passou a se chamar Escola Polytechnica, atualmente

associada à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), instituição civil pioneira no ensino de engenharia no Brasil (MOREIRA *et al.*, 2016).

A Escola forneceu títulos de engenheiro a nomes importantes como José Rebouças, Paulo de Frontin e Pereira Passos. Por isso, a Revista publicou o pedido de retirada dos mictórios do local, como forma de preservar a instituição formadora dos atores da vida pública carioca, inclusive do próprio prefeito Pereira Passos.

Novo pedido de retirada dos mictórios – *Fac-símile* n.º 39 – ocorreu pelos médicos higienistas, que tinham como preceitos científicos a teoria miasmática e microbiana (CHALHOUB, 1996). Eles acreditavam que os gases exalados do material em decomposição (gases mefíticos) eram maléficos à saúde pública, devido à possibilidade de propagação das doenças epidêmicas pela cidade. Assim, os mictórios instalados pelo prefeito eram entendidos como locais de colonização de doenças por serem sujos, então os médicos exigiram que eles fossem substituídos para sanear a cidade.



6.) remover os immundos mictorios, ainda existentes em alguns pontos frequentados, constituindo-se em focos de gazes mephíticos, e, portanto, maleficos para a saúde pública, e substituil-os por outros que preencham seus fins sem os mesmos inconvenientes;

Fac-símile n.º 39. O projecto Mello Mattos. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.01, 20 out. 1903
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

O Largo do Machado foi outro local onde se instalaram mictórios. No entanto, o *Fac-símile* n.º 40 também registrou a falta de higiene. As reclamações sobre a sujeira do mictório foram dirigidas à Companhia do Jardim Botânico, para que providências fossem realizadas.

Ressaltamos que o Largo do Machado recebeu este nome, em 1810, por haver na localidade um açougueiro – cujo nome também era Machado –, e que usava como símbolo um “machado” de grandes dimensões, em forma de tabuleta ou chamariz, propagando o local para venda de carnes (GERSON, 2013). É uma praça situada na divisa dos bairros do Catete, Flamengo e Laranjeiras, na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Logo, o efeito de lugar e o *status* já estavam se propagando para os caminhos da Zona Sul, local que comportava as moradias das altas classes e, em razão disso, houve a preocupação do prefeito em instalar banheiros públicos na localidade.

— Contra a falta de limpeza existente nos **mictorios** da estação do largo do Machado, da Companhia Jardim Botânico, escrevem-nos, pedindo que reclamemos providencias ao sr. coronel Silva Porto, gerente da mesma companhia.

Fac-símile n.º 40. Queixas do povo. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.03, 17 maio 1904
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Os banheiros públicos instalados na Travessa do Theatro e no Largo de São Francisco foram outros locais que a prefeitura recebia reclamações, devido à ausência de limpeza ocasionada pelos dejetos humanos, além de eles serem propagadores de doenças, por contaminarem o ar. Não encontramos informações sobre a Travessa do Theatro, surgindo dúvidas se o teatro assinalado se referia ao Lyrico, mencionado no *Fac-símile* n.º 23. Contudo, novos banheiros, em outros logradouros, foram registrados sem funcionalidade no sanear da cidade.

— Chamamos a atenção do sr. agente da Prefeitura da freguezia do Sacramento, e do sr. commissario de **hygiene** do respectivo districto, para os **mictorios** immundos que existem no largo de S. Francisco de Paula e na travessa do Theatro e para a grande quantidade de estrume que está amontoado na parada dos tilburys naquelle largo, infeccionando a atmosphera e os transeuntes que por alli passam.

Fac-símile n.º 41. Queixas do povo. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.03, 31 jul. 1904
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Destacamos o relevo do Largo de São Francisco, localizado na área central do Rio de Janeiro, na altura da Rua Uruguaiana. Após modificações no lugar, em 1742, nessa localidade, foi criada uma extensa praça – inicialmente denominada de Praça Real da Sé Nova –, para a construção da nova catedral do Rio de Janeiro, que não ocorreu. Seus alicerces erguidos foram aproveitados e o prédio que se originou foi utilizado por longo tempo pela Academia Real Militar, depois pela Escola Polytechnica. Posteriormente, o local passou a se chamar Largo de São Francisco de Paula, por nele se localizar a Igreja de São Francisco de Paula, templo construído pelos irmãos da Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula (GERSON, 2013).

O Largo da Carioca foi novo ponto de instalação de banheiros públicos. A imprensa veiculou queixas (*Fac-símile* n.º 42), chamando a atenção do inspetor sanitário para as péssimas condições de asseio dos mictórios. A notícia sinalizava o problema e o responsável pelo não desempenho do local. A falta de água direcionou para a ausência de ações da Inspetoria de Obras Públicas. Logo, o setor da prefeitura era responsável pela não higiene do banheiro público.

— Pedem-nos que chame-mos a atenção de quem competir para as pessimas condições de asseio dos mictórios do largo da Carioca, proximo ao portão da Ordem da Penitencia.
 E' tal o máo cheiro, que os moradores da vizinhança não o podem tolerar.
 Ha grande falta d'agua e dahi as exhalações mephiticas.
 Chamamos para esta reclamação a atenção do sr. inspetor sanitario.

Fac-símile n.º 42. Queixas do Povo. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.02, 14 ago. 1904
 Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

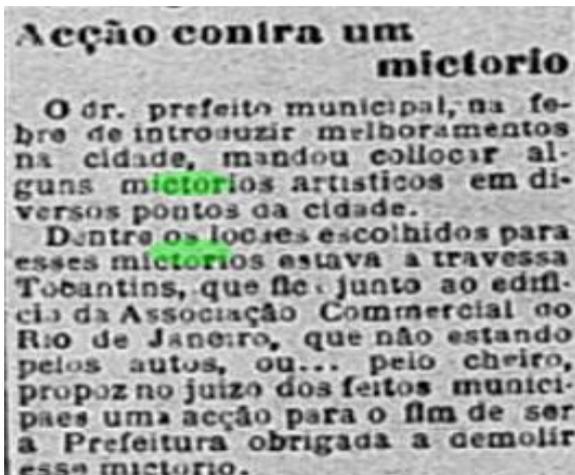
O jornal *O Paiz* (*Fac-símile* n.º 43) chamou atenção das autoridades de higiene pública para medidas cabíveis à imundície de dois mictórios. Eles estavam instalados na Rua da União, esquina com Santo Cristo, logradouros existentes no centro da cidade. Por ser raridade no local, a utilização dos banheiros deixavam-nos imundos, pela deficiência de infraestrutura para uso. Portanto, além da sujeira em seus interiores, a falta de asseio prejudicava a realização do novo comportamento civilizado.

Pedimos ao commissario de hygiene do districto que vá até a rua da União, esquina de Santo Christo.
 Existe ali um dos raros mictorios publicos ainda não retirados e que, por ser uma raridade, é o nojo dos transeuntes, tal o seu estado de immundicie.

Fac-símile n.º 43. Lorotas. O Paiz, Rio de Janeiro, p. 02, 11 jun. 1903
 Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Por outro lado, além de reclamações, solicitações e chamamentos para a retirada de mictórios insalubres das ruas da cidade, o Jornal do Brasil (*Fac-símile* n.º 44) veiculou ajuizamento de ação contra um mictório instalado na Rua Tocantins junto ao edifício da

Associação Commercial do Rio de Janeiro. O mau cheiro exalado foi objeto da ação contra a Prefeitura, requerendo sua demolição. Assim, o caos que os banheiros públicos acarretavam na cidade foi assunto até mesmo no poder judiciário da cidade.

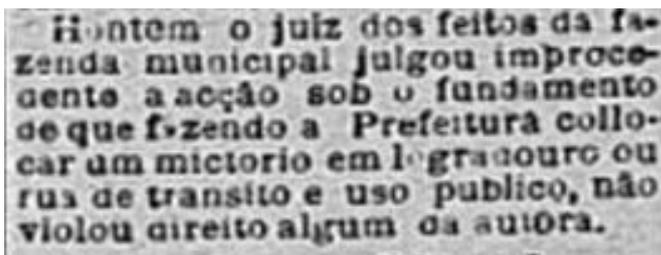


Acção contra um mictorio

O dr. Prefeito municipal, na febre de introduzir melhoramentos na cidade, mandou collocar alguns mictorios artisticos em diversos pontos da cidade. Dentre os locais escolhidos para esse mictorios estava a travessa Tocantins, que fica junto ao edificio da Associação Commercial do Rio, que não estando pelos autos, ou (...) pelo cheiro, propoz no juízo dos feitos municipaes uma acção para o fim de ser a Prefeitura obrigada a demolir esse mictorio.

Fac-símile n.º 44. O Foro. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.02, 10 maio 1905
 Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Entretanto, o juiz somente julgou a relação do mictório instalado com o interesse público (*Fac-símile n.º 45*). Nos autos não havia os aspectos relacionados à insalubridade do meio causada por eles. Por esse motivo, o resultado da ação foi improcedente, pois o banheiro era necessário ao interesse da população. Fato que ratificou o livre-arbítrio que Pereira Passos possuía, garantido pelo Presidente Rodrigues Alves, para realizar ações que julgasse necessárias em nome da civilização da cidade do Rio de Janeiro. Assim, o mictório permaneceu naquela localidade, sujo e exalando odores desagradáveis.



Hontem o juiz dos feitos da fazenda municipal julgou improcedente a acção sob o fundamento de que fazendo a Prefeitura collocar um mictorio em logradouro ou rua de transito e uso publico, não violou direito algum da autora.

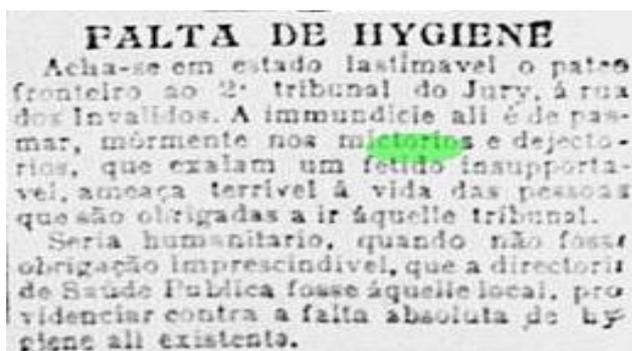
Fac-símile n.º 45. O Foro. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.02, 10 maio 1905
 Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Nas literaturas consultadas sobre a Associação Commercial do Rio de Janeiro – local de grandes debates e de iniciativas em defesa dos interesses do empresariado e da comunidade fluminense (ANCRIQ, 2016) –, não foi possível verificar seu provável deslocamento do Beco dos Adelos, lugar onde se encontrava desde o século XIX. Como a notícia veiculada cita sua proximidade com a Travessa Tocantins, pesquisas foram direcionadas a ela, entretanto sem

sucesso. Existe a Rua Tocantins, e que talvez houvesse entre ela, a Travessa. Esta se localizava no centro do Rio de Janeiro. Em virtude da importância dessa Associação aos comerciantes, bem como pela sua localização, no tempo de Pereira Passos, ocorreu a instalação do mictório.

A designação de banheiros públicos artísticos foi extraída dessa matéria do Jornal do Brasil (1905). Como mencionado, foi o termo artístico que levou a presumir sobre a bonita arquitetura que os banheiros apresentavam, sendo eles diferentes de qualquer outro existente. Dessa maneira, os banheiros embelezavam a cidade no sentido estrutural e externo, pois seus interiores revelavam o passado de uma cidade insalubre que se tentava esconder.

A justiça carioca foi mais uma vez envolvida pelos problemas dos banheiros públicos instalados por Pereira Passos. A não conservação dos mictórios e dejectórios do pátio fronteiro do 2.º Tribunal do Júri, localizado na Rua dos Inválidos, foram os motivos. Imundos e malcheirosos eram os banheiros daquela localidade. A notícia (*Fac-símile* n.º 46) solicitava ações resolutivas de higiene aos setores de saúde pública. Portanto, novas solicitações para tornar os banheiros salubres.

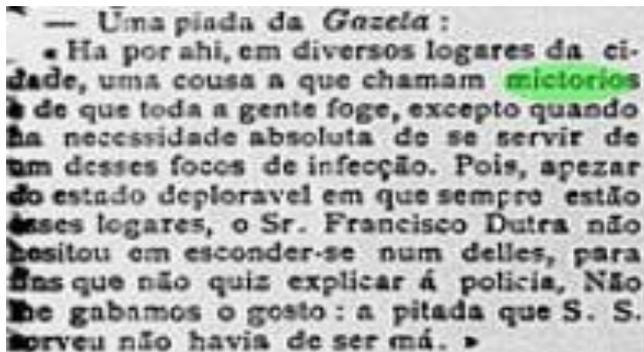


Fac-símile n.º 46. Falta de higiene. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p. 02, 20 out. 1905
 Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

A Rua dos Inválidos, criada em 1791, tinha o nome de Rua Nova de São Lourenço em alusão ao oratório construído no local em homenagem ao santo. O nome “Rua dos Inválidos” surgiu três anos depois e remetia a um asilo para soldados reformados e inválidos, instituído naquela localidade (GERSON, 2013; FERRO, 2011). Residiram, nessa rua, pessoas ilustres – como o Visconde de São Lourenço e a Baronesa de Bambuí, como também o Visconde de Uruguai –, no final do século XIX e início do XX (FERRO, 2011), o que justificava a instalação de mictórios e dejectórios.

O periódico *Gazeta de Notícias* (*Fac-símile* n.º 47) trouxe o mictório como tema de piada. Enquanto as pessoas reclamavam e fugiam dos mictórios devido ao estado lastimável

em que se encontravam, os perseguidos pela polícia não hesitavam em se esconder neles. Dessa maneira, os ladrões preferiam inalar o odor deplorável presente no local, a serem presos.

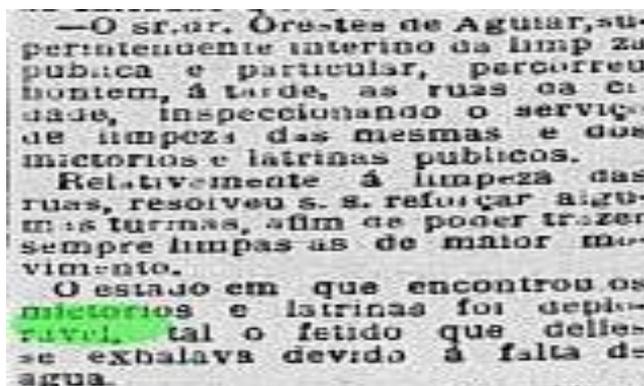


Uma piada da Gazeta:

Ha por ahi, em diversos logares da cidade, uma coisa a que chamam de mictorios e de que toda a gente foge, excepto quando há necessidade absoluta de ser servir de um desses focos de infecção. Pois, apesar do estado deplorável em que sempre estão esses logares, o Sr. Francisco Dutra não hesitou em esconder-se em um delles, para uns que não quiz explicar á policia. Não lhe gabamos o gosto: a pitada que S. S. sorveu não havia de ser má.

Fac-símile n.º 47. 7 de setembro. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, p. 02, 7 set. 1904
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

A população se utilizava dos banheiros para satisfazer suas necessidades vesicais e intestinais. A afirmativa ocorreu pela presença dos odores que tais eliminações produziam. O novo comportamento era realizado por aqueles que desejavam a civilização da cidade. Porém, novamente a ausência de água, elemento fundamental para o escoamento do material depositado e conseqüentemente a limpeza do local, foi noticiada pela imprensa da época:



O sr. dr. Orestes de Aguiar, superintendente interino da limpeza publica e particular, percorreu hontem, á tarde, as ruas da cidade, inspeccionando o serviço de limpeza das mesmas e dos mictorios e latrinas publicas.

[...]

O estado em que encontrou os mictórios e latrinas foi deplorável, tal o fetido que deles se exhalava devido á falta de água.

Fac-símile n.º 48. Prefeitura. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p. 02, 13 abr. 1905
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

O *Correio da Manhã* (Fac-símile n.º 49) divulgou que o senhor Orestes de Aguiar, superintendente da limpeza pública da cidade, citado anteriormente, oficiou ao prefeito sobre a falta de água verificada em grande número de mictórios após determinado horário, o que levou a supor que até as 3 horas da tarde havia fornecimento de água e a higiene nos banheiros ocorria. A solicitação do prefeito, para providências, induziu o entendimento de que o fornecimento de água deveria se estender além daquele horário. Assim, o problema de higiene dos banheiros relacionava-se, intimamente, à ausência de água naqueles ambientes.

—O dr. Orestes de Aguiar, superintendente da limpeza pública e particular, offeiu ao prefeito fazendo ver a falta de água notada num grande numero de mictórios desta capital, depois de 3 horas da tarde.
 O dr. Passos, tomando em consideração o assumpto, determinou á Directoria de Obras Municipaes que officiasse ao Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas, solicitando providencias a respeito.

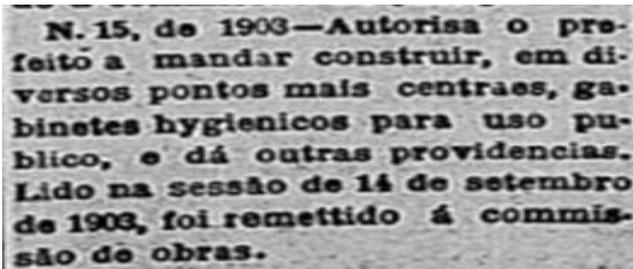
Fac-símile n.º 49. Prefeitura. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p. 03, 24 mar. 1905
 Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

A escassez de água nos mictórios, mais uma vez, foi noticiada (*Fac-símile* n.º 50). A manchete ratificava a responsabilidade do abastecimento de água aos banheiros pela Diretoria Geral de Obras Públicas. Informava que a ausência de água não se limitava somente nos banheiros. O consumo humano de água era deficitário. Logo, a notícia sinalizava o pedido de solução do problema para que a população e os banheiros tivessem o devido abastecimento.

—Em vista da escassez d'agua fornecida a esta repartição, que não chega sinão para mitigar a sede dos que labutam no serviço braçal, permanecendo os mictórios, latrinas etc., sem uma gota ao menos do precioso liquido, o inspector offeiu á Directoria Geral de Obras Publicas affirmar de ser sanado tal abuso e abastecida convenientemente esta repartição e suas dependencias com a agua necessaria.

Fac-símile n.º 50. Alfandega. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p. 04, 01 ago. 1905
 Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Dentre os problemas apresentados pelos banheiros assinalados até o momento, retomamos o Projeto n.º 15 (*Fac-símile* n.º 17), do Conselho Municipal, que autorizou o prefeito a construir banheiros públicos pela cidade. A autorização levou a crer sobre grandes melhoramentos que a cidade ganharia com a instalação e a substituição daqueles banheiros insalubres por salubres. Essa medida sanitária traria asseio e higiene para a cidade pelo destino adequado dos dejetos humanos.

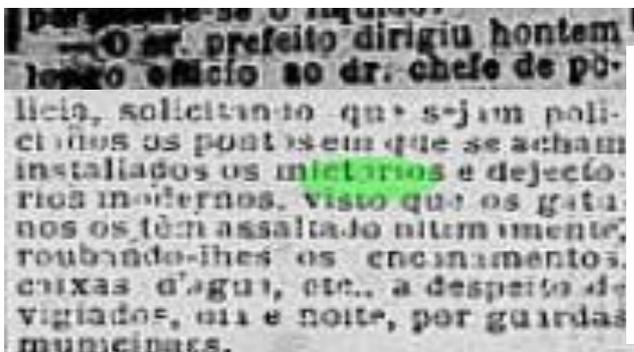


*Fac-símile n.º 17. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p. 04, 5 nov. 1904
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.*

Contudo, não se viram melhorias de higiene apresentadas pelos banheiros públicos instalados ou substituídos. Constatamos que o Projeto n.º 15 foi posto em execução, mas sem funcionalidade para limpeza e salubridade do meio. Ademais, setores da prefeitura demonstravam pouca preocupação na higiene do local, não ofertando água em todos os momentos, para o uso público, a qualquer tempo. Logo, indagações começaram a surgir se havia intenção de que o interior dos banheiros fosse limpo.

Cabe, neste momento, a reflexão sobre a substituição de banheiros por outros salubres. Se os problemas dos banheiros públicos instalados se referiam à falta de água e/ou deficiência nas estruturas para o escoamento, a substituição deles não resolveria acerca da permanência de urina e fezes no local. Mas, por outro lado, os substituídos apresentariam uniformidade de beleza desejada ao ambiente. Portanto, ratifica-se o interesse do prefeito pela beleza que eles demonstravam.

Outro problema foi a presença de gatunos – ladrões, malandros, ratoneiros – na cidade que contribuíam para a permanência de sujeira nos banheiros públicos instalados. Eles assaltavam os mictórios e dejectórios da cidade, roubando-lhes caixas d’água, encanamentos, torneiras, dentre outros (*Fac-símile n.º 51*). Logo, mesmo com o abastecimento de água, sem esses itens não tinha como o banheiro funcionar e estar limpo. Tal fato fez com que as autoridades solicitassem apoio policial como forma de proteção ao patrimônio público:



--- O sr. prefeito dirigiu hontem o offício ao dr. chefe de policia, solicitando que sejam policiados os pontos em que se acham instalados os mictorios e dejectorios modernos, visto que os gatunos os têm assaltado ultimamente, roubando-lhes os encanamentos, caixas d’água, etc., a despeito de vigiados, dia e noite, por guardas municipaes.

*Fac-símile n.º 51. Prefeitura. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.01, 28 jun. 1904
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.*

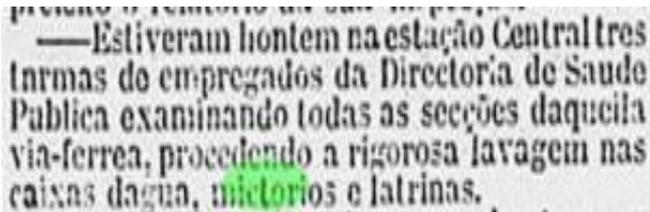
Pelo exposto, os *Fac-símiles* desta Seção, até o momento, revelaram que os banheiros públicos instalados na capital federal não resolveram os problemas relacionados ao destino adequado das fezes e urinas humanas. Em vez de estarem nas ruas aos olhos de todos, os dejetos se encontravam estagnados dentro deles. De acordo com as notícias, um maior quantitativo direcionou a causa para a ausência de água. Dito de outra maneira, o motivo ocorria pela ineficiência da prefeitura em abastecer os locais. Portanto, os interiores dos banheiros se resumiam como um lugar para guardar excrementos e suas partes externas revelavam a beleza de uma nova cidade.

Sob o ponto de vista eliasiano sobre a civilização, a ausência de higiene nos banheiros públicos representou a não ocorrência no *status* de mudança da sociedade. A insalubridade representava a barbárie da sociedade e prejudicava, diretamente, a economia brasileira. A superioridade e a formação da autoimagem nacional, resultados de uma civilização posta em movimento, estavam ameaçadas. Por essa razão, havia a possibilidade da permanência dos adjetivos negativos atribuídos à cidade em seu período colonial.

Além disso, apesar de a sujeira dos banheiros sinalizarem que a mudança de comportamento ocorria, o *habitus* poderia ser interrompido pelo desagrado, medo de doenças e mau cheiro do ambiente interno dos banheiros. Situações que, pelo viés de Bourdieu, refletiriam nas relações de poder das classes dominantes com o mundo exterior. Por conseguinte, os pilares que atestavam a civilização do Rio de Janeiro, pela lente sociológica, estavam abalados devido à sujeira dos banheiros públicos.

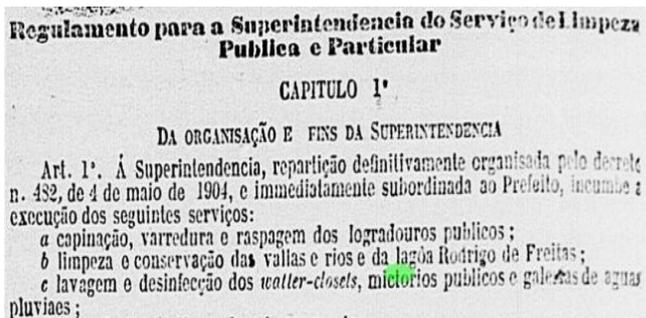
5.2 “Preocupação” de limpeza nos banheiros públicos

Os mictórios higiênicos almejados por Pereira Passos, como visto, careciam de estratégias para o funcionamento. Assim, a imprensa publicou três notícias sobre as ações de limpeza neles (*Fac-símiles* nº 52, 53 e 54), sob a responsabilidade da Superintendência de Limpeza Pública. Quanto à “preocupação” no asseio dos banheiros, foi entendida como forma de divulgar que ações estavam sendo realizadas nesse sentido. Isto conduzia à tentativa de justificar – e ludibriar – à população que ações de limpeza estavam em andamento.



Fac-símile n.º 52. Despachos e notícias: Prefeitura. Gazeta de Notícias, p. 20, 30 set. 1903
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

— Estiveram hontem na estação Central tres turmas de empregados da Directoria de Saude Publica examinando todas as secções daquela via-ferrea, **procedendo a rigorosa lavagem nas caixas d'agua, mictorios e latrinas.**



Regulamento para a Superintendencia do Serviço de Limpeza Publica e Particular

CAPITULO 1º

Da organização e fins da Superintendencia

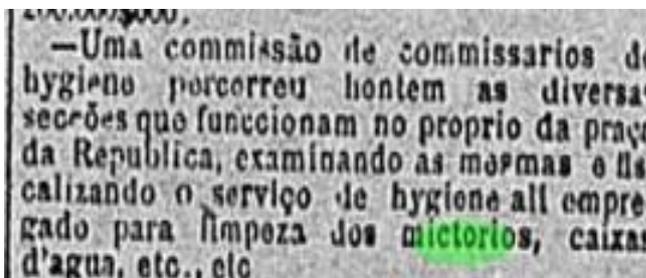
Art 1º - À Superintendencia (...) imediatamente subordinada ao Prefeito, incumbe a execução dos seguintes serviços:

a (...)

b (...)

c lavagem e desinfecção dos watter-closets, mictórios públicos e galerias de águas pluviais;

Fac-símile n.º 53. Prefeitura do Distrito Federal: Actos do Poder executivo. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, p.04, 16 out. 1904
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira



— Uma comissão de commissarios de hygiene percorreu hontem as diversas secções que funcionam no proprio da Praça da Republica, examinando as mesmas e fiscalizando o serviço de hygiene ali **empregado para limpeza dos mictorios, caixas d'água, etc.**

Fac-símile n.º 54. E. F. Central do Brasil. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p. 03, 30 set. 1903
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Conforme as notícias, a lavagem e desinfecção foram as medidas veiculadas para deixarem os banheiros salubres. No entanto, essas notícias levam ao descrédito desse ato, talvez pela pouca frequência que acontecia, ou se de fato ocorria. A procura dos ambientes era inversamente proporcional ao ato de limpeza. Em consequência, o ato não resolvia o problema de sujeira dos banheiros.

Outras notícias sobre a higiene dos mictórios se relacionaram às propagandas de produtos de limpeza, intitulados “Sanitas”. Conforme a publicidade, o produto era próprio para a desinfecção e desodoração dos banheiros (Fac-símile nº 55), o que induziu a apreender

o crescimento da economia pela indústria de venda dos produtos ditos eficazes para a limpeza dos locais. Além disso, o produto era uma tentativa de ocultar o mau cheiro exalado pelos banheiros. Portanto, os sanitas representavam ganhos econômicos e tentativa de disfarce aos odores malcheirosos exalados dos dejetos presentes nos banheiros públicos.



SANITAS
Invenção de
João de Simas Enéas
(...)

O Sanitas sendo empregado por meio de aparelho que temos à venda, obtem-se uma desinfecção e desodoração permanente das latrinas, mictórios, etc., saneando por completo uma habitação.

Fac-símile n.º 55. Anúncios. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.04, 11 maio 1902
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Dessa forma, o cuidado com a salubridade, sinalizado pelas literaturas consultadas, no que tange ao destino dos excrementos humanos com a implantação dos banheiros públicos, foi de encontro ao dito pela imprensa da época, demonstrando a ineficácia da funcionalidade dos banheiros e a permanência da sujeira ocasionada pelas fezes e urinas no ambiente público.

O entendimento inicial foi que a instalação dos banheiros tinha por objetivos: sanear a área central da cidade; instituir comportamento civilizatório à classe dominante; provocar efeito de lugar, *status* à cidade, além de embelezar a capital federal. Entendemos que o primeiro deles não foi cumprido. O novo comportamento de depositar os dejetos humanos em local adequado ocorreu pela sujeira que os banheiros apresentavam. Eles se concentravam em locais estratégicos. A beleza sobreveio pelas designações de artísticos e modernos, além da imagem apresentada na Seção anterior, no que se refere à sua arquitetura. Por conseguinte, o contexto revelou que os banheiros instalados não atenderam ao objetivo de sanear, mas acrescentou outra finalidade, a de depósito de detritos humanos.

O novo propósito foi concluído pela não eficiência da Inspetoria de Obras Públicas e da empresa inglesa, em fornecer água para todo o período de funcionamento e tubulações adequadas para o escoamento dos esgotos. Portanto, retiraram do ambiente público as fezes e urinas para embelezá-lo, e, assim, a cidade ficou bonita e dita civilizada para o *click* fotográfico do seu cartão postal, enquanto que a sujeira e a insalubridade eram postas às escondidas dentro dos banheiros.

Dessa maneira, estabeleceu-se a função de depósito aos banheiros públicos instalados no Rio de Janeiro. Foi o odor exalado o grande denunciante que fez com que a imprensa da

época registrasse a ausência de sua higiene. A análise das notícias demonstrou certa camuflagem na gestão de Pereira Passos no saneamento da cidade do Rio de Janeiro do início do século XX. Logo, o plano de gestão do prefeito mostrou-se incompleto.

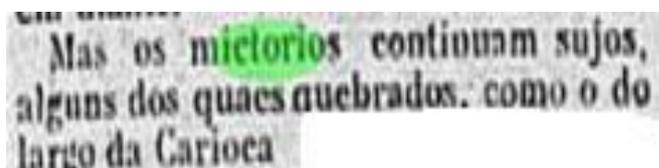
Foi nesse contexto que a cidade carioca, na gestão de Pereira Passos, se autoconsiderou como civilizada. O embelezamento ocorreu pelos prédios erguidos, que apresentavam suas arquiteturas europeias. Ruas foram alargadas. Grandes Avenidas construídas. Praças arborizadas e ajardinadas. Mictórios, latrinas, *chalés* e *toilettes* artísticos e modernos, instalados nos espaços públicos. O Porto da cidade tornou-se contemporâneo e beneficiador das transações comerciais devido às grandes obras. *Habitus* foram instituídos. Costumes e comportamentos modificados, nova cultura surgiu. Epidemias banidas, porém o saneamento era contestável.

O aspecto colonial de estrutura e os comportamentos inadequados foram afastados da capital federal, mas a insalubridade do período permanecia, talvez em grau menor, fazendo parte da civilização do Rio de Janeiro. Assim, a *Belle Époque* tropical foi concretizada pelo prefeito Pereira Passos para os olhos do mundo, e o olfato, para aqueles que lá viviam.

5.3 Os banheiros públicos na gestão da Cidade Maravilhosa

O Rio de Janeiro moderno e bonito, porém com saneamento discutível, foi o que Pereira Passos entregou, em 1906, ao seu sucessor, o engenheiro Souza Aguiar. De maneira análoga às análises anteriores, durante esta pesquisa foram feitas buscas na imprensa da época, referentes à gestão do novo prefeito, na expectativa de encontrar resoluções aos problemas existentes nos banheiros instalados por Pereira Passos, para a salubridade da cidade e, conseqüentemente, a adjetivação de Maravilhosa, em 1908. Mas o fato não ocorreu.

Duas notícias revelaram uma possível inércia do governo Souza Aguiar em relação aos problemas dos esgotos da cidade. Essa possibilidade pode ser visualizada nos jornais *Gazeta de Notícias* (*Fac-símile* n.º 56) e *do Brasil* (*Fac-símile* n.º 57):



Mas os mictorios continuam sujos, alguns dos quaes quebrados, como o do Largo da Carioca.

- Chamamos a atenção da Directoria de Saúde para o estado de immundicie em que se acham os mictorios e privadas existentes no Tendal de S. Diogo. Mais de mil pessoas frequentam aquelle departamento da Municipalidade, que não podem supportar a exhalção putrida que se sente quando se entra no Tendal.

— Chamamos a atenção da Directoria de Saúde para o estado de immundicie em que se acham os mictorios e provadas existentes no Tendal de S. Diogo.

Mais de mil pessoas frequentam aquelle departamento da Municipalidade, que não podem supportar a exhalção putrida que se sente quando se entra no Tendal.

Fac-símile n.º 57. O Bifi. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.04, 06 abr.1908
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Conforme observamos, os banheiros públicos, dois anos após o término da gestão de Pereira Passos, continuavam insalubres. Os *Fac-símiles* n.º 55 e 56, de 1907 e 1908, respectivamente, evidenciam a permanência de mictórios sujos, imundos e malcheirosos. Logo, não houve ações na gestão de Souza Aguiar para torná-los salubres e, assim, continuavam como depósitos de detritos humanos, em uma cidade intitulada Maravilhosa.

5.4 Síntese da Seção

O prefeito Pereira Passos se utilizou dos banheiros públicos como medida sanitária em diversos pontos importantes da cidade do Rio de Janeiro, visando colocar em prática um dos eixos do tripé que sustentou seu plano de ação – o saneamento, que tinha por função civilizar a cidade do Rio de Janeiro.

Com o recurso das notícias apresentadas nesta Seção, foi possível verificar outros locais destinados à instalação dos banheiros públicos. São eles: Largos do Machado, de São Francisco e da Carioca e Ruas Tocantins e Inválidos. Esses logradouros foram apresentados, na Seção anterior, para realizar a cartografia dos locais recebedores de banheiros públicos. Portanto, no mapa (*Fac-símile* n.º 35) visualiza-se, de maneira panorâmica, a área central da cidade e o efeito de lugar provocado pelos banheiros públicos.

A imprensa demonstrou que os banheiros públicos instalados eram sujos, focos de doenças e exalavam mau cheiro. Os motivos concorriam pela ausência de água e/ou tubulação de esgotos inexistentes. Os responsáveis eram a Inspetoria de Obras Públicas e a empresa *The City Improvements*, respectivamente, além dos gatunos que roubavam as estruturas funcionais dos banheiros. Por conseguinte, a instalação não se apresentou como uma medida sanitária para o destino adequado de dejetos humanos.

Por outro lado, os banheiros instituíram o novo *habitus* civilizatório de depositar os dejetos humanos em local destinado. A afirmação se baseia na imundice que eles se encontravam, o que comprova que eram utilizados. Ademais, além do novo comportamento,

eles embelezavam a nova cidade construída por suas arquiteturas externas modernas, e delimitavam o espaço social da cidade; mas pelos aspectos sociológicos de Norbert Elias (1994), esses pilares, que revelam a civilização, apresentavam-se ameaçados. Logo, a ausência de higiene dos banheiros colocava em risco o processo civilizatório, a civilização e comprometia a imagem da cidade para o mundo.

Verificamos, por meio dos banheiros públicos instalados, o saneamento incompleto da gestão de Pereira Passos. Eles se apresentavam como depósito de dejetos humanos, motivado pelo desinteresse dos responsáveis em oferecer meios para seu devido funcionamento e asseio. Portanto, foram retiradas do ambiente as fezes e urinas, e as esconderam nos banheiros, com a possível intenção de não se rememorar as designações negativas que a cidade possuía antes da reforma urbana de Pereira Passos. Com elas escondidas, a beleza da cidade demonstrava, visualmente, ao mundo exterior, que o Rio de Janeiro era uma maravilha.

Seção VI

Revelação dos aspectos teóricos aplicados

Esta Seção é resultante dos conceitos de base aplicados no exame da hipótese desta investigação. Os conceitos foram mencionados, na Seção II desta pesquisa, e de ora em diante, serão aplicados aos resultados da triangulação das fontes históricas na discussão. Nesse sentido, houve a articulação entre os conceitos de Elias e Bourdieu, ocorrida pelo processo mental, para melhor entendimento sobre a civilização do Rio de Janeiro, conforme as linhas que se seguem.

6.1 Iluminação teórica à luz dos conceitos de base

Na Seção II, o texto discorreu sobre os conceitos de civilização, processo civilizador, *habitus*, cultura, capital cultural, simbólico, consagração, campo e poder, sendo esses, pelo viés sociológico eliasiano e bourdiesianos, aplicados ao contexto da gestão de Pereira Passos no Rio de Janeiro.

Por meio da obra³⁵ de Elias (1994), foram extraídas as bases formadoras do conceito de civilização francesa, pelo entendimento das influências francesas nas ações que guiaram a civilização realizada pelo prefeito Pereira Passos na capital federal, sendo elas: homem civilizado, contraconceito geral a outro estágio da sociedade, oposição à barbárie, *status* de mudança, distinção social, superioridade, mudança de comportamento, processo civilizador (*habitus*), autoimagem nacional e processo civilizador como porta estandarte da civilização em curso.

Decodificando essas bases formadoras do conceito de civilização, junto com o repertório adquirido nas análises de livros, dissertações e teses sobre a urbanização realizada por Pereira Passos, no Rio de Janeiro, aproximando aos conceitos de campo, capital cultural, simbólico e de consagração de Pierre Bourdieu, foi possível realizar a síntese, como descrita a seguir.

O homem civilizado foi aquele que promoveu a civilização francesa e trouxe, do antigo regime, somente costumes e comportamentos monárquicos, por considerá-los superiores (ELIAS, 1994). Dito de outra forma, a civilização ocorreu quando ele apresentou um novo pensar de oposição e mudanças para uma nova sociedade.

³⁵ Para saber mais, leia: *O Processo Civilizador – uma história dos costumes* (1994).

No Rio de Janeiro, ele foi entendido pelas altas classes sociais e burguesas emergentes, que se opuseram ao cenário em que se encontrava a cidade (insalubre e temerosa), aspirando mudanças para o progresso do país. Para Bourdieu (1983), o homem civilizado representou as classes dominantes formadoras no Rio de Janeiro para deter o poder.

O contraconceito geral a outro estágio da sociedade deve-se à organização da sociedade do Rio de Janeiro, que não mais satisfazia aos interesses das classes sociais e a burguesia emergente – no campo político, econômico ou ideológico – e, por isso, reclamavam por mudanças (ELIAS, 1994). Assim, o outro estágio da sociedade foi alcançado. A colônia insalubre se transformou em cidade moderna e civilizada, pois de igual modo ocorreu na França, com o prefeito George Haussmann.

À luz de Bourdieu, pode-se articular o outro estágio da sociedade, para maior alcance de capital econômico (NOGUEIRA e NOGREIRA, 2009), e, diante disso, mudanças na sociedade da época eram necessárias. Grupos sociais clamavam por modificações na cidade e essas incluíam a criação do novo Rio de Janeiro para asseverar a economia do país favorecendo os grupos sociais de elite para os interesses econômicos.

A oposição da barbárie tratava-se da eliminação do que era bárbaro ou irracional nas condições vigentes. Era necessário retirar o que se configurava contrário ao progresso, avanço e desenvolvimento do país (ELIAS, 1994). Logo, em oposição a ela, a cidade do Rio de Janeiro se embelezou. Ruas e avenidas foram construídas, habitações coletivas derrubadas, banheiros públicos instalados, novos *habitus e* costumes instituídos. Na concepção de Bourdieu (2015), o capital cultural e a titulação de Cidade Maravilhosa levaram à potencialização do capital de consagração a cidade do Rio de Janeiro.

O status de mudança dentro de uma sociedade para outra ocorreu pela transformação relacionada ao prestígio perante a nova sociedade (ELIAS, 1994). A cidade do Rio de Janeiro tinha o *status* de ser uma cidade fedorenta, considerada cemitério de europeus. Portanto, a mudança urbana promovida por Pereira Passos, realizando várias reformas, alterou o *status* da cidade, que passou a ser moderna, dando prestígio às classes da alta sociedade. Além disso, mais tarde a cidade foi adjetivada de maravilhosa, demonstrando para o mundo sua reputação como vitrine do país.

Nesse sentido, pelo entendimento de Bourdieu (1983), a mudança de *status* da cidade ocorreu quando ela se tornou símbolo, sendo este entendido como instrumento utilizado para legitimar o poder de determinada classe social. A titulação da cidade como maravilhosa foi o exemplo. Ser fabulosa e admirável para o mundo demonstrava a estrutura de dominação

social que se estabeleceu na área central do Rio de Janeiro pelas elites e burguesia emergente. No entanto, para a cidade chegar ao patamar de capital simbólico, foi necessário realizar alianças entre o capital econômico e o cultural.

A distinção social fez demarcar, em termos de comportamento e estilo, um ambiente diferenciado para as classes da alta sociedade, em contraste com as baixas classes sociais (ELIAS, 1994). Isso posto, a destruição das habitações coletivas, que levou às construções nos morros cariocas, segregaram as classes sociais. O ambiente moderno construído se destinava ao homem civilizado e não à classe pobre, que representava a barbárie e a civilização se opunha a ela. Logo, nesse momento formou-se aquilo que Elias chamou de figuração na sociedade do Rio de Janeiro, ou seja, as relações sociais para o estabelecimento do poder.

Para Bourdieu (2015), esse ambiente diferenciado de distintas classes sociais ocorreu por ter o Rio de Janeiro se tornado um campo de disputas, no início do século XX, entre a classe pobre e as elites da sociedade. A competição teve como vencedora as altas classes sociais, por isso foram designadas de dominantes. A aceitação da perda atribuiu à classe pobre o nome de classe dominada. E nesse espaço físico, com a saída das classes inferiores, se distribuíram as classes superiores, formando o espaço social da capital federal, na área central da cidade, onde se exercia o poder.

A superioridade no contexto do Rio de Janeiro dizia respeito ao fato de a cidade ser a capital do país e moderna em relação aos demais estados brasileiros. Além disso, ela foi considerada a Paris tropical, remetendo-se à supremacia francesa.

Por outro lado, a supremacia aludida por Elias à civilização do Rio de Janeiro, foi entendida, por Bourdieu (2015), como capital simbólico. O símbolo, em alusão à Paris, por Pereira Passos ter usado ações próximas às que foram utilizadas na civilização da Cidade Luz, em 1860. Além disso, o Rio de Janeiro se consagrou quando a cidade recebeu o título de maravilhosa, adjetivo utilizado até os dias atuais.

As mudanças de comportamentos estabelecem um padrão de moral e costumes a partir de novos *habitus* (ELIAS, 1994). A instalação de banheiros públicos, por Pereira Passos, foi um exemplo na capital federal. Nessa época, as pessoas eliminavam suas necessidades fisiológicas em qualquer lugar, e ter um ambiente designado para as eliminações vesicointestinais obrigava as pessoas a mudarem seus comportamentos. Para Bourdieu (1983), a associação do novo padrão moral e costumes resulta no chamado capital cultural.

O processo civilizador (*habitus*) trata-se do refinamento das maneiras, mudanças de comportamentos e sentimentos humanos, sendo ele a declaração formal que atesta a civilização, levando conseqüentemente à pacificação interna de um país (ELIAS, 1994).

No Rio de Janeiro, a instituição de um local específico para a eliminação de excrementos humanos foi entendida como mudança de comportamento na população carioca (novo *habitus*). Deixar de cumprir esse novo padrão estabelecido poderia causar ao “infrator” sentimentos de vergonha perante os demais civilizados, que apontariam para seu modo incivilizado. Dessa forma, a adoção de normas de condutas, ditas civilizadas, tornou o espaço mais pacífico.

O *habitus*, para Elias, relaciona-se ao refinamento de maneiras para se estabelecer ou permanecer no poder. Já para Bourdieu, o poder fornecido ao *habitus* está associado ao capital cultural (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2009). A civilização do Rio de Janeiro tinha como maior objetivo asseverar a economia do país e determinar as posições de poder que se exerceriam na área central da cidade. Assim, refinar as maneiras, com o passar do tempo, se tornariam costumes e por isso cultura do local. Porém, junto às mudanças de comportamentos, ações diretas poderiam ser instituídas para a formação do capital cultural, não sendo necessário aguardar o longo tempo na formação dos costumes pelos *habitus* eliasianos. Portanto, a formação cultural, visando o poder e prestígio das classes dominantes, foi entendida por dois domínios: *habitus* eliasianos e bourdiesianos.

Na capital federal, esses diferentes *habitus* foram instituídos por Pereira Passos e puderam ser identificados. O comportamento de realizar a excreção de fezes e urina em local indicado levou ao refinamento de maneiras e com o tempo se tornou costume na sociedade. Já o estabelecimento do carnaval e a arte teatral para as elites, de maneira direta, forneceu conteúdo cultural. Esses elementos faziam com que as classes dominantes se fizessem diferenciadas em relação aos demais membros da sociedade, e logo detinham o poder.

Cabe destacar algumas considerações conceituais sobre hábitos, comportamentos, costumes e cultura, visto serem termos utilizados nesta pesquisa. Conforme o dicionário de Ciências Sociais (1987), o comportamento pode ser entendido, em sentido geral, “como aquele que designa a mudança, movimento ou reação de qualquer entidade ou sistema em relação a seu ambiente ou situação” (p.02). Logo, foram instituídos novos comportamentos à população do Rio de Janeiro, pela relação íntima de proporcionarem modificações ao contexto civilizatório da época.

Já o hábito é uma ação repetida regularmente pelo indivíduo. Ele se apreende pela observação e realização de alguma ação pelos outros. Por analogia, quando a repetição deixa de ser individual e passa a ser coletiva, chama-se de costume. A cultura é aquela que aglutina comportamentos, hábitos, costumes, crenças, aptidões adquiridas pelos homens dentro de uma sociedade (DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 1987).

Assim, observamos os estágios para se chegar à cultura pelo viés dos banheiros públicos. Suas instalações representaram a mudança de comportamento pela excreção de dejetos em locais próprios. Esse comportamento repetitivo levou o indivíduo a criar o hábito de utilizá-lo para aliviar-se. Ele passou a ser apreendido e observado pela coletividade, transformando-se em costume. O desenvolvimento desse estágio levou ao surgimento de defecar e urinar em lugar próprio e, por isso, uma cultura na sociedade.

A autoimagem nacional aplicada ao Rio de Janeiro, após a reforma urbana de Pereira Passos, colocou abaixo o Rio colonial e a cidade se transformou em cartão postal do país, ratificado o título de Cidade Maravilhosa e, à luz de Bourdieu (2015), se consagrou.

O processo civilizador, como porta-estandarte da civilização em curso, foi a inspiração francesa para a civilização do Rio de Janeiro do início do século XX, realizada pelo prefeito Pereira Passos, ao trazer o progresso e a modernidade para cidade e, por esse motivo, ratificasse a utilização, neste estudo, das análises do olhar civilizador do sociólogo Norbert Elias. As concepções do sociólogo Pierre Bourdieu foram utilizadas, por possibilitarem compreensão mais rica sobre a civilização da cidade do Rio de Janeiro. Além disso, os sociólogos agregam o conceito de *habitus* – o ator principal na formação das hierarquias –, de maneiras diferentes, mas que convergiram para o resultado no contexto do Rio de Janeiro: o poder.

Por outro lado, apesar de Elias escrever sobre civilização e não sobre cultura, observamos a tendência de seu conceito de *habitus* para o viés cultural. A inferência do resultado para a cultura na aplicação da teoria de Norbert Elias, na civilização do Rio de Janeiro ocorreu quando Peter Burke (2008) sinalizou que as obras de Elias, em sua totalidade, poderiam ser consideradas história cultural, entendida como aquela que se dedicou às diferenças, aos debates e aos conflitos das tradições compartilhadas em culturas inteiras. No entanto, pelas explicações já mencionadas, trabalhamos os aspectos culturais, pelo entendimento de Elias, como resultado dos seus *habitus*.

A cultura foi sinalizada por Peter Burke (2008), em sua obra, por dois segmentos: alta e baixa. Pode-se referir que a “alta cultura” estaria expressa quando foi construído o Theatro Municipal do Rio de Janeiro, onde a população pôde desfrutar das artes europeias. Outro

exemplo se encontra na visitação do primeiro aquário de água salgada ao ar livre, realizado pelo prefeito no Passeio Público, além das músicas nacionais e internacionais que embalaram o início do século XX.

A “baixa cultura” ou cultura popular de *Burke* (2008) pôde ser visualizada no contexto carioca pela continuação do carnaval, inicialmente, pelo entrudo, e depois pelos cordões, com o surgimento da marchinha de carnaval “ Ó Abre Alas”. A alta cultura também se apresentou interessada nesse momento, na comemoração para a introdução de comportamentos festivos, como o baile de máscara e dos desfiles de fantasias em carros luxuosos pelo centro da cidade, que ficaram conhecidos como corso.

Esse encontro entre as classes sociais, proporcionado pela “baixa cultura” ou cultura popular referente ao carnaval carioca, foi entendido como um exemplo de aplicação do conceito de circularidade cultural, defendida por Carlos Ginsburg. Para ele, entre a cultura das classes dominantes e subalternas existe um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se move de baixo para cima e vice-versa (GINZBURG, 1987).

Assim, a brincadeira do carnaval evidenciou uma cultura idêntica realizada pelas diferentes classes sociais da capital da República, cada qual à sua maneira, demonstrando seu entrelaçamento entre pobres e ricos da sociedade carioca, no entendimento da circularidade na cultura do carnaval.

Corroborando com a definição de cultura, de maneira a perceber o resultado da aplicação da civilização francesa no Rio de Janeiro, Trostle (2013), por meio do entendimento de alguns autores, distinguiu cultura como um conjunto de padrões para o comportamento e que emergem do grupo que segue um conjunto de regras culturais ao longo do tempo. A instalação dos banheiros públicos e a necessidade de cultura pela burguesia carioca são exemplos.

Assim, a cultura, seja na concepção de Elias, como resultado, seja na de Bourdieu, como primária, os aspectos culturais, pelo exposto, demonstraram o caminho para o alcance do poder dentro da sociedade com a civilização em movimento. Por isso, a Seção III foi elaborada para demonstrar como ocorreu a completude da civilização da cidade do Rio de Janeiro, que, além de bonita e moderna, nela plainavam ares culturais, uma preocupação do prefeito para que as classes dominantes estivessem no poder. Além disso, essas ações auxiliaram para o título de maravilhosa, dois anos após o término da gestão de Pereira Passos.

A Seção IV demonstrou a medida sanitária de instalação de banheiros públicos. Os locais, suas características e tipos foram analisados. Para o entendimento da escolha dos

logradouros de instalação, pelo prefeito, foi articulado o conceito de “efeito de lugar” de Bourdieu, definido como aquele onde situam os agentes sociais ao simbolizar o espaço social (BOURDIEU, 1997). Além disso, a instalação possibilitou a apreciação, pelo viés eliasiano e bourdiesiano, para o refinamento de maneiras e formação cultural. Logo, eis a importância dos banheiros em revelar nuances sobre a civilização do Rio de Janeiro.

No entanto, ao se verificar o sanear da cidade pela instalação dos banheiros públicos, surgiu a necessidade de avaliar sua manutenção e funcionamento; por isso a Seção V foi desenvolvida. Com os resultados apresentados, tornou-se possível realizar a discussão sobre o saneamento da cidade do Rio de Janeiro, além dos pormenores que envolveram a titulação da cidade como maravilhosa, por meio dos conceitos sociológicos francês e alemão.

O resultado sobre o saneamento da cidade emergiu quando se articularam as informações obtidas, divulgadas pela imprensa da época. Por isso, trata-se de uma possibilidade verossímil. Tal argumento encontra-se baseando nas considerações que Porto e Santos (2011) sinalizaram. Para eles, a imagem – nesse caso, os *Fac-símiles* da imprensa – pode demonstrar lacunas, silêncios e códigos que precisam ser decifrados, identificados e compreendidos; o que, nessa perspectiva, é uma possibilidade, principalmente na articulação entre a realidade retratada e outras (PORTO e SANTOS, 2011).

Assim, as possíveis articulações sobre os banheiros públicos e o título de Cidade Maravilhosa ao Rio de Janeiro, retratados nesta pesquisa, também se baseiam no entendimento de que a imagem – seja textual ou não –, não é retrato de uma verdade, nem a representação fiel de eventos e objetos históricos. Por isso a história, quando articulada à imagem, deve ser entendida como uma análise relativa, justamente porque suas verdades ficaram em seus tempos (PAIVA, 2002). Dessa maneira, as seções foram construídas, cada qual abordando sua temática, o que a seguir levou às considerações finais, após testar a hipótese estabelecida na construção da tese.

Seção VII

Considerações Finais

Da feia e suja colônia, o Rio de Janeiro tornou-se uma bela e limpa cidade. Essa trajetória, narrada pela maioria dos autores, caminhou diferente nesta pesquisa. Não paramos na beleza. Na verdade, ao seguir o percurso, nos deparamos com o encanto na formação cultural da cidade e, ao prosseguir, retornamos ao estágio inicial. A sujeira, que marcou a história do Rio de Janeiro, ainda que em menor grau, permanecia na capital federal. No entanto, havia uma diferença, ela estava rodeada pela formosura de uma cidade maravilhosa. O contraste se revelou quando decidimos reduzir o objeto de estudo nesta pesquisa.

A lente de investigação voltada para os banheiros públicos, balizada no contexto da época e nos entendimentos sociológicos de civilização de Norbert Elias, delineado por Pierre Bourdieu, nos revelou que, para ganhar o poder e o prestígio, eles foram uma opção acertada pelo prefeito Pereira Passos. Na Seção IV, demonstramos suas funções na civilização e no processo civilizador quando verificamos que embelezavam, demarcavam o espaço social da capital federal, possibilitavam novo *habitus*, refinamento das maneiras e contribuíam para a reconfiguração cultural da sociedade.

Comparar as imagens entre os banheiros franceses e os brasileiros foi a estratégia para ratificar a modernidade e o embelezamento da cidade por eles, e, também, de verificar os banheiros artísticos retratados pelas notícias da época. O cenário arquitetado, externamente, suavizava o que estava dentro deles e contribuía para a autoimagem nacional da cidade. Portanto, ao observar as imagens dos banheiros, verificamos sua contribuição no encanto da capital da república.

A esperteza de instalá-los nos logradouros, revelada pela imprensa, além de dar vivacidade ao ambiente físico pela beleza que eles apresentavam, atraíam os interessados pela civilização, ao centro do Rio de Janeiro. O luxo da capital federal acompanhava o banheiro público, assim como acontecia em Paris. A concentração das classes sociais naquele ambiente demarcava o espaço social. Logo, cada rua, em que foi instalado o banheiro público, demonstrava que ali era um local de poder no Rio de Janeiro.

Para o exercício desse poder, os banheiros também foram protagonistas da elegância no comportamento das pessoas, e cooperaram para o seguimento do processo civilizador instalado na cidade. As classes sociais beneficiadas, pelo requinte das maneiras na utilização deles, eram aquelas que se encontravam no ambiente edificado por Pereira Passos. Dessa

forma, os banheiros se destacaram na distinção social. Eles não estavam presentes nos morros cariocas, pois os pobres eram incivilizados; mas, para as altas classes sociais, eles eram necessários, como forma de diferenciá-los para se manterem no poder.

Contudo, observamos o raio de abrangência que essa estratégia de Pereira Passos trouxe em benefício à cidade pela sua beleza, e, a um determinado grupo da sociedade, a conquista do poder e prestígio desejados. No entanto, como medida, para o alcance do saneamento, a primeira função pensada no início desta pesquisa, para resolver a ausência de higiene que os dejetos humanos provocavam nos espaços públicos, não ocorreu.

O saneamento foi entendido como um conjunto de medidas que objetivam preservar ou modificar o meio ambiente, com a finalidade voltada para a prevenção de doenças e no cultivo da saúde pública. A destruição das habitações coletivas, a proibição de cuspir nos espaços públicos, de vendas de alimentos expostos, da circulação de animais e os banheiros públicos instalados enquadram-se na definição. Porém, o revelado pela imprensa da época distanciou os banheiros públicos como medida para o alcance do saneamento da cidade.

Como visto na Seção V, eles não tornavam o ambiente saudável na área central do Rio de Janeiro, pelo contrário. Eram focos de microrganismos e contaminavam o ar devido aos odores fétidos que exalavam. Conforme veiculado nas notícias, os redatores traziam a percepção dos meios de contaminação da época – os microrganismos eram levados às pessoas por meio do ar atmosférico. Verificamos o entendimento microbiológico e miasmático na transmissão das doenças. Logo, as notícias, nas entrelinhas, demonstravam preocupação na difusão de males oriundos dos banheiros públicos e que havia solicitação de limpeza ou retirada deles.

Essa preocupação torna-se entendível pelo histórico de mortes e sofrimento que as doenças causaram à cidade até a chegada do médico Oswaldo Cruz. De fato, a concentração de fezes e urina, por longo período em um local, libera odores pelo processo de decomposição dos dejetos. O odor emitido, além de provocar sensações desagradáveis àqueles que o sentem, é atrativo para insetos e, na presença deles, o processo de decomposição acelera. Ademais, o ambiente estagnado com os dejetos tornava-se perigoso devido aos microrganismos patogênicos presentes na superfície da matéria orgânica. Por conseguinte, os redatores acertaram quando veicularam que os banheiros públicos eram focos de infecção e ameaçavam a população em contrair moléstias.

Devido à sua função de depósito de excrementos humanos, entendemos por que Augusto Malta não fotografou seus interiores. Ao conseguir suas imagens, no início do

doutoramento, a procura também tinha a intenção de visualizarmos como eles eram por dentro, para conhecer a modernidade daquela época. Mas as imagens mostraram somente seus exteriores, pois o fotógrafo do prefeito não iria produzir provas de que a medida, para sanear a cidade dos dejetos humanos, não foi cumprida por Pereira Passos. Destarte, Augusto Malta fotografou somente a sua arquitetura externa, pois era o que interessava. Uma forma de ratificar o embelezamento e esconder o saneamento incompleto pelo prefeito.

Imaginemos o efeito malcheiroso e de contaminação provocado pelos banheiros instalados no coração do Rio de Janeiro. O aspecto colonial da cidade fedorenta e da morte permanecia, e ameaçava a civilização e a autoimagem produzida pela cidade em oposição ao passado. Portanto, outra estratégia precisou ser pensada para esconder ainda mais as fezes e urinas da área central do Rio de Janeiro. E a tática pensada se relacionou a titulação atribuída à cidade como maravilhosa.

Verificamos que nem tudo estava tão maravilhoso assim. E, por isso, a suspeição levou ao entendimento de que a titulação foi um instrumento de manipulação e dominação política. Nesse sentido, o título de Cidade Maravilhosa começou a ser percebido, conforme os entendimentos sociológicos de Bourdieu, como produção simbólica de dominação social, recurso utilizado para legitimar o poder das elites cariocas e esconder a insalubridade constante na capital federal.

A Seção III desta pesquisa revelou um desencontro sobre o mentor da titulação de Cidade Maravilhosa. A literatura demonstrou que o escritor Coelho Neto, em 1908, forneceu o título à cidade, porém a imprensa, anos antes – 1904 –, já designava o Rio de Janeiro como maravilhoso. Logo, um plano entre o escritor maranhense e o adjetivo da cidade foi articulado.

A estratégia ocorreu, possivelmente, no uso do capital cultural do escritor. Ele representava a hierarquia, a superioridade da civilização devido à sua cultura e ofício. Decorrente da expertise no uso do capital cultural de Coelho Neto, no campo de lutas simbólicas que foi o Rio de Janeiro, o entendimento do seu artigo, que trazia a palavra maravilhosa, precisou ser distorcido como adjetivação válida para todo o Rio de Janeiro. Tratou-se de um artifício político com o objetivo de fazer acreditar na mudança estética, cultural e de ordem sanitária da cidade. Logo, o título foi uma maestria para encobrir a insalubridade dos banheiros públicos.

Isso porque a burguesia emergente e a alta classe social estavam com o capital cultural em formação, e a permanência da falta de higiene nos banheiros colocava em risco a imagem

visivelmente bonita, moderna e civilizada da capital federal. O receio da descoberta dos dejetos humanos escondidos concorria para prejuízos comerciais, na permanência das denominações negativas da cidade e no poder e prestígio das classes superiores. Assim, o manuseio do texto do escritor maranhense, para a cidade ser vista com deslumbre, escondia as fezes e urinas dos banheiros e o saneamento incompleto do prefeito Pereira Passos. Foi uma maneira rápida e inteligente de resolver o problema.

Por fim, a manipulação, que resultou no título da cidade, provocou consequências talvez nem pensadas, como o próprio sociólogo Norbert Elias sinalizou para uma civilização posta em movimento. A produção da crença de que a cidade era maravilhosa foi o efeito. Doravante, o Rio de Janeiro passou a ser visto e reconhecido como deslumbrante. Confirmou e se fez acreditar sobre a existência da primorosa cidade. Portanto, a cidade do Rio de Janeiro se consagrou, em outras palavras, passou a ser legitimada como admirável devido à sua modernidade e beleza, apesar do saneamento discutível.

O processo civilizatório, realizado por Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro, ocorreu quando houve a reconfiguração cultural e mudanças nas vestimentas da população. Os homens e as mulheres da sociedade passaram a desfilar, com seus trajes elegantes, à moda francesa, nas ruas centrais da cidade, mesmo diante do clima tropical, em nome da civilidade. Na cultura – teatro, música e carnaval – possibilitou a circularidade cultural, o que potencializou o acúmulo de capital cultural da sociedade à época. Logo, ambos os feitos positivos promoveram a reconfiguração do *habitus* dos cariocas.

No entanto, o *habitus* de realizar a excreção de dejetos humanos nos banheiros públicos instalados pareceu ter sido inculcado e exercido pela população. Mas seu funcionamento precário dificultava a prática do novo comportamento de evacuar e urinar, em local próprio, pela ausência de asseio neles. Sendo assim, o processo civilizador sob a ótica dos banheiros públicos instalados ocorreu parcialmente.

Diante do exposto, retornemos à hipótese deste estudo: Os banheiros públicos instalados, na gestão de Pereira Passos, contribuíram no processo civilizatório, quando ocorreu a reconfiguração do *habitus* e na civilização da capital federal, pela atuação no saneamento da cidade, que colaborou para o título de Cidade Maravilhosa ao Rio de Janeiro.

Os achados desta investigação, referentes aos banheiros insalubres, iniciaram-se quando realizamos a leitura das notícias. A maneira tradicional nos conduziria afirmar, na hipótese sobre o não sanear dos banheiros na civilização da cidade do Rio de Janeiro, para ao final transformá-la em tese. Mas esse não foi o desejo, queríamos uma maneira diferenciada, e

por isso não conduzimos dessa maneira. O objetivo foi provocar um pensar diferente sobre a história da cidade do Rio de Janeiro, daquele que se lê, e demonstrar que a não ratificação da hipótese também produz conhecimento, como foi o caso dos banheiros públicos e titulação de Cidade Maravilhosa.

Assim sendo, saímos do lugar comum na trajetória de fora para dentro – da cidade para dentro dos banheiros em metáfora. Vimos o que os banheiros queriam esconder, bem como a dinâmica do comportamento da população no seu uso, sendo possível compreender a história dos excluídos pela tessitura social, quando se perseguiu a hipótese inicial. Isso explica que em termos investigativos a hipótese se confirmou em parte, pois os banheiros instalados propiciaram um novo *habitus* de eliminação dos dejetos humanas. No entanto, por eles não terem contribuído para o saneamento da cidade, devido ao seu mau funcionamento, dificultavam a execução do novo comportamento de urinar e defecar em local próprio, e por isso, algumas pessoas, possivelmente, permaneciam depositando seus dejetos nas vias públicas da cidade. Logo, a não ratificação da hipótese não desmerece a investigação realizada, pois ela perscrutou o *corpus* documental.

Desvelar o fenômeno histórico foi descortinar os aspectos políticos, sociais, sanitários e culturais, por meio das notícias. Após embaralhar as cartas, o jogo foi evidenciado como representação verossímil da maravilha da cidade, o que nos faz pensar que a história pode/deve ter novas versões e interpretações daquelas cristalizadas, seja por quem for.

Nesse sentido, ao dialogar com o passado e trazer à baila a atualidade, percorremos as intermediações da área central do Rio de Janeiro. Observamos a existência de banheiros públicos, em estrutura de alumínio, no Largo da Carioca, Castelo, Central do Brasil. No entanto, nos deparamos com o não funcionamento ou eles em péssimas condições de higiene. Ademais, foi possível presenciar pessoas realizando suas necessidades fisiológicas – não nos banheiros, mas em seu entorno –, demonstrando mais uma vez que o sanear dos dejetos humanos permanece não sendo realizado dentro dos banheiros.

Um banheiro público a se destacar é o da Praça da República. O *Fac-símile* n.º 26 desta pesquisa revelou que Pereira Passos instalou banheiros nessa localidade. A imagem nos despertou a curiosidade de visitaçao do local para verificar a possível existência deles nos dias atuais. Ao percorrermos o Jardim da Praça da República, dois pavilhões foram identificados, sendo eles muito semelhantes à imagem registrada por Augusto Malta, e nos levou a crer que se tratava daquele banheiro do construído no início do século XX.

Ambos encontram-se desativados para seus fins propostos. Conforme informado pela administração do Parque, o fechamento deles ocorreu devido à deterioração causada pelos usuários. Porém, um deles, na atualidade, serve de guarda de material para os funcionários da manutenção do Jardim. Logo, mais uma vez verificamos os banheiros com funções contrárias às de sanear a cidade.

Ao comparar o *Fac-símile* n.º 26 com o *Fac-símile* n.º 58, que expressa a realidade atual, observamos analogias e algumas mudanças estruturais, possivelmente pela necessidade de atendimento ao público, ou melhor, funcionamento. Os marcadores de comparação entre eles ocorrem pela disposição da vegetação próxima ao sanitário, e a própria estrutura física, que se refere ao seu desenho e contornos. Ao final, após conversar com as arquitetas do Parque, foi confirmado que ele foi instalado na gestão de Pereira Passos.



Fac-símile n.º 58: Jardins da P. da República – Banheiro público. Fotografia realizada em 25/07/2017
Fonte: Acervo pessoal.

Como a imprensa, do início do século XX, registrou que eles eram modernos e Augusto Malta não fotografou seus interiores, pelos motivos já apontados, nos interessou verificar a parte interna dos banheiros existentes na Praça da República, com o objetivo de visualizarmos a modernidade daquela época. A abertura desse sanitário, após autorização do responsável pelo Parque, nos gerou a expectativa de retorno ao século passado em apreciar os utensílios, porcelanas e outros possíveis objetos. No entanto, o ambiente histórico não existia mais.

Averiguamos ser um ambiente interno pequeno, com utensílios e estruturas muito próximas ao que encontramos na atualidade, tais como os azulejos, pisos, torneiras e vasos

sanitários. No entanto, o passado estava presente em seus interiores. A carência de higiene e os odores nos fizeram retornar aos banheiros dos primeiros anos de 1900. Além disso, observamos a ausência de conservação daquele instrumento sanitário utilizado para os interesses políticos para civilizar a cidade do Rio de Janeiro.

Apesar de não ter conseguido informações, junto à administração do local, de quando e quantas reformas ocorreram nesses banheiros, para uma melhor análise, os motivos inferidos sobre a importância deles para embelezar e não sanear a cidade levou a concluir que a não conservação patrimonial poderia estar relacionada a não deixar vestígios daquilo que foi disfarçado na gestão de Pereira Passos. No entanto, os seus exteriores, que revelaram a modernidade e, por isso, feito positivo ao contexto da época do prefeito, conserva-se até hoje presente na Praça da República para apreciação de todos.

Assim, verificamos que os banheiros públicos da atualidade revelam, no presente, um passado não tão distante. Num período de tempo de pouco mais de um século, os excrementos humanos, ainda, se apresentam como problema de saneamento e da saúde pública da cidade do Rio de Janeiro. Mas, apesar disso, o Rio de Janeiro continua maravilhoso.

A pesquisa demonstrou uma possível estratégia com a titulação e que ao final consagrou a cidade de maravilhosa, pois, mesmo com os problemas dos esgotos sanitários, ela permanece fabulosa. O efeito foi conseguido com sucesso há mais de 100 anos, e, infelizmente, verificamos poucos esforços, a quem compete para tentar isentar a cidade das fezes e urinas dos espaços públicos, vistos em momentos de alagamentos em via pública.

No carnaval carioca, o problema com os dejetos humanos se intensifica. Dificuldades, enfrentadas pelos foliões nesses dias festivos, para realizar suas necessidades fisiológicas, são noticiadas pela mídia. Problemas como ausência, desproporção e falta de asseio de seus interiores faz com que eles eliminem seus dejetos nos lugares públicos. Assim, a folia se mistura ao mau cheiro e aos sons musicais.

Uma marchinha de carnaval, composta, em 1934, por André Filho – que posteriormente se tornou hino da cidade, em 1960 (AZEVEDO, 2017), cantada na abertura do carnaval do Rio de Janeiro –, é a canção “Cidade Maravilhosa”. Com pequenas estrofes e linguagem fácil, mais uma vez se utilizou da titulação, reflexo do seu efeito dominante para quiçá alcançar algum objetivo na década de 1930. De maneira cantada, a “Cidade Maravilhosa” veio para afirmar seus encantos e esconder seus mistérios e histórias, que envolveram e envolvem a maravilha da cidade até os dias de hoje.

No entanto, esses segredos precisam ser desvendados para possibilitar um pensar diferente sobre as maravilhas do Rio de Janeiro. E, para isso, ousamos utilizar o mesmo método, pelo efeito positivo da canção “Cidade Maravilhosa”, e finalizamos esta pesquisa, adequando alguns de seus versos para se aproximar ao estudo. Assim, sob o mesmo ritmo, cantamos:

Cidade Maravilhosa

Cidade Maravilhosa!
Cheia de dejetos mil
Cidade Maravilhosa!
Mictório do Brasil.

Cidade Maravilhosa!
Cheia de histórias mil.
Cidade Maravilhosa!
Digestório do Brasil.

Penico e berço do samba envolvente,
São Passos n´alma da gente.
Eis avenidas em nossos corações
Que escondem estrategicamente.

Cidade civilizada
Sem saneamentos mil
Cidade bem maquiada
Arquitetada no Brasil.

Cidade muito exaltada
Cheia de problemas mil.
Cidade bem camuflada
Nos Passos do meu Brasil.

Jardim florido, “Jardim de saudade!”
Terra que o império seduziu
Ninho insalubre, de chorume e umidade
Que o Passos encobriu

Cidade Maravilhosa
Cheia de encantos mil.
Cidade Maravilhosa!
Coração do meu Brasil.

Cidade Maravilhosa
Entre (des)encantos mil.
Continua maravilhosa
Com banheiros do meu Brasil.

Autoria: Simone Aguiar, Sandra Carvalho e Andréa Sant´Ana.

Contudo, seja no passado ou presente, realizamos a investigação, contribuindo para um novo olhar sobre a historiografia da cidade e história da Saúde Pública do Rio de Janeiro. Mas nada impede que outras fontes, ou uma nova apreciação sobre este objeto de estudo e da imprensa da época, refute os resultados desta pesquisa com a criação de nova canção. Isto porque os fatos passados ficaram em seus tempos, e, junto a eles, os reais motivos que envolveram o embelezamento, os banheiros públicos e a maravilha da cidade do Rio de Janeiro.

Referências

AMERICAN'S STORY. **The Sousa Band.** Disponível em: <http://www.americaslibrary.gov/aa/sousa/aa_sousa_band_1.html>. Acesso em: 14 jan. 2017.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO RIO DE JANEIRO – **Acrio.** A casa de Mauá. Disponível em: <<http://www.ac.rio/a-acrj/conheca-a-casa-de-maua/>>. Acesso em: 28 out. 2016.

AZEREDO, M.A, et al. **Saneamento: Principais acontecimentos da História do Saneamento no Município do Rio de Janeiro (1863/2007).** Revista Internacional do Conhecimento, v. 3, n. 5, 2012. Disponível em: <<https://revistainternacionaldoconhecimento.wordpress.com/2010/12/13/saneamento-principais-acontecimentos-da-historia-do-saneamento-no-municipio-do-rio-de-janeiro-18632007/>>. Acesso em: 29 out. 2016.

AZEVEDO, C.E.F, et al. **A Estratégia de Triangulação: Objetivos, Possibilidades, Limitações e Proximidades com o Pragmatismo.** IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade. 2013. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq_2013/2013_EnEPQ5.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2016.

BARBOSA, L. R, PORTO F. **Cultura dos cuidados afro-brasileiros: barbeiro-sangrador do Brasil imperial e legado para enfermagem.** Relatório de pesquisa. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

BARANOV, T. **A música nacional e internacional no Brasil do século XX.** GGN – O jornal de todos os brasis. 2014. Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/fora-pauta/a-musica-nacional-e-internacional-no-brasil-do-seculo-xx>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

BARDI, L.B. **O teatro de bonecos no Rio de Janeiro da Belle-Époque.** Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://200.156.24.171/espacoteatral_teste/textos/espaco-teatral/o-teatro-de-bonecos-no-rio-de-janeiro-da-belle-epoque>. Acesso em: 14 jan. 2017.

BENCHIMOL, J. L. **Pereira Passos: Um Hausmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX.** Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992. Disponível em:<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204210/4101387/pereira_passos_haussmann_carioca.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2016.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco zero, 1983.

_____. **Esboço de uma teoria da prática.** In: ORTIZ, R. (Org.) Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo: Ática. 1983b.

_____. Efeito de lugar. In: Bourdieu, Pierre (Org). **A miséria do mundo.** Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos.** 3ª ed. Porto Alegre: Zouk, 2015.

BRENNA, G.R. Del (org.). **O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma cidade em questão II**. São Paulo: Index, 1985.

BUENO, E. **À sua Saúde – A Vigilância Sanitária na História do Brasil**. Brasília: Ministério da Saúde: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2005.

_____. **Passado a limpo: história da higiene pessoal no Brasil**. São Paulo: Gabarito de Marketing Editorial, 2007.

BURKE, P. **Testemunha ocular – história e imagem**. São Paulo: Edusc, 2004.

_____. **O que é história cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CARVALHO, L.A. **Habitações Populares**. 2. ed. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Carioca, 1995.

CEDAE. **Tratamento de Esgotos**. Disponível em: <<http://www.cedae.com.br/>>. Acesso em: 15 set. 2014.

CERRI, F.L; SILVA, J.A. **Norbert Elias e Pierre Bourdieu: biografia, conceitos e influências na pesquisa educacional**. Revista Linhas, Florianópolis, v.14, n. 26, jan/jun. 2013. P. 171-198. Disponível em:<<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1984723814262013171/2538>> Acesso em 16 dez. 2017.

CHALHOUB, S. **Cidade Febril – Cortiços e Epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHIQUINHA GONZAGA. Acervo digital. **Ó abre Alas**. Disponível em: <http://www.chiquinhagonzaga.com/acervo/?musica=o-abre-alas>. Acesso em 14 jan. 2017.

CIFRANTIGA. **A conquista do ar (Santos Dumont)**. 2006. Disponível em: <<http://cifrantiga3.blogspot.com.br/2006/03/conquista-do-ar-santos-dumont.html>>. Acesso em: 14 jan. 2017.

DA SILVA, J.S, a. **Os esgotos do Rio de Janeiro. História do sistema de esgotos sanitários da cidade do Rio de Janeiro, 1857-1997**, volume I. Rio de Janeiro: Centro Cultural da SEAERJ, 2002.

DENZIN, N.K, LINCOLN, Y.S. **Handbook of qualitative research**. 2ª ed. London: Sage Publications, 2005. Disponível em: <<http://nersp.nerdc.ufl.edu/~ufruss/documents/ryanandbernard.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

De PAOLI, P. **Entre Relíquias e Casas Velhas: A arquitetura das reformas urbanas de Pereira Passos no Centro do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Rio Book's, 1ª ed., 2013.

DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. 2ª edição. FGV: 1897.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. **Origem das Palavras**. Disponível em: <<http://www.dicionarioetimologico.com.br/>>. Acesso em: 29 out. 2016.

DINIZ, E. **Biografia – Chiquinha Gonzaga**. 2011. Disponível em: <<http://chiquinhagonzaga.com/wp/biografia/>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

E-BIOGRAFIA. **Biografia de Joaquim Manoel de Macedo**. 2016. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/joaquim_manuel_de_macedo/>. Acesso em: 15 maio 2017.

_____. **Biografia de Coelho Neto**. 2015. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/coelho_neto/>. Acesso em: 15 maio 2017.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v.I.

ENDERS, A. **A história do Rio de Janeiro**. 3ªed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2015.

FERNANDES, N. N. **O carnaval e a modernização do Rio de Janeiro**. Revista geopaisagem (on-line), Rio de Janeiro, ano 2, n. 4, p. 1-36, jul-dez. 2003. Disponível em: <<http://www.feth.ggf.br/carnaval.htm>>. Acesso em: 14 jan. 2017.

FERREZ, G. **A muito leal e histórica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro: quatro séculos de expansão e evolução**. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro: Museus Castro Maya, 2015.

FERRO, C. **Inválidos só no nome – A origem de uma das ruas mais conhecidas do Rio**. Revista História.com.br. 2011. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/invalidos-so-no-nome>>. Acesso em: 29 out. 2016.

FONSECA, E. F. R.; PORTO, F. **Fac-símile na pesquisa em história da enfermagem obstétrica: Inauguração da capela da Pró-Matre (1923)**. Revista de pesquisa cuidado é fundamental, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 1495-1505, out/dez. 2010. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1315/pdf_236>. Acesso em: 17 out. 2012.

FRANCO, O. **A história da febre amarela no Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Brasileira, 1969**. Disponível em: <http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/0110historia_febre.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2016.

FREIRE, Q.G. **Diário do Rio. Tiradentes e a Confeitaria Colombo**. 2009. Disponível em: <<http://diariodorio.com/tiradentes-e-a-confeitaria-colombo/>>. Acesso em: 29 out. 2016.

GERSON, B. **Histórias das Ruas do Rio**. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2013.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

GOMES, L. **1808 – Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil**. São Paulo: Globo - 3 ed. rev. ampl, 2014.

HOLANDA, A. B. **Mini Aurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

IDENTIDADES DO RIO. 1779-1790: **D. Luís de Vasconcelos e Souza**. Disponível em: <<http://www.pensario.uff.br/texto/1779-1790-d-luis-de-vasconcelos-souza>>. Acesso em: 06 jan. 2018.

KOK, G. **Rio de Janeiro na época da Av. Central**. São Paulo: Bei Comunicação, 2005.

KORYTOWSKI, I. **LITERATURA & RIO DE JANEIRO – Qual a origem da expressão “Cidade Maravilhosa”?** Disponível em: <<http://literaturaeriodedejaneiro.blogspot.com.br/2003/03/qual-origem-da-expressao-cidade.html>>. Acesso em 03 dez. 2015.

LARAIA, R.B. **Cultura – um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LYRICS VAULT. **Ma blushin' Rosie**. Disponível em: <<http://www.lyricsvault.net/php/artist.php?s=35424#ixzz4UXYfeOGe>>. Acesso em: 14 jan. 2017.

LUCENA, F. **Três teatros históricos do centro do Rio**. 2015. Disponível em: <<https://diariodorio.com/tres-teatros-historicos-do-centro-do-rio/>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

_____. **História do Hospital Souza Aguiar**. 2016. Disponível em: <<http://diariodorio.com/histria-do-hospital-municipal-souza-aguiar/>>. Acesso em 14 jan. 2017.

MACEDO, J.M. **Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro**. RJ: Livraria Garnier, 1991.

MARQUES, E.C. **Da higiene a construção da cidade: o Estado e o Saneamento no Rio de Janeiro**. História, Ciência, Saúde – Manguinhos, v. 2, n. 2, p. 51-67, 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v2n2/a04v2n2.pdf>>. Acesso em 29 out. 2016.

MARTINS, L.A.P.; MARTINS, R.A. **Infecção e higiene antes da teoria microbiana: a história dos miasmas**. Disponível em: <<http://www.ghsc.usp.br/server/pdf/ram-Miasmas-Sci-Am.PDF>>. Acesso em: 14 maio 2017.

MEMÓRIA VIVA. **Teatro Lyrico**. 2006. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/memoriaviva/178702278>>. Acesso em: 15 maio 2017.

MESQUITA, C. **Souza Aguiar**. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/AGUIAR,%20Sousa.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2018.

MORAES, C. **O Rio de Janeiro de antigamente**. 2011. Disponível em: <<http://oriodeantigamente.blogspot.com.br/2011/01/praca-da-republica.html>>. Acesso em 10 abr. 2018.

MOREIRA, H.J.F, *et al.* **O Museu da Escola Politécnica e sua coleção**. Disponível em: <<http://www.mast.br/projetovalorizacao/textos/cole%C3%A7%C3%B5es%20luso-brasileiras/08%20O%20MUSEU%20DA%20ESCOLA%20POLIT%C3%89CNICA%20E%20SUA.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2016.

NAKAMURA, D. B, *et al.* **“Choro”, a história do estilo musical totalmente brasileiro**. 2002. Disponível em:

<<http://www.revelacaoonline.uniube.br/a2002/cultura/choronovo.html>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

NOGUEIRA, M.A; NOGUEIRA C.M.M. **Bourdieu & a Educação**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

OLIVEIRA, J.L. **Pequena história do carnaval carioca. De suas origens aos dias atuais**. Revista Encontros, Rio de Janeiro, v. 10, n. 18, p. 61-85, 1º semestre 2012. Disponível em: <<http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/encontros/article/view/343>>. Acesso em 14 jan. 2017.

OLIVEIRA, M.L. **Patápio Silva, o sopro da arte. Trajetória de um flautista mulato no início do século XX**. Trabalho de Conclusão de Curso [Pós Graduação em História]. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/103168/243200.pdf?sequence=>. Acesso em: 14 jan. 2017.

ORTIZ, R. **Cultura e Modernidade: a França no século XIX**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1991.

PAIVA, E.F. **História e Imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PANOFISKY, E. **Iconografia e Iconologia: Uma introdução ao estudo da arte da Renascença**. In: Significado nas Artes Visuais. Tradução: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2ª ed., 1986.

PARDAL, P. BRASIL, 1792: **Início do Ensino da Engenharia Civil e da Escola de Engenharia da UFRJ**. Rio de Janeiro: Construtora Norberto Odebrecht e Companhia Brasileira de Projetos e Obras, 1985.

PASSEIO PÚBLICO. **Construção e inauguração**. 2017. Disponível em: <<http://www.passeiopublico.com/construcao.asp>>. Acesso em: 15 maio 2017.

PATTON, M.Q. **Qualitative research & evolution methods**. 3 ed. London: Sage Publications, 2002. Disponível em: <<https://people.ucsc.edu/~ktellez/Patton2003.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

PIMENTEL, J.G. **Pequenas Histórias – Cidade Maravilhosa**. Disponível em: <http://www.jgpimentel.com.br/textos_siteview.asp?showmaster=1&sub_id=122&id=361&id_texto=361&key_m=361&ft_m=361&id_cat=9>. Acesso em: 15 set. 2014.

PINHEIRO, M.C.; FIALHO Jr, R. **Pereira Passos: Vida e Obra**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/2376_Pereira%20Passos%20vida%20e%20obra.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2016.

PORTAL AUGUSTO MALTA. **Augusto Malta, dono da memória fotográfica do Rio**. Disponível em: <<http://portalaugustomalta.rio.rj.gov.br/blog-post/augusto-malta-dono-da-memoria-fotografica-do-rio>>. Acesso em: 08 fev. 2016.

PORTAL G1. **Naquele tempo: Cordões carnavalescos eram reprimidos pela polícia**. 2013. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/lado-a-lado/Fique-por-dentro/naquele->

<tempo/noticia/2013/02/naquele-tempo-cordoes-carnavalescos-eram-reprimidos-pela-policia.html>>. Acesso em: 14 jan. 2017.

PORTO, F.; SANTOS, T. C. F. **Pesquisa Fotográfica**. In: OGUISSO et al. Pesquisa em História da Enfermagem. Barueri, SP: Manole, 2011. p. 377-400

REVEL, J. **Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado**. Revista Brasileira de Educação: v. 15, nº 45, set/dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v15n45/03.pdf>>. Acesso em 16 dez. 2017.

RIO DE JANEIRO AQUI. **Arcos da Lapa ou Aqueduto da Carioca 1790**. Disponível em:<<http://www.riodejaneiroaqui.com/portugues/arcos-da-lapa-1-1790.html>>. Acesso em 16 dez. 2017a.

_____. **Beco dos Barbeiros**. Disponível em:<<http://www.riodejaneiroaqui.com/portugues/beco-dos-barbeiros.html>>. Acesso em 22 jan. 2017b.

_____. **Praça Tiradentes**. Disponível em:<<http://www.riodejaneiroaqui.com/portugues/praca-tiradentes.html>>. Acesso em 16 dez. 2017c.

_____. **Praça XV**. Disponível em:<<http://www.riodejaneiroaqui.com/portugues/praca-15.html>>. Acesso em: 29 out. 2016d.

SANTOS, A. M. S. P.; MOTTA, M. S. O “bota-abaixo” revisitado: o Executivo municipal e as reformas urbanas do Rio de Janeiro (1903-2003). **Revista Rio de Janeiro**, n. 10, p.5-40, maio-ago. 2003. Disponível em: <http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_10/10-Angela-Marly.pdf>. Acesso em: 14 set. 2014.

SANTOS, T. C. F.; BARREIRA I. E.; SAUTHIER, J. **A fotografia como fonte primária na pesquisa em história da enfermagem**. Revista Escola de Enfermagem Anna Nery, Rio de Janeiro, v.3, n.1, p. 72-84, abr. 1999.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, K.V; SILVA, M.H. **Dicionário de conceitos históricos**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SOUZA, F. G. **O belo e o feio na obra de Augusto Malta**. Disponível em: <<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Fernando%20Gralha%20de%20Souza.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2014.

THEATRO DO CENTRO HISTÓRICO DO RIO DE JANEIRO. **Imperial teatro São Pedro de Alcântara**. 2017. Disponível em: <<http://www.ctac.gov.br/centrohistorico/TeatroXPeriodo.asp?cod=40&cdP=14>>. Acesso em: 14 jan. 2017.

THEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO. **História**. Disponível em: <<http://www.theatromunicipal.rj.gov.br/sobre/historia/>>. Acesso em: 14 jan. 2017.

TODA MATÉRIA. **Rodrigues Alves.** Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/rodrigues-alves/>>. Acesso em: 31 mar. 2018.

TROSTLE, J.A. **Epidemiologia e cultura.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013.

VAZ, L.F. **Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos – a modernização da moradia no Rio de Janeiro.** *Análise Social*, p. 581-597, 1994. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223377187I6iYL2uw3Xe43QN7.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2016

_____. **Modernidade e Moradia: Habitações coletivas no Rio de Janeiro – séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

ZAPPELLINI, M.B.; FEUERSCHÜTTE, S.G. **O uso da triangulação na pesquisa científica brasileira em administração.** *Revista administração: ensino e pesquisa*, Rio de Janeiro, v.16, n. 2, p. 241-273, 2015. Disponível em: <<https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/238/183>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

ZOTTI, Solange Aparecida. **O currículo do ensino secundário e a formação das elites republicanas.** In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz.* Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1553.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

Fontes históricas

- **Hemeroteca Digital**

Fac-símile n.º 01. *Revista Ilustrada. Charge.* Rio de Janeiro, p. 04, 1892. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=332747&PagFis=1576&Pesq=febre%20amarela>>. Acesso em: 15 maio 2017.

Fac-símile n.º 02. *Revista Ilustrada. Charge.* Rio de Janeiro, p. 05, 1889. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=332747&PagFis=1576&Pesq=febre%20amarela>>. Acesso em: 15 maio 2017.

Fac-símile n.º 03. **Cortiço carioca.** Site arte, cultura e literatura, 2012. Disponível em: <<http://arteculturaeliteratura.blogspot.com.br/2012/09/a-telenovela-lado-lado-e-o-resgate.html>>. Acesso em 6 jun. 2017.

Fac-símile n.º 04. **A construção da Avenida Central, 1904.** KOK, 2005.

Fac-símile n.º 05. **Avenida Central, 1906.** Foto de Augusto Malta. KOK, 2005.

Fac-símile n.º 07. *REVISTA DA SEMANA. Modas da Revista.* Revista da Semana, Rio de Janeiro, p. 12, 18 set. 1904.

Fac-símile n.º 08. **Avenue des Champs Èlysées, 1900.** Espaço Morgenlicht. Disponível em: <<https://espacomorgenlicht.wordpress.com/2013/09/02/o-rio-que-queria-ser-paris/>>. Acesso em: 17 set. 2017.

Fac-símile n.º 09. **Avenida Central, 1906.** Sala Geo. Disponível em: <<https://salacristinageo.blogspot.com.br/2014/03/bota-abaixo-historia-da-reforma-urbana.html?view=magazine>>. Acesso em 17 set. 2017.

Fac-símile n.º 10. PASSEIO PÚBLICO. **Lagoa do Boqueirão**. 2017. Disponível em: <<http://www.passeiopublico.com/construcao.asp>>. Acesso em: 15 maio 2017.

Fac-símile n.º 11. RIO ANTIGO. **Passeio Público do início do século XX**. 2017. Disponível em: <<https://rioantigo-imagensehistorias.blogspot.com.br/2014/09/passeio-publico-inicio-sec-xx.html?spref=pi>>. Acesso em: 15 maio 2017.

Fac-símile n.º 12. **Aquário de águas salgadas**. Disponível em: <<http://www.passeiopublico.com>>. Acesso em: 15 maio 2017.

Fac-símile n.º 13. O PAIZ. **Club de S. Christovão**, Rio de Janeiro, p. 02, 16 fev. 1904. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 05 jan. 2017.

Fac-símile n.º 14. Jornal do Brasil. **Carnaval**. Rio de Janeiro, p. 02, 16 fev. de 1904. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 05 jan. 2017.

Fac-símile n.º 15. O Paiz. **Uma obra política Rio de Janeiro**. p. 01, 04 maio 1904. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 05 jan. 2017.

Fac-símile n.º 16. O Malho. **Na inauguração da Avenida Beira Mar**. Rio de Janeiro, p. 30, 24 nov. 1906. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 05 jan. 2017.

Fac-símile n.º 17. JORNAL DO BRASIL. **Conselho Municipal: actos do atual Conselho**. Rio de Janeiro, p. 04, 5 nov. 1904. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 05 jan. 2017.

Fac-símile n.º 18. JORNAL DO BRASIL. **Prefeitura**. Rio de Janeiro, p.01, 27 maio 1903. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 06 jan. 2017.

Fac-símile n.º 19. JORNAL DO BRASIL. **Prefeitura**. Rio de Janeiro, p.01, 14 abr. 1904. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 06 jan. 2017.

Fac-símile n.º 20. JORNAL DO BRASIL. **Exposição de S. Luiz**. Rio de Janeiro, p. 01, 23 jan.1903. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 06 jan. 2017.

Fac-símile n.º 21. GAZETA DE NOTÍCIAS. **Prefeitura**. Rio de Janeiro, p.01, 30 jul.1904. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 06 jan. 2017.

Fac-símile n.º 22. JORNAL DO BRASIL. **Prefeitura**. Rio de Janeiro, p.02, 28 nov. 1905. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 07 jan. 2017.

Fac-símile n.º 23. A NOTÍCIA. Rio de Janeiro, p.02, 13 abr. 1904. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 07 jan. 2017.

Fac-símile n.º 28. A NOTÍCIA. **Ministério da Fazenda**. Rio de Janeiro, p.02, 27 abr. 1903. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 07 jan. 2017.

Fac-símile n.º 29. JORNAL DO BRASIL. **Prefeitura**. p.01, 24 jul. 1905. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 10 jan 2017.

Fac-símile n.º 30. JORNAL DO BRASIL. **Prefeitura**. Rio de Janeiro, p.02, 19 jan.1905. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 10 jan. 2017.

Fac-símile n.º 33. GAZETA DE NOTÍCIAS. **Festividades**. Rio de Janeiro, p. 02, 10 mar.1904. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 07 jan 2017.

Fac-símile n.º 34. CORREIO DA MANHÃ. **Relação do Estado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, p. 03, 05 ago. 1903. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 07 jan. 2017.

Fac-símile n.º 36. JORNAL DO BRASIL. **Queixas do povo**. Rio de Janeiro, p.03, 07 jul. 1904. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 10 jan. 2017.

Fac-símile n.º 37. TAGARELA. Rio de Janeiro, p.05, set. 1903. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 10 jan 2017.

Fac-símile n.º 38. TAGARELA. Rio de Janeiro, p.05, set. 1903. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 10 jan. 2017.

Fac-símile n.º 39. CORREIO DA MANHÃ. **O projecto Mello Mattos**. Rio de Janeiro, p.01, 20 out. 1903. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 10 jan 2017.

Fac-símile n.º 40. JORNAL DO BRASIL. **Queixas do povo**. Rio de Janeiro, p.03, 17 maio 1904. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 10 jan. 2017.

Fac-símile n.º 41. JORNAL DO BRASIL. **Queixas do povo**. Rio de Janeiro, p.03, 31 jul. 1904. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 15 jan. 2017.

Fac-símile n.º 42. JORNAL DO BRASIL. **Queixas do Povo**. Rio de Janeiro, p.02, 14 ago. 1904. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 15 jan 2017.

Fac-símile n.º 43. O PAIZ. **Lorotas**. Rio de Janeiro, p. 02, 11 jun. 1903. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 15 jan. 2017.

Fac-símile n.º 44. JORNAL DO BRASIL. **O foro**. Rio de Janeiro, p.02, 10 maio 1905. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 15 jan. 2017.

Fac-símile n.º 45. JORNAL DO BRASIL. **O foro**. Rio de Janeiro, p.02, 10 maio 1905. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 15 jan. 2017.

Fac-símile n.º 46. Correio da Manhã. **Falta de higiene**. Rio de Janeiro, p. 02, 20 out. 1905. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 15 jan. 2017.

Fac-símile n.º 47. GAZETA DE NOTÍCIAS. **7 de setembro**. Rio de Janeiro, p.02, 7 set. 1904.

Fac-símile n.º 48. JORNAL DO BRASIL. Prefeitura. Rio de Janeiro, p.02, 13 abr. 1905.

Fac-símile n.º 49. CORREIO DA MANHÃ. **Prefeitura**. Rio de Janeiro, p. 03, 24 mar. 1905. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 15 jan. 2017.

Fac-símile n.º 50. CORREIO DA MANHÃ. **Alfandega**. Rio de Janeiro, p. 04, 01 ago. 1905. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 15 jan. 2017.

Fac-símile n.º 51. GAZETA DE NOTÍCIAS. **Despachos e notícias: Prefeitura**. p. 20, 30 set. 1903. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 15 jan 2017.

Fac-símile n.º 52. GAZETA DE NOTÍCIAS. **Prefeitura do Distrito Federal: Actos do Poder executivo**. Rio de Janeiro, p.04, 16 out. 1904. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 15 jan. 2017.

Fac-símile n.º 53. CORREIO DA MANHÃ. **E. F. Central do Brasil**. Rio de Janeiro, p. 03, 30 set. 1903. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 15 jan 2017.

Fac-símile n.º 54. JORNAL DO BRASIL. **Annuncios**. Rio de Janeiro, p.04, 11 maio 1902. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 20 jan. 2017.

Fac-símile n.º 55. GAZETA DE NOTÍCIAS. **Salvini**. Rio de Janeiro, p.02, 27 jul. 1907. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 20 jan. 2017.

Fac-símile n.º 56. JORNAL DO BRASIL. **O Bifi**. Rio de Janeiro, p.04, 06 abr.1908. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 20 jan. 2017.

- **Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**

Fac-símile n.º 06. **Avenida Central**. Foto de Augusto Malta. Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Fac-símile n.º 24. **Mictório no Jardim da Praça da República, Centro – RJ**. Foto de Augusto Malta. Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Fac-símile n.º 26. **Ins. Sanitária Praça da República – RJ**. Foto de Augusto Malta. Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Fac-símile n.º 31. **Ins. Sanitária da Praça 15 de Novembro**. Foto de Augusto Malta. Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Fac-símile n.º 32. **P. Sanitário para mulheres na Praça Tiradentes**. Foto de Augusto Malta. Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

- **Rede social (Facebook)**

Fac-símile n.º 25. FACEBOOK. **Les toilettes publiques de 1860 à nos jours**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.10151734482319639.1073741858.207251779638&type=1>>. Acesso em 09 set. 2015.

Fac-símile n.º 27. FACEBOOK. **Les toilettes publiques de 1860 à nos jours**. Disponível em: <

<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.10151734482319639.1073741858.207251779638&type=1>>. Acesso em 09 set. 2015.

JORNAL DO SÉCULO. **Proibido cuspir nos bondes. Rio de Janeiro**, p. 01, 1903. Disponível em: <
<https://www.facebook.com/CPDoc.JB/photos/a.306269349419697.74490.184324161614217/307530412626924/?type=3&theater>> Acesso em 16 dez. 2017.

- **Jornais**

A NOTÍCIA. **Mattas, jardins, arborização, caça e pesca**. Rio de Janeiro, p. 05, 20 set 1906. Disponível em: < <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 04 jan. 2017.

JORNAL DO BRASIL. **Prefeitura**. Rio de Janeiro, p. 02, 13 abr. 1905. Disponível em: < <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 07 jan. 2017.

JORNAL DO BRASIL. **Prefeitura**. Rio de Janeiro, p. 01, 28 jun. 1904. Disponível em: < <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

- **Outros meios digitais**

Fac-símile n.º 35. **Trecho da planta da cidade do Rio de Janeiro no final da gestão de Pereira Passos**. Disponível em: <
<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0300k6f027.htm#fim>>. Acesso em 19 set. 2017.